

COMO FALAR COM ESTRANHOS EM CASA:

moradia estudantil no centro de São Paulo

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

**COMO FALAR COM
ESTRANHOS EM CASA:**
moradia estudantil no centro de São Paulo

Orientadora
Marta Vieira Bogéa

Arthur Venâncio Vernacci
São Paulo, 2020

Agradecimentos

Agradeço à Marta pela orientação e pelos atendimentos sempre leves e divertidos, que tornaram esse ano de trabalho mais prazeroso.

Aos amigos que me acompanharam nestes anos de graduação, em especial Adriana, Amanda, Bruno, Caroline, Cinthya, Flora, Giovanni, Laisa, Laura, Luciana, Maurício, Mateus e Renato.

Ao Caio pela companhia, carinho e produção das imagens deste caderno.

Por fim, agradeço aos meus pais e à minha irmã por todo seu suporte.

09 INTRODUÇÃO

12 A SOLIDÃO, AS AMIZADES E O ESPAÇO

30 UM MODO DE MORAR

50 O LUGAR

68 O PROJETO

140 CONSIDERAÇÕES FINAIS

142 REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu de uma inquietação provocada pela leitura de alguns artigos, sobre os efeitos devastadores da solidão e sobre as amizades na vida adulta. Passei a me perguntar como o espaço construído influencia as relações interpessoais.

Me aproximei destas questões, primeiro com base nos trabalhos de Leon Festinger, Stanley Schachter e Kurt Back sobre a formação das relações interpessoais, presente em *Social Pressures in Informal Groups* (1950) e de Grace Kim, sobre as casas comuns de cohousings dinamarqueses em *Designing the Common House* (2006).

Interessado em projetar um lugar usufruindo também da fase de vida em que estou, parti destas leituras para o estudo do programa do Concurso Nacional de Moradia Estudantil da Unifesp, que se tornou ponto de partida para o projeto de um equipamento de habitação estudantil com térreo público no centro de São Paulo.

O projeto que proponho explora como o desenho pode tornar os espaços comuns de uma habitação mais convidativos e mais propícios para a ocorrência de uma série de encontros casuais e involuntários, que podem evoluir para relações interpessoais mais profundas, como a amizade.

Para apresentar os resultados deste ano de trabalho, o documento se divide em quatro partes principais. Na primeira são abordados os textos que ajudaram a fundamentar o projeto. Na segunda são introduzidos o programa e estudos das principais referências de projeto. Na terceira é feita a análise do local de projeto. Finalmente, na última seção apresento o projeto.

**A SOLIDÃO,
AS AMIZADES
E OS ESPAÇOS**

“A atitude espiritual dos habitantes da cidade grande uns com os outros poderia ser denominada, do ponto de vista formal, como reserva. Se o contato exterior constante com incontáveis seres humanos devesse ser respondido com tantas quantas reações interiores — assim como na cidade pequena, na qual se conhece quase toda pessoa que se encontra e se tem uma reação positiva com todos —, então os habitantes da cidade grande (...) cairiam em um estado anímico completamente inimaginável.”

Georg Simmel

“Na hierarquia dos relacionamentos, amizades estão embaixo. Parceiros românticos, pais, filhos — todos esses vêm primeiro.”

Julia Beck

A SOLIDÃO

1903. Neste ano, o sociólogo alemão profere um discurso em uma conferência, por ocasião da Exposição das Cidades, em Dresden, publicado sob o nome de *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*, do qual o trecho acima foi retirado.

O nascimento das grandes cidades trazia uma novidade até então excitante e inimaginável: a possibilidade de encontros variados, interação com desconhecidos e um potencial de sociabilidade. Georg Simmel, fugindo do elogio ao cosmopolitismo e das metrópoles, fala de um senso de desconfiança, de reserva. Os inúmeros olhares e contatos exteriores não suscitam uma quantidade correspondente de conversas e reações interiores.

Não é uma surpresa que o problema persista até hoje. Talvez surpresa seja o fato de a solidão ter se tornado um dos grandes problemas de saúde pública, lado a lado com obesidade, violência doméstica e abuso de substâncias (JONG, 2016).

Um estudo (HOLT-LUNSTAD et al. 2015) revela que tanto a solidão — definida como o nível de satisfação com as conexões sociais — quanto o isolamento físico estão associados com o aumento do risco de mortalidade precoce. Os resultados mostraram-se consistentes independentemente do gênero, região ou idade (até 65 anos).

A falta de conexão social pode ter seus riscos equiparados aos de fumar 15 cigarros ao dia ou ser alcoólatra. Pode ser duas vezes mais prejudicial à saúde física e mental do que a obesidade.

Não cabe aqui compilar todos os estudos e pesquisas sobre os efeitos devastadores da solidão, apenas reconhecer autores e abordagens no interesse das reflexões para esse trabalho, à luz também do que é constantemente relatado como um antídoto para a solidão.

AS AMIZADES

Amizades são uma forma de relacionamento com uma característica única: nós escolhemos ser parte dele. Mesmo sendo uma forma de relacionamento voluntário, como casamentos e namoros, não há uma estrutura formal que as define.

A natureza da amizade torna-a sujeita aos caprichos da vida, de um modo que relacionamentos mais formais não são. À medida que as pessoas crescem e a vida se torna mais acelerada, as prioridades e as responsabilidades mudam e, naturalmente, as amizades mudam, muito associadas ao cotidiano e à fase vivida.

Amizades são relações que escolhemos fazer e manter. E escolher manter as amizades torna-se um esforço, afinal é muito mais simples cancelar um encontro com um amigo do que uma viagem de trabalho. (BECK, 2015)

William Rawlins, professor de comunicação interpessoal da Universidade de Ohio, em entrevista para Julie Beck em 2015, diz que “o aspecto realmente agriado é que a vida de jovens adultos começa com todo esse tempo para amizade e amizade possui uma exuberante e profunda importância para perceber quem somos e o que vem a seguir. E você descobre no fim dessa fase que você não tem mais tempo para estas mesmas pessoas que te ajudaram a tomar todas essas decisões.”

Em um conjunto de entrevistas que realizou em 1994 com adultos americanos sobre suas amizades, Rawlins escreveu que “uma ironia quase tangível permeou as discussões de amizades próximas ou ‘reais.’”. Os entrevistados definiram amizade como “estar ali” para uns com os outros, mas raramente tem tempo para se encontrar. “Amigos que viviam a uma pequena distância descobriram que marcar encontros para passar ou compartilhar tempo juntos era essencial. Muitos comentaram, entretanto, que estas ocasiões eram mais mencionadas do que realizadas”, Rawlins relata (RAWLINS, 2015 em entrevista a Julie Beck para matéria do The Atlantic).

Chama atenção o fato de, mesmo morando próximos uns dos outros, os encontros serem tão difíceis e raros. Não deveria ser o contrário? Torna-se claro que a distância física não é o único fator a ser observado.

OS ESPAÇOS

No final dos anos 1940, os psicólogos Leon Festinger e Stanley Schachter e o sociólogo Kurt Back começaram a se perguntar como as amizades eram formadas.

Os pesquisadores estudaram habitações estudantis do Massachusetts Institute of Technology – MIT, os apartamentos de Westgate e Westgate West, locais onde os moradores tiveram pouco ou nenhum contato entre si antes de se mudarem e onde as amizades acabam sendo formadas por contatos breves e passivos. Se forem frequentes, os contatos podem fazer com que estranhos passem a se tornar conhecidos, acenando uns para os outros, depois passem a conversar e eventualmente, a ser amigos.

Estes encontros casuais e involuntários foram denominados contatos passivos: aqueles que são determinados pelos caminhos feitos para entrar ou sair de casa, por qualquer motivo, determinados pela estrutura física do local. Como percebido anteriormente, não é somente a distância física que define estes caminhos ou encontros, mas também a chamada distância funcional.

Visão do projeto de habitação Westgate, no Massachusetts Institute of Technology. Retirado de Social Pressures on Informal Groups.

Disponível em: <https://archive.org/details/socialpressuresioofest/>



Fig. 1. View of Westgate Housing Project, Massachusetts Institute of Technology

A distância física é a que pode ser medida e é um dos grandes determinantes dos contatos passivos, claro: quanto mais distantes dois apartamentos, menor a probabilidade de seus moradores se encontrarem e quanto mais próximos, maior a probabilidade. Ao sentar na varanda, levar o lixo para fora ou colocar as roupas para secar, maior a chance de encontrar seus vizinhos de porta do que alguém morando alguns blocos distante.

A distância funcional é aquela influenciada por fatores como o desenho de um edifício ou o relacionamento entre a posição de edifícios. São estes fatores que também determinam onde e como as pessoas vão se encontrar. Por exemplo, se há uma escada em cada ponta de um andar, há uma grande chance de pessoas que moram próximas às escadas raramente se encontrarem. Pode ser medida pelo número de contatos passivos que são encorajados pelo desenho.

As duas distâncias são intimamente relacionadas. Continuando o exemplo acima, o motivo de moradores de apartamentos próximos às escadas não se encontrarem é a distância da porta de casa à escada. Não há motivo para caminhar por um longo corredor e tomar outra escada se existe uma ao pé de seu apartamento.

Entretanto, existem casos em que as mesmas distâncias físicas levam a distâncias funcionais completamente diferentes. Um condomínio de casas em que as portas de entrada se viram para um pátio comum possuem uma distância funcional menor do que um condomínio com as casas na mesma posição, porém com suas entradas localizadas nos fundos ou viradas para ruas mais privativas. A chance de encontro entre vizinhos é muito menor.

Implantação do Westgate (à direita) e Westgate West (à esquerda). Retirado de Social Pressures on Informal Groups.

Disponível em: <https://archive.org/details/socialpressuresioofest/>

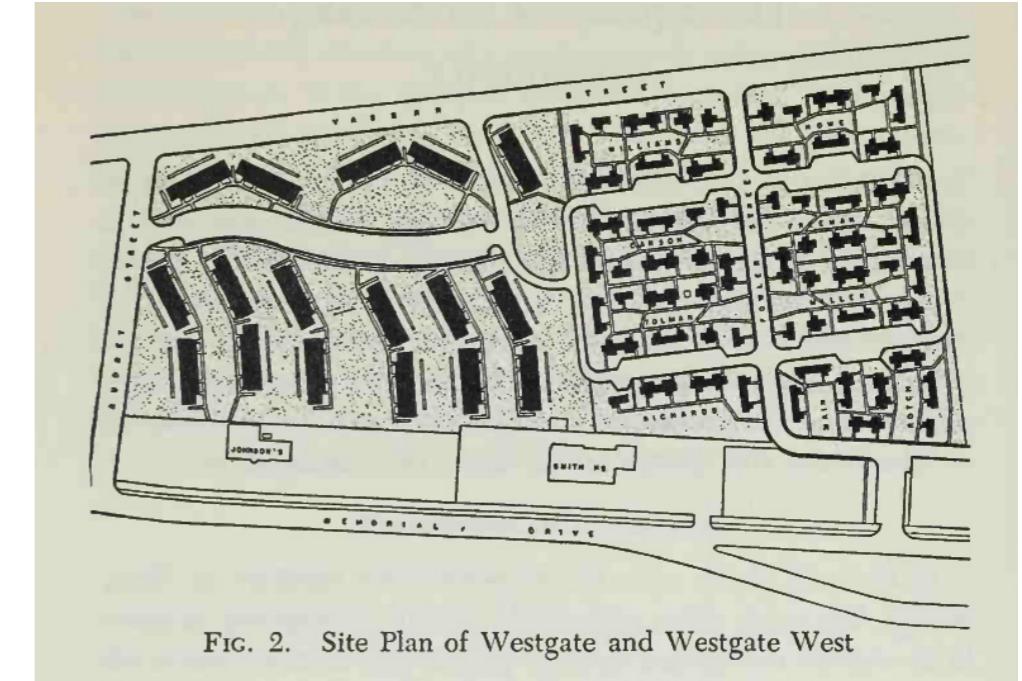


FIG. 2. Site Plan of Westgate and Westgate West

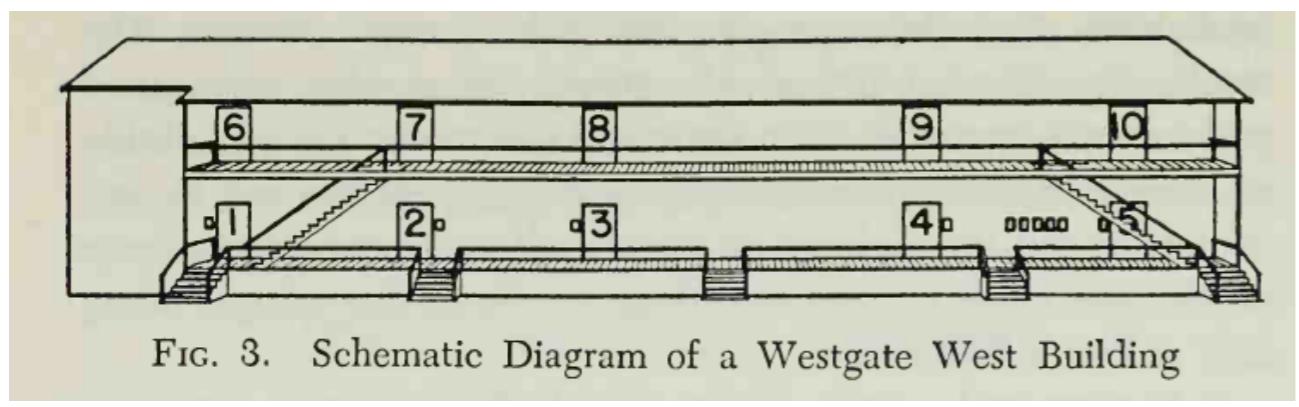


FIG. 3. Schematic Diagram of a Westgate West Building

Diagrama esquemático de um edifício do Westgate West. Retirado de Social Pressures on Informal Groups.

Disponível em: <https://archive.org/details/socialpressuresioofest/>

Para observar os efeitos da conformação do espaço na formação de amizades, os pesquisadores estudaram primeiro os edifícios do complexo Westgate West, composto de 10 apartamentos individuais. No esquema do edifício, apresentado acima, as entradas dos apartamentos são numeradas de 1 a 10. O acesso ao andar de cima se dá pelas escadas próximas aos apartamentos 1 e 5. A circulação horizontal é um corredor avarandado. As escadas e os corredores, portanto, são os únicos locais onde encontros passivos podem ocorrer dentro do edifício. Os apartamentos de 1 a 5 possuem uma caixa de correio ao lado da porta, enquanto as caixas de correio dos apartamentos de 6 a 10 estão agrupadas próximas ao apartamento 5.

As entradas dos apartamentos são separadas por aproximadamente 6 metros, com a exceção da distância entre os apartamentos 3 e 4 e entre os apartamentos 8 e 9, de aproximadamente 10 metros. A distância entre os apartamentos da extremidade é de 27 metros.

Para efeitos do estudo, considerou-se que a escada da direita termina exatamente na porta do apartamento 9 e que a distância entre quaisquer apartamentos vizinhos é de 1 unidade. Para medir a distância entre apartamentos de diferentes andares, adiciona-se um S. Então a distância entre 1 e 2 é de 1 unidade; entre 3 e 4, 1 unidade; entre 9 e 1, 2S. Quando existem duas rotas para o mesmo apartamento, considera-se a menor rota.

Os moradores dos 17 edifícios do Westgate West responderem a seguinte pergunta: Quais são as três pessoas em Westgate ou Westgate West que você mais interage socialmente?

Apesar do estudo ter sido realizado tanto em Westgate West, quanto em Westgate, aqui são reproduzidos os resultados e as conclusões do estudo do primeiro.

DISTÂNCIA FÍSICA

A primeira coluna da tabela abaixo apresenta a separação entre apartamentos. A segunda, apresenta a quantidade de respostas dadas para cada uma das distâncias. Como a quantidade de escolhas potenciais (terceira coluna) difere bastante de acordo com a separação entre apartamentos, calibrou-se o número de respostas pelo número de escolhas possíveis, resultando a quarta coluna.

Tabela 1 - Relação entre as escolhas sociométricas e a distância física em um pavimento de um edifício de Westgate West

Unidades de distância física	Número de escolhas	Número de escolhas possíveis	Respostas/Escó-lhas possíveis
1	112	8 x 2 x 17	41,2%
2	46	6 x 2 x 17	22,5%
3	22	4 x 2 x 17	16,2%
4	7	2 x 2 x 17	10,3%

Por exemplo, para apartamentos separados por 3 unidades, existem, em cada andar de cada edifício, 4 escolhas possíveis: 4-1, 2-5, 1-4 e 5-2. Portanto, o número de escolhas totais no universo da pesquisa é de 4 escolhas, multiplicado por 2 andares, multiplicado por 17 edifícios. Então, foram dadas 22 respostas de um máximo de 136, ou seja, 16,2% das escolhas possíveis.

Analizando a quarta coluna, fica clara a relação entre a distância física dos apartamentos e os relacionamentos entre os vizinhos: a probabilidade de interação entre moradores a uma unidade de distância é quase duas vezes maior do que a probabilidade de interação entre moradores distantes de duas unidades. A separação de meros 6 a 10 metros diminui pela metade a chance de interação.

Tabela 2 - Relação entre as escolhas sociométricas e a distância física entre pavimentos de um edifício de Westgate West

Unidades de distância física	Número de escolhas	Número de escolhas possíveis	Respostas/Escó-lhas possíveis
S	14	2 x 2 x 17	20,6%
1S	39	6 x 2 x 17	19,1%
2S	20	8 x 2 x 17	7,4%
3S	14	7 x 2 x 17	5,9%
4S	4	2 x 2 x 17	5,9%

A tabela 2 apresenta os mesmos dados para as interações sociais que se dão com moradores de diferentes pavimentos. A conclusão se mantém: quanto menor a distância física, maior a probabilidade de interação. Comparando as tabelas, nota-se que o número total de respostas é duas vezes maior para as interações que ocorrem no mesmo pavimento, demonstrando que entre pavimentos a probabilidade de interação é menor.

O fato da relação entre as distâncias e a porcentagem de escolhas possíveis não ser linear chamou a atenção dos pesquisadores. Há uma queda grande na porcentagem das escolhas entre 1 e 2 unidades e entre 1S e 2S unidades, sugerindo que a distância funcional também tem um papel determinante na construção das interações.

DISTÂNCIA FUNCIONAL

Os dados coletados pelos pesquisadores comprovam uma série de hipóteses sobre o impacto da distância funcional na quantidade de contatos passivos.

1. *As pessoas dos apartamentos 1 e 5 devem dar mais respostas aos/receber mais respostas dos moradores do andar superior do que os apartamentos 2, 3 e 4.*

É algo esperado, já que os apartamentos 1 e 5 estão localizados ao pé das escadas que levam ao andar superior e são os únicos apartamentos que os moradores do andar superior são obrigados a passar em frente. A tabela 3 apresenta as respostas dadas e recebidas pelos moradores do andar de baixo.

Tabela 3 - Escolhas sociométricas que moradores dos pavimentos inferiores dão para e recebem de moradores dos pavimentos superiores de um edifício de Westgate West

Posição do apartamento	1	2	3	4	5
Escolhas dadas para pavimento superior	13	5	8	6	11
Escolhas recebidas para pavimento superior	14	3	12	4	15

Os apartamentos da ponta têm uma média de 12 respostas, enquanto os apartamentos do meio têm uma média de 6,3, comprovando a primeira hipótese.

2. *Os apartamentos 1 e 6 devem compartilhar mais respostas entre si do que os apartamentos 2 e 7. O mesmo deve ocorrer no lado oposto do edifício.*

A distância física entre os apartamentos é exatamente a mesma (1S), porém, o morador do apartamento 6 deve obrigatoriamente passar pelo

apartamento 1, enquanto o morador do apartamento 7 não vai passar pelo apartamento 2, portanto devemos esperar mais contatos no primeiro exemplo e menos no último. Os resultados mostraram que os apartamentos 1 e 6 compartilham 11 respostas; os apartamentos 2 e 7 compartilham 4.

3. *O apartamento 7 deve escolher mais o apartamento 6 do que o 8; o apartamento 9 deve escolher mais o 10 do que o 8. O mesmo não ocorre no andar de baixo.*

Enquanto os apartamentos 6 e 7 usam a escada da esquerda e os apartamentos 9 e 10, a da direita, o apartamento 8 pode usar uma, outra ou as duas, portanto, mais contatos são esperados entre os pares de apartamentos que usam a mesma escada. As respostas de 7 para 6 e de 9 para 10 somam 19, mas 7 e 9 dão somente 10 respostas para 8.

Essa relação não é válida para o andar de baixo, já que cada apartamento possui uma escada logo em frente à porta.

4. *As respostas do andar superior dadas e recebidas pelo apartamento 1 devem se concentrar nos apartamentos 6 e 7, caindo em direção ao apartamento 10. O mesmo deve ocorrer no lado direito, porém a queda deve ser menor.*

Como já observado, os apartamentos 6 e 7 consistentemente utilizam a escada do lado esquerdo, e os apartamentos 9 e 10 as do lado direito. Mas, como a caixa de correio dos apartamentos do pavimento superior se encontra ao lado do apartamento 5, algumas interações ocorrem entre o apartamento 5 e os apartamentos 6, 7 e 8, o que não ocorre entre o apartamento 1 e os apartamentos 8, 9 e 10 com tanta frequência, como mostra a tabela 4.

Há uma observação que chama atenção. Na tabela 3, o apartamento 3 dá e recebe mais respostas do que os apartamentos 2 e 4, mesmo estando mais distante dos apartamentos superiores.

Não foi possível isolar este efeito com base nos dados, mas há uma analogia que ajuda a compreender essa observação.

Tabela 4 - Escolhas sociométricas que moradores dos apartamentos 1 e 5 dão e recebem

Posição do apartamento	6	7	8	9	10
Escolhas dadas por 1	6	4	2	1	0
Escolhas recebidas por 1	5	5	2	1	1
Escolhas dadas por 5	1	1	3	2	4
Escolhas recebidas por 5	2	1	4	3	5

Supondo que o edifício tivesse apenas um pavimento e os 5 apartamentos fossem equidistantes entre si, o apartamento do meio é o que apresenta as menores distâncias até os outros apartamentos, com a distância máxima de duas unidades. Os apartamentos da ponta possuem as maiores, com a distância máxima de 4 unidades.

Considerando que a probabilidade de encontro é menor quanto maior a distância entre apartamentos, o apartamento do meio é o que mais deve ter interações com os vizinhos.

Fica claro pelas demonstrações acima que o espaço e seu desenho são determinantes na produção de contatos passivos e na sua provável evolução para uma interação social mais frequente.

O espantoso é que talvez muitos de nós, que moramos em uma cidade grande, mal conhecemos nossos vizinhos.

Em apartamentos, podemos até encontrar vizinhos nos elevadores ou cruzar com eles no hall dos elevadores, mas estes espaços não foram pensados para favorecer a interação, mas simplesmente como distribuição da circulação horizontal para os apartamentos. São espaços fechados, estreitos, apertados. Mesmo que uma conversa comece nos corredores, ela não vai durar muito tempo neste ambiente desconfortável.

A situação seria outra se a circulação se voltasse para fora do edifício, com ventilação e iluminação naturais o suficiente para tornar a permanência agradável; se os corredores fossem largos o suficiente para que dois vizinhos possam conversar e ainda deixar o espaço para o outro vizinho

Circulação horizontal do edifício de habitação social Zilverzijde, Atelier Kempe Thill. Foto: Ulrich Schwarz

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/751204/habitacao-social-zilverzijde-atelier-kempe-thill>



Circulação horizontal do The Table Top Super Block and Tower, Kwong Von Glinow

Fonte: http://www.kwongvonglinow.com/Project%20Page/13_Table_Top_Super_Block.html



chegando com compras na mão, não se sentindo impelidos a interromper a conversa para deixar a passagem livre; se houvesse espaço para sentar em um pequeno banco ou uma cadeira, ou um gradil para se debruçar e olhar a vista.

COHOUSING

A ideia de criar um tipo de habitação em que a relação entre os vizinhos é ponto fundamental da experiência do morar foi desenvolvida na Dinamarca no final dos anos 1960, sob o nome de cohousing.

Cohousing consiste em uma comunidade de unidades habitacionais privadas, organizadas em torno de um espaço comum, na qual os moradores conhecem e cuidam um dos outros. Esse modelo de moradia se difere de outros por conta de sua intencionalidade: os membros se juntam para criar e compartilhar a vida em comunidade, participando inclusive do desenho dos espaços.

É nos espaços compartilhados que a vida da comunidade acontece. O mais notável destes espaços é a casa comum, um ambiente de programa variável, mas que normalmente inclui cozinha compartilhada, sala de refeições, sala de estar, lavanderia. É onde ocorrem principalmente refeições comunitárias, mas também encontros, confraternizações e outros momentos de lazer entre os residentes.

O sucesso de uma comunidade de cohousing está estreitamente ligado ao processo participativo dos moradores no momento de sua criação, gestão e manutenção. Reconhecido o papel da participação, é inegável que o desenho também é fundamental para garantir a qualidade dos espaços.

Com isto em mente, a arquiteta Grace Kim viajou à Dinamarca e visitou vinte e uma comunidades de cohousing com a intenção de investigar o que faz uma casa comum de sucesso, apresentando uma série de considerações sobre seu desenho. O resultado dessa experiência foi publicado em *Designing the Cohousing Common House* (KIM, 2006)

Kim observa que a casa comum deve ser uma espécie de coração da comunidade, que convida as pessoas para seu interior, de modo espontâneo. A casa comum tem um papel central na comunidade e, não por acaso, costuma servir de ponto de referência.

O edifício da casa comum costuma se diferenciar dos demais do ponto de vista arquitetônico. Pode ter um desenho único, cores e materiais diferentes, se encontrar elevada ou na posição central da comunidade, de modo que até mesmo quem visita a comunidade pela primeira vez sabe que aquele edifício tem papel e importância distintos dos demais.

Além disso, o posicionamento central da casa comum, a uma distância confortável de todos que serve, faz com que ela seja usada pelos moradores com maior frequência. Outra solução é o posicionamento em um local que todos os moradores eventualmente vão passar em algum ponto do dia, entrando ou saindo de suas casas. Importante notar que a casa comum,

Uso de azul vibrante para destacar a casa comum de Kilen das unidades, que apresentam revestimento externo de tijolos de cerâmica. Arquiteto: Jan Gudman Hoyer. Foto: schemata workshop

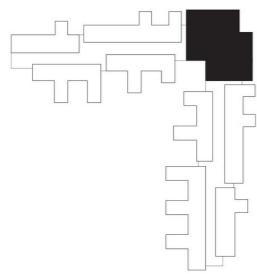
Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/blog/2019/cohousing-pattern-003-main-building>



Casa comum de Trudelund, situada no ponto mais alto do terreno, tornando o edifício ponto de referência. Arquiteto: Tegnestuen Vandkunsten. Foto: schemata workshop

Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/blog/2019/cohousing-pattern-003-main-building>





Casa comum de Jystrup Savvaerket, localizada na intersecção das ruas cobertas que a conectam com as unidades residenciais. Arquiteto: Tegnestuen Vandkunsten. Foto e desenho: schemata workshop

Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/blog/2019/cohousing-pattern-004-centrally-located-common-house>



neste caso, não pode se tornar um obstáculo à passagem, mas deve ser projetada de modo que um morador pode parar no caminho e observar o que está acontecendo; se desejar, pode entrar.

Por acomodar uma diversidade de programas, os ambientes de uma casa comum precisam de uma hierarquia. Existem espaços mais privados, onde é possível ficar sozinho lendo um livro; outros mais comuns, como uma sala de jantar ou cozinha. Espaços homogêneos, com o mesmo pé-direito, mesmo piso, mesma iluminação, não atendem às diferentes necessidades e usos das pessoas.

Estratégias como o projeto de alguns recantos, espaços mais reservados e abrigados, permitem a acomodação e a conciliação destes diferentes usos em um mesmo ambiente: ao mesmo tempo em que no ambiente principal outros moradores jantam, nestes recantos pode-se conversar ou até mesmo estudar. É um modo de realizar atividades mais íntimas ou solitárias, mas e, de certo modo, sentindo-se conectado com o restante dos moradores.

A variação do pé-direito dentro dos mesmos ambientes também proporciona efeito semelhante. Um menor pé-direito pode tornar um espaço mais aconchegante e íntimo, próprio para as atividades mais privadas.

Também é comum a existência de algum tipo de área externa adjacente ao edifício da casa comum, configurando outro tipo de ambiente que permite a realização de atividades diversas das do ambiente principal. E mais, por estar mais exposto, é uma espécie de convite à conversa para aqueles que estão passando por perto, um convite para compartilhar atividades que ocorrem do lado de dentro.

Sala de jantar de Trudelund, com um ambiente mais reservado, de menor pé-direito ao fundo. Arquiteto: Tegnestuen Vandkunsten. Foto: schemata workshop

Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/blog/2019/cohousing-pattern-004-communal-eating>



Casa comum de Blikfanget, com o desenho da cobertura e materialidade distintos das unidades residenciais ao fundo. A varanda, localizada junto da circulação permite a interação entre os moradores que estão dentro e fora da casa comum. Arquiteto: Tegnestuen Vandkunsten. Foto: schemata workshop

Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/blog/2019/cohousing-pattern-003-main-building>



O último dos pontos que desejo ressaltar é a importância das janelas. As casas comuns descritas pelos moradores como as mais confortáveis eram aquelas com janelas em pelo menos dois lados do edifício, iluminando e ventilando o ambiente. Iluminação que, além de facilitar o desenvolvimento de atividades, torna mais visível as expressões e gestos das pessoas, melhorando a qualidade das conversas.

Finalmente, as janelas (e varandas) são aqueles lugares que fazem o intermédio com o mundo do lado de fora, com a vida que acontece dentro das comunidades ou nas ruas. O contrário, observar as pessoas que estão na casa comum, quais atividades que estão realizando, também é fundamental.

COMO FALAR COM ESTRANHOS EM CASA?

Nossas casas podem ser mais do que aquele lugar que voltamos ao fim de um dia acelerado para um merecido descanso.

Mais do que o lugar que nos sentimos protegidos das adversidades que acontecem lá fora.

Mais que o lugar que nos sentimos confortáveis em estarmos sozinhos.

Talvez a habitação possa ser aquele lugar que voltamos ao fim do dia ansiosos para encontrar os amigos.

Aquele lugar em que nos sentimos confortáveis para puxar assunto com um desconhecido, que encontramos outro dia no elevador.

O lugar em que falar com estranhos não represente o mesmo perigo que representava na nossa infância, quando nossas mães nos aconselhavam do contrário. Afinal, como fazer amizades sem conversar com um desconhecido?

Seria possível a arquitetura propiciar estes momentos e responder à pergunta: como falar com estranhos em casa?

**UM MODO
DE MORAR**

PROGRAMA

O desejo de investigar as reflexões colocadas no capítulo anterior e projetar uma habitação com espaços que pudessem incentivar os encontros, a convivência e, quem sabe, a formação de relações interpessoais, encontrou no programa do Concurso Nacional de Moradia Estudantil da Unifesp um ponto de partida.

O programa não prevê apenas o projeto de unidades habitacionais, mas também com a conexão destas com uma série de outros espaços de uso comum a todos os moradores, destinados ao apoio à educação e à convivência dos estudantes.

Os ambientes são agrupados no programa em quatro grandes categorias: espaços de uso privativo, espaços de uso coletivo imediato, espaços coletivos de uso intermediário e espaços coletivos de uso geral.

Também no programa, por meio das quantidades previstas de cada ambiente, há uma sugestão implícita da modulação (1):

- Os espaços de uso privativo e de uso coletivo imediato formam as unidades habitacionais. Quatro quartos individuais, ou dois quartos compartilhados ou um quarto família são servidos por um auto-serviço.;
- A cada oito unidades habitacionais, independentemente de sua configuração, há um espaço de estar e um espaço de estudo;
- Dez conjuntos de unidades e espaços de estar e estudo se somam aos espaços de uso coletivo geral e às áreas técnicas.

O programa por si só não define onde ou de que modo as interações vão ocorrer, mas o agrupamento e a modulação dos ambientes são premissas para pensar como eles podem estar interligados e como a conexão entre eles pode proporcionar encontros.

Por mais que os espaços de uso intermediário e de uso geral sejam comuns e acessíveis a todos, cada ambiente possui um caráter de coletividade de distinto (2): as interações dos moradores em ambientes de uso comum - às vezes em torno de jogos, outras pelo preparo da comida, do estudo, do descanso - diferem entre si.

O reconhecimento do coletivo e do privado no programa, identificando os locais de mais natural convivência e aqueles de desejável isolamento, permite o projeto de uma habitação em que estes espaços coexistam.

Unidades e áreas de estar e estudo (x10)

Unidade habitacional (x8)

Espaços de uso privativo

- Quarto individual (x4)
- Quarto compartilhado (x2)
- Quarto família (x1)



Espaços de uso coletivo imediato

- Auto serviço (banheiro, copa e área de serviço)



Espaços de uso coletivo intermediário

- Espaço de estar
- Espaço de estudo

Espaços de uso coletivo geral

• Espaço multiuso	• Sala de jogos	• Cozinha central
• Biblioteca	• Ateliê comunitário	• Lavanderia
• Cineclube e miniteatro	• Sala de jogos	• Academia



Mais coletivo

- Espaço de estar
- Sala de jogos
- Ateliê
- Espaço multiuso
- Copia
- Sala
- Área de serviço

Menos privado

- Espaço de estudo
- Biblioteca
- Quarto individual
- Quarto compartilhado
- Quarto familiar

(2)

Mais privado
Menos coletivo

Espaço	Qtd.	m ² /unit.	m ² /total	Descrição	Mobiliário/equipamentos
Espaços de uso privativo					
Quarto individual	148	9	1332	Para moradia regular de apenas um aluno ou para moradia temporária de alunos e/ou professores visitantes.	01 cama de solteiro, 01 guarda-roupas, 01 mesa de estudo com cadeira.
Quarto compartilhado (dupla)	74	18	1332	Para moradia regular de dois alunos ou para moradia regular de um aluno solteiro e um filho. Com possibilidade de varanda.	02 camas de solteiro desvinculadas, 01 guarda-roupas duplo (6 portas) ou 02 guarda-roupas individuais (3 portas), 02 mesas de estudo com 1 cadeira cada. Móveis de varanda ou rede.
Quarto família (casal e filho(s))	24	26	624	Para moradia regular de um casal de e um ou mais filhos, com possibilidade de subdivisão interna com divisória móvel	01 cama de casal, 01 cama infantil, 01 guarda-roupas grande (8 portas) ou 02 guarda-roupas menores (3 e 6 portas), 02 mesas de estudo com 1 cadeira cada, móveis infantil.
Subtotal	246		3288		
Espaços de uso coletivo imediato					
Auto-serviço (banheiro, copa e área de serviço), sendo um para cada 4 quartos individuais.	37	20	740	Dimensionado para atender a uma combinação de 04 quartos individuais, que totalize 04 moradores para uso destes espaços coletivos imediatos.	Banheiro: Equipamentos de higiene separados por uso: 01 pia (cuba), 01 cabine banho (ducha), 01 cabine bacia sanitária, além de área para troca de roupa. Copas: Prateleiras e armários coletivos (despensa), 01 bancada de refeições rápidas, prever espaço para 01 fogão a gás encanado 4 bocas, 01 microondas, 01 refrigerador, 01 pia (cuba) com bancada para preparo. Área de serviço: Prateleiras e armários coletivos para guarda de material de limpeza, varal suspenso, 01 tanque, prever espaço para máquina de lavar, opcional.
Auto-serviço (banheiro, copa e área de serviço), sendo um para cada 2 quartos compartilhados (dupla).	37	20	740	Dimensionado para atender a uma combinação de 02 quartos compartilhados (dupla), que totalize 04 moradores para uso destes espaços coletivos imediatos.	
Auto-serviço (banheiro, copa e área de serviço), sendo um para cada quarto família.	24	20	480	Dimensionado para atender a um quarto família, um casal e até dois filhos, que totaliza até 04 moradores para uso destes espaços coletivos imediatos.	
Subtotal	98		1960		
Espaços de uso coletivo intermediários					
Espaço de estar para cada 32 moradores	10	30	300	Local destinado ao encontro e convivência dos moradores, onde deve haver espaços de estar e lazer (com aparelhos de TV e áudio, por exemplo).	Sofás, poltronas, aparelho TV e áudio, mesa com cadeiras.
Espaço de estudo restrito para cada 32 moradores	10	14	140	Salas menores para pequenos grupos de estudo	Salas com tratamento acústico, mesas de estudo (podendo ser modular) e cadeiras.
Subtotal	20		440		

Espaços de uso coletivo geral					
Hall de Acesso	1	50	50	Com acesso à rua, distribuindo as circulações para as áreas coletivas e núcleos de moradia	Inclui balcão de informação e portaria com estações de trabalho, armários.
Espaço multiuso	1	150	150	Sala destinada às atividades como festas, dança, ensaios, palestras, exposição, reunião etc. Iluminação artificial flexível. Integrado à cozinha central e jardim.	Armários para guarda de materiais e equipamentos, cadeiras dobráveis ou de encaixe, mesas de apoio. Equipamentos de informática e projeção.
Biblioteca Comunitária	1	150	150	Espaço para guarda e consulta de livros e periódicos. A aquisição e a gestão do acervo serão colaborativos.	Estantes, armários, mesas/cadeiras e poltronas para leitura, terminais informatizados para consulta, estação de trabalho para a administração/gestão.
Cineclube e Miniteatro	1	150	150	Sala para atividades de projeção de filmes (cineclube), e pequenas apresentações de teatro e música, com respectiva área técnica, palco e tela.	Poltronas para até 75 lugares, área técnica de projeção.
Sala de Jogos	1	150	150	Para convivência e esportes de mesa.	Com mesa de xadrez, carteados, pebolim, ping-pong, sinuca.
Ateliê Comunitário	1	50	50	Para trabalhos manuais, pintura, artesanato, bordado	Mesas de apoio, cadeiras, estantes, armários para guarda de equipamentos e materiais.
Cozinha central e copa	1	100	100	Espaço destinado ao uso constante dos moradores para preparo e cocção de alimentos, além de contemplar espaço para refeições.	02 geladeiras, 01 forno/fogão industrial de 06 bocas, 02 fornos microondas, 03 pias (cuba) com bancada para preparo e lavagem, armários.
Lavanderia central automatizada	1	50	50	Espaço destinado a lavagem/secagem mecanizada de roupas e afins, com área de lavagem e secagem automática.	Máquinas e equipamentos de lavar, secar, passar. Balcão de atendimento.
Banheiros dos espaços coletivos gerais	2	25	50	Banheiros acessíveis, para apoio às atividades dos espaços de uso coletivo geral, masculino e feminino.	02 pias (cubas), 02 cabines bacia (para cada banheiro F/M)
Academia de ginástica	1	150	150	Sala destinada ao uso esportivo indoor, ginástica, dança etc.	Armários para guarda de materiais e equipamentos, estantes. Barras de apoio aos exercícios, suportes fixos para equipamentos, estação, esteiras, bicicleta ergonómica.
Subtotal	11		1050		

Áreas técnicas	
Bicletário	50
Cabine primária de entrada de energia	10
Cabine de medição de energia individualizada	20
Reservatório de água (área de projeto/interf.)	20
Depósito de lixo (coleta seletiva)	20
Depósito Central	40
Manutenção	40
Sala administração da moradia (incluso WC)	20
Sala segurança/bombeiro (incluso WC)	20
Vestiário terceirizados	40
Copa terceirizados	40
Descanso terceirizados	40
Subtotal	360
Área de circulação estimada 20% da área total	1420
Total de área construída	8518

Áreas técnicas e de apoio podendo algumas delas estar inseridas com outras áreas de usos coletivo geral

Projeto do Arquitetos Associados para o Concurso, Imagem: Arquitetos Associados

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766476/primeiro-lugar-no-concurso-para-moradia-estudantil-da-unifesp-sao-jose-dos-campos-arquitetos-associados>



Áreas Descobertas	
Área de embarque e desembarque (descoberta)	
Estacionamento para visitantes (10 vagas)	
Jardim - parque	
Quadra poliesportiva	

Projeto do Grupo SP para o Concurso, Imagem: Grupo SP

Fonte: <http://www.gruposp.arq.br/?p=4868>



Projeto do H+F para o Concurso, Imagem: H+F

Fonte: <https://www.hf.arq.br/projeto/habitação-estudantil-unifesp/>



ESTUDOS DE CASO

Para melhor compreender como foram materializadas as sugestões do programa, foi realizada uma série de pequenos estudos de caso de alguns projetos premiados do Concurso Nacional de Habitação Estudantil da Unifesp, dos quais destaco três:

Perspectivas gerais dos projetos premiados no Concurso Nacional de Habitação Estudantil da Unifesp. Imagens dos respectivos escritórios.

Abaixo: Arquitetos Associados, em São José dos Campos, primeiro lugar;
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766476/primeiro-lugar-no-concurso-para-moradia-estudantil-da-unifesp-sao-jose-dos-campos-arquitetos-associados>

Página seguinte, em cima: Grupo SP. Fonte: <http://www.gruposp.arq.br/?p=4868>

Página seguinte, embaixo: H+F. Fonte: <https://www.hf.arq.br/projeto/habitacao-estudantil-unifesp/>

- Arquitetos Associados, em São José dos Campos, primeiro lugar;
- Grupo SP, em Osasco, segundo lugar, e;
- H+F, em Osasco, primeiro lugar.

Em cada um deles, busquei entender alguns pontos: a estrutura da unidade habitacional, a relação destas com os espaços de uso coletivo intermediário, o posicionamento dos espaços de uso coletivo de uso geral e o papel das circulações horizontal e vertical na articulação destas.

Foi possível identificar nos três projetos características que foram mencionadas anteriormente como importantes para o desenho de uma casa comum de sucesso, chave para a convivência e a interação dos moradores.

A identificação dessas características levou à consideração de outros projetos como forte referência na elaboração do trabalho, que também serão explorados aqui, ainda que não façam parte do Concurso.



Moradia Estudantil da Unifesp - Arquitetos Associados São José dos Campos, SP, Brasil. 1º lugar do concurso, 2015

O projeto do Arquitetos Associados para a moradia estudantil da Unifesp é definido, nas palavras do escritório “a partir da sobreposição de três elementos principais: um sistema modular regular, um vazio articulador e um redesenho da topografia”.

O sistema tem como base um módulo estrutural quadrado de 4,80 metros de lado. Unidade habitacional (espaços de uso privado e coletivo intermediário) e circulação horizontal se desenvolvem em quatro módulos (1).

As unidades são agrupadas em blocos de quatro e entre elas há o núcleo de circulação vertical, associado aos espaços de uso coletivo intermediário (2). O posicionamento destes junto da circulação torna os espaços ponto de referência e é um local onde grande parte dos moradores vai passar durante o dia, aumentando sua frequência de uso, tornando fácil enxergar o que se passa lá dentro e quem toma parte nas atividades, convidando os estudantes a entrar.

Estes conjuntos se desenvolvem em dois volumes. O vazio entre elas abriga os espaços coletivos de uso geral e as áreas técnicas. Os espaços, por sua vez, redesenharam a topografia, criando lajes com jardins e espelhos d’água, tornando os espaços de convívio e espaços ao ar livre um só (3). Os espaços de uso geral se conectam diretamente à circulação vertical e aos espaços de estar e estudo, em diferentes cotas, concentrando o fluxo de pessoas e configurando locais de grande vitalidade.

Ao lado: plantas dos cinco tipos de unidades

Página seguinte: planta do nível 590,80 (segundo pavimento, com as áreas comuns) e corte BB

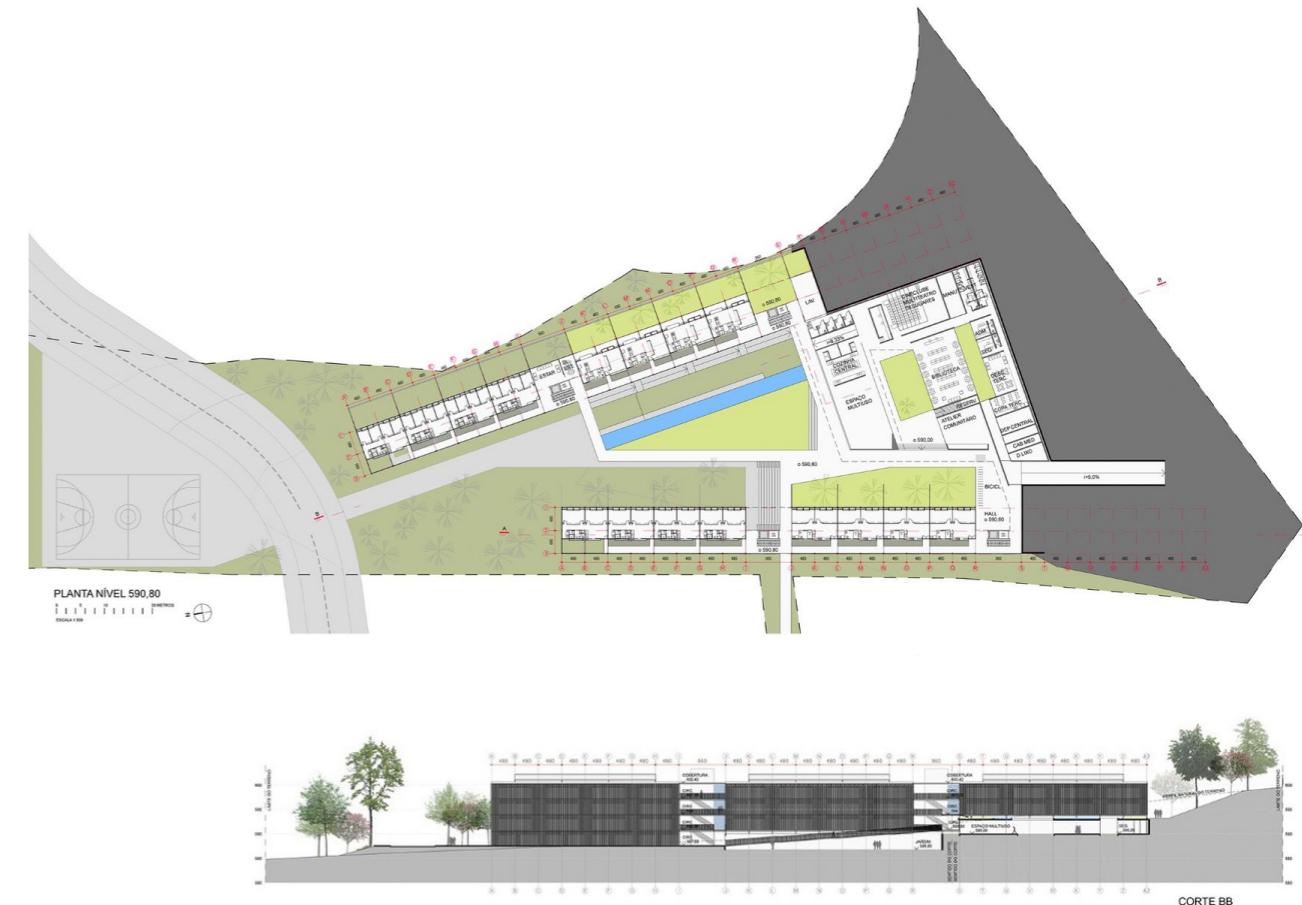
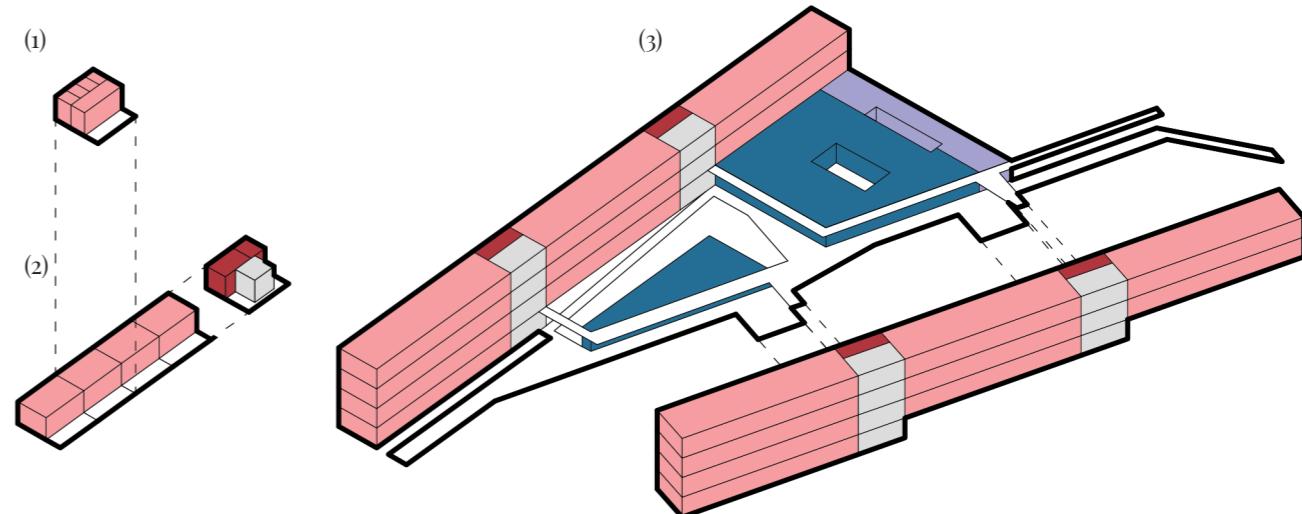
Imagens: Arquitetos Associados

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766476/primeiro-lugar-no-concurso-para-moradia-estudantil-da-unifesp-sao-jose-dos-campos-arquitetos-associados>



APARTAMENTO INDIVIDUAL
APARTAMENTO OBESO + P.M.R.
APARTAMENTO FAMÍLIA
APARTAMENTO DUPLO
APARTAMENTO P.C.R.

Espaços de uso privativo e coletivo imediato
 Espaços de uso coletivo intermediário
 Áreas técnicas
 Circulação vertical



Moradia Estudantil da Unifesp - Grupo SP
Osasco, SP, Brasil. 2º lugar do concurso, 2015

Como no projeto anterior, a moradia estudantil desenvolvida pelo Grupo SP chama atenção pela modularidade dos ambientes e pela forte conexão entre a circulação vertical e os espaços de estar e estudo.

As unidades são compostas por um módulo de 4,75 x 9,80 metros, que abriga os espaços de uso privativo, e outro, mais alongado, de 3,00 x 14,3 metros, que abriga os espaços de uso coletivo imediato (1).

Duas unidades se conectam por um bloco de circulação vertical. Dois destes são unidos por um espaço de uso coletivo intermediário, que também serve como circulação horizontal. Dois conjuntos destes formam um grande módulo, conectados pela circulação vertical e pelos espaços de uso coletivo intermediário: no pavimento inferior, o espaço de estar; uma escada leva ao espaço de estudo, mais reservado (2).

Como os espaços de estar e estudo são a própria circulação, basta sair do elevador, da escada ou do apartamento para já estar no ambiente, garantindo que será usado e que as atividades ali desenvolvidas sejam visíveis para todos.

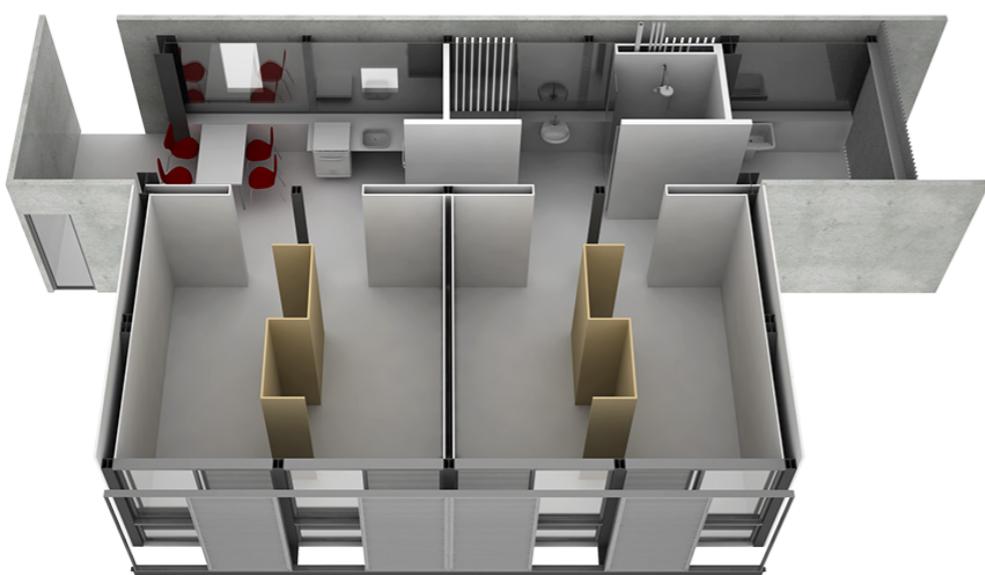
Seis destes grandes módulos compõem o edifício (3). Os edifícios tocam o chão apenas por meio dos blocos de circulação vertical, liberando o térreo para o desenvolvimento dos espaços de uso coletivo geral, também posicionados em área de grande fluxo de moradores (4).

Ao lado: perspectiva da unidade habitacional com quatro quartos

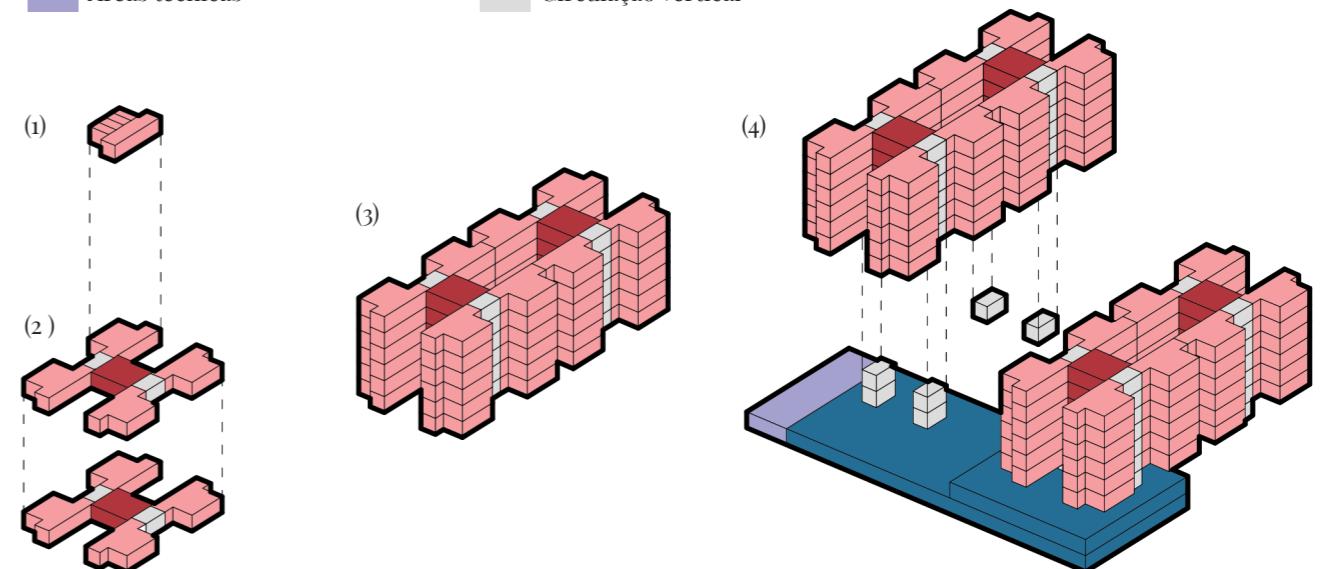
Página seguinte: planta do pavimento tipo e corte longitudinal

Imagens: Grupo SP

Fonte: <http://www.gruposp.arq.br/?p=4868>



■ Espaços de uso privativo e coletivo imediato
■ Espaços de uso coletivo intermediário
■ Áreas técnicas
■ Circulação vertical
■ Espaços de uso coletivo geral



Moradia Estudantil da Unifesp - H+F

Osasco, SP, Brasil. 1º lugar do concurso, 2015

O projeto do H+F se diferencia dos outros dois por não apresentar uma relação modular tão explícita entre as unidades habitacionais e os espaços de uso coletivo intermediário, apesar da relação entre os últimos e a circulação vertical se manter.

Ao invés de espaços de estar e estudo que se replicam ao longo do edifício, há uma variedade deles, em termos de desenho, posição e relação com o exterior. Por exemplo, ora se localizam convenientemente ao lado da circulação, ora mais distantes. Neste último caso, sua área útil é maior e há a adição de espaços externos cobertos ou abertos.

Deste modo, é oferecida ao estudante a possibilidade de escolher os espaços que deseja frequentar, seja pela proximidade a seu apartamento ou pela afinidade com o desenho do espaço, preferência por espaços externos ou outro fator (1)

A escolha de implantar os blocos de modo a conformar um pátio interno cria um espaço de convivência reservado aos estudantes, longe do olhar do público e, ao mesmo tempo, cria uma praça pública do lado externo (2). O posicionamento dos espaços de uso coletivo geral no pavimento térreo de cada bloco ativa tanto a praça pública quanto o pátio interno.

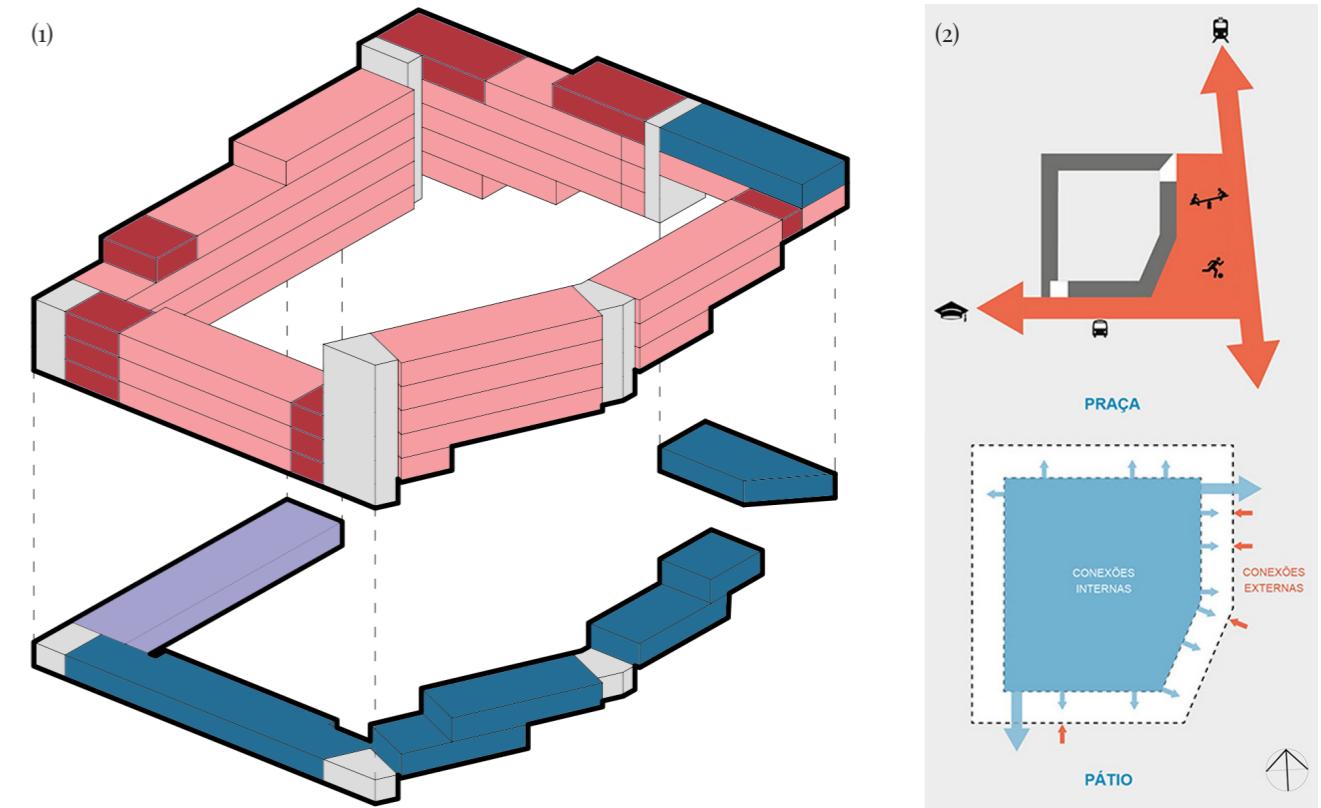
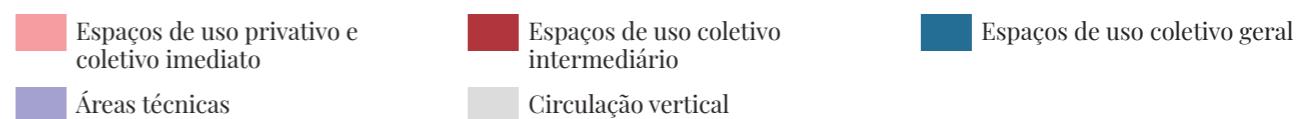
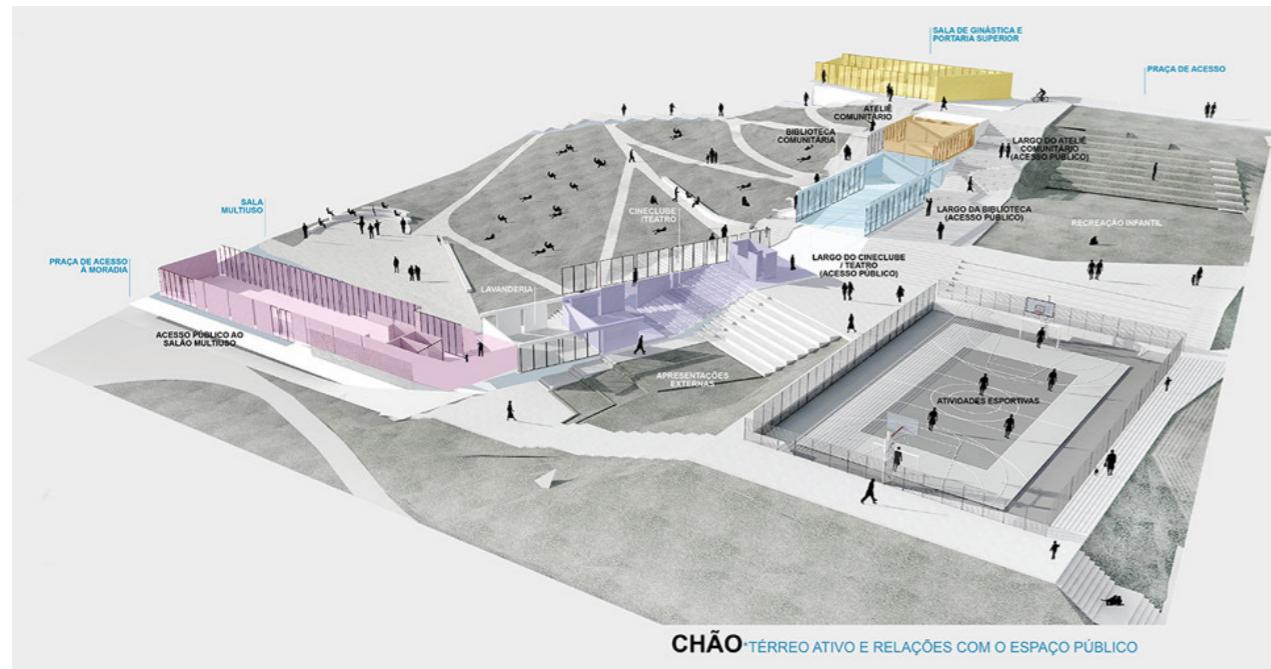
Abaixo: perspectiva da interação dos espaços de uso coletivo geral com praça e pátio

Página seguinte, acima à direita: diagrama ilustrando as condições de praça e pátio do projeto

Página seguinte, abaixo: corte oeste-leste

Imagens: H+F

Fonte: <https://www.hf.arq.br/projeto/habitacao-estudantil-unifesp/>



Os projetos do Concurso Nacional de Habitação Estudantil da Unifesp têm características em comum que mereceram atenção especial e levaram à identificação de outros projetos - não necessariamente habitações estudantis - que partilhassem das mesmas qualidades. São elas: a construção da unidade habitacional a partir de um módulo e a forte relação entre a circulação e os espaços de estar e estudo.

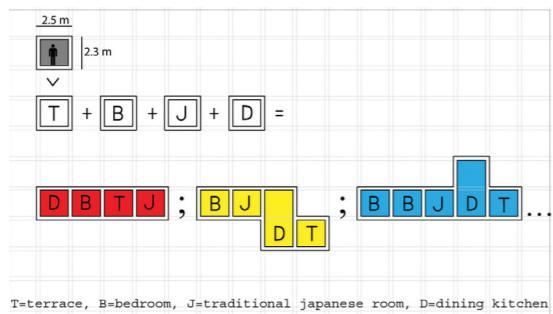
Apesar de ser marcante, o posicionamento dos espaços de uso coletivo geral no térreo, dando vida ao chão, foi um aspecto que surgiu naturalmente ao longo do desenvolvimento do projeto.

O edifício de apartamentos de Gifu Kitagata, SANAA, apresenta os dois aspectos mencionados acima. As unidades são compostas de módulos que podem assumir quatro formas: terraço, sala de jantar e cozinha, quarto e sala de estilo japonês.

O quarto é a unidade básica e à ele são adicionados os outros elementos, formando os mais variados tipos de apartamentos, tanto em planta quanto em corte, podendo abrigar no edifício vários tipos de famílias.

Diagrama de construção das unidades

Fonte: <http://gifuprefecture.blogspot.com/>



Edifício de apartamentos de Gifu Kitagata

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/naoya-fujii/2396435112/>



Interior da área comum do Campus Hall e planta do pavimento tipo

Foto: Torben Eskerod

Planta: C.F. Møller

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/798903/moradia-estudantil-cf-moller>



Cada unidade também está conectada aos terraços, espaços compartilhados entre os apartamentos, verdadeiros furos que atravessam o edifício. A partir dos terraços e dos corredores é possível entrar nas unidades.

O Campus Hall (habitação estudantil) da Universidade da Dinamarca do Sul, projetada por C.F. Møller, se destacou por apresentar a mesma relação entre os espaços de uso comum dos moradores e a circulação. Como no projeto do Grupo SP, estes espaços são a própria circulação: ao sair dos elevadores ou escadas, os estudantes já se encontram na área comum. É ela que conecta todos os apartamentos.

Essa área comum central é espaço de estar, espaço de estudo, sala de jogos e cozinha coletiva dos moradores, já que os apartamentos individuais não possuem este ambiente. Cada área comum também possui três varandas, espaços pequenos e mais reservados.

A variedade de atividades que podem ser desenvolvidas dentro desse espaço, a proximidade com as unidades e com a circulação vertical garantem seu uso frequente.

O último projeto também dilui os limites entre espaço de estar e circulação. Roy and Diana Vagelos Education Center, de Diller Scofidio + Renfro, é uma escola de medicina cujas áreas comuns dos estudantes são a própria circulação vertical e fachada do edifício.

Em 14 andares, os arquitetos conectam por meio de uma única escada, as áreas comuns dos estudantes, que incluem um café, auditório, espaços de estudo, terraços e espaço de reunião, todos com iluminação natural.

Os espaços formados são os mais diversos: mezaninos, arquibancadas, varandas totalmente envidraçadas, outras mais reservadas, espaços individuais, amplos ambientes com pé-direito duplo...

Os diversos ambientes satisfazem às necessidades de estudantes diferentes, realizando atividades diferentes, possibilitando a coexistência de toda essa variedade.

Fachada contendo áreas comuns e circulação vertical do Roy and Diana Vagelos Education Center

Foto: Iwan Baan

Fonte: <https://iwan.com/portfolio/vagelos-education-center-columbia-university-diller-scofidio-renfro/>



Áreas comuns do Roy and Diana Vagelos Education Center

Fotos: Iwan Baan

Fonte: <https://iwan.com/portfolio/vagelos-education-center-columbia-university-diller-scofidio-renfro/>



O LUGAR

O terreno escolhido para o desenvolvimento do projeto se localiza na Rua da Consolação, 268, no centro de São Paulo. É o único terreno vago na quadra densamente construída que abriga, entre outros, o Edifício Copan, projetado por Oscar Niemeyer, Edifício Itália, projetado por Franz Heep e o Edifício Louvre, projetado por João Artacho Jurado.

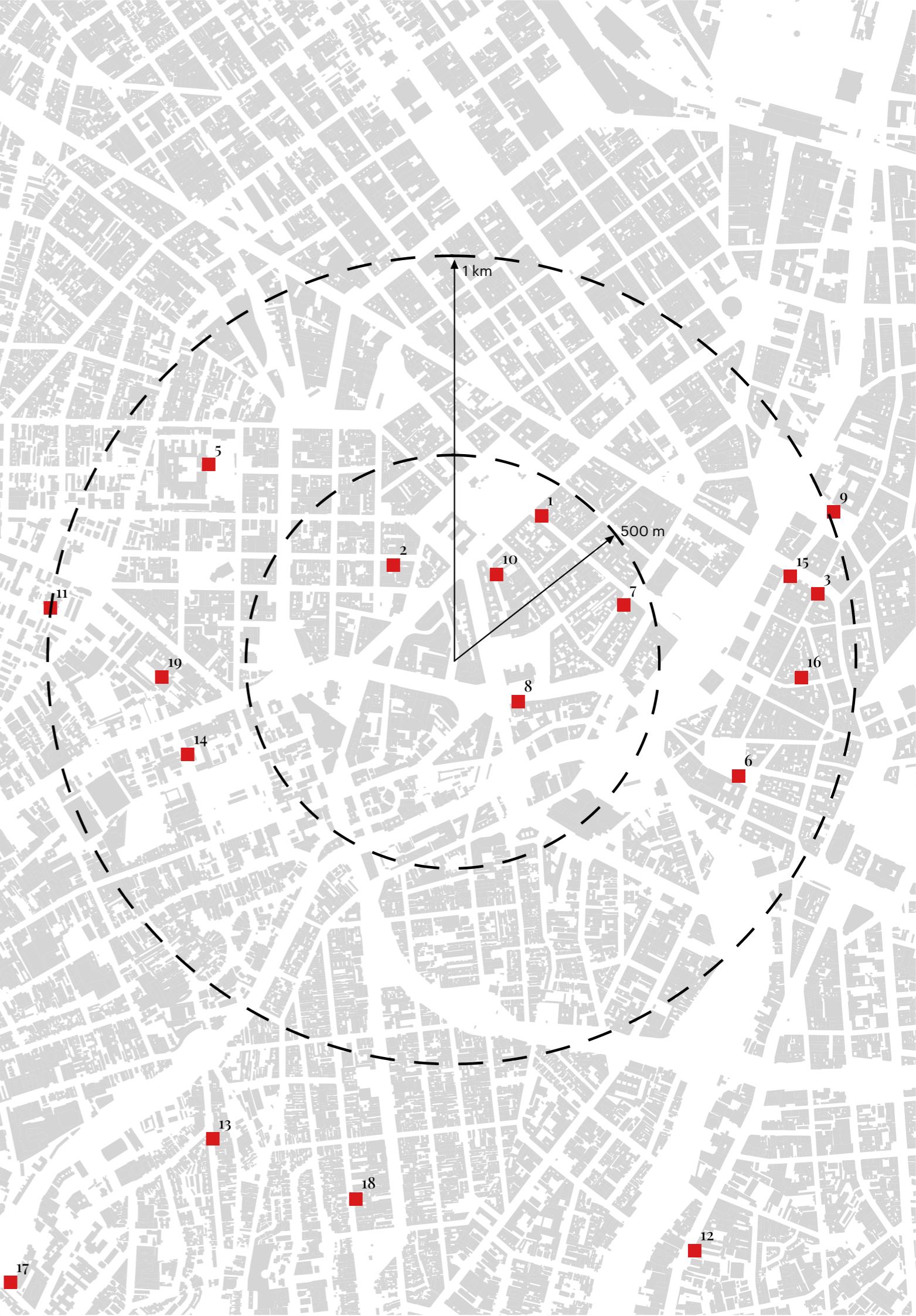
De propriedade da Universidade de São Paulo, que tenta vendê-lo desde 2017 - inicialmente pelo valor de R\$ 28 milhões, no início de 2020 por metade do preço - não poderia ser mais apropriado para o projeto de uma habitação estudantil.

A localização proporciona uma experiência única para o estudante: a de estar inserido na cidade, com fácil acesso a transporte público, próximo a comércio, serviços essenciais, equipamentos culturais, bares, restaurantes e a, no mínimo, 15 instituições de ensino superior a menos de 1 quilômetro de distância ou uma caminhada de vinte minutos.

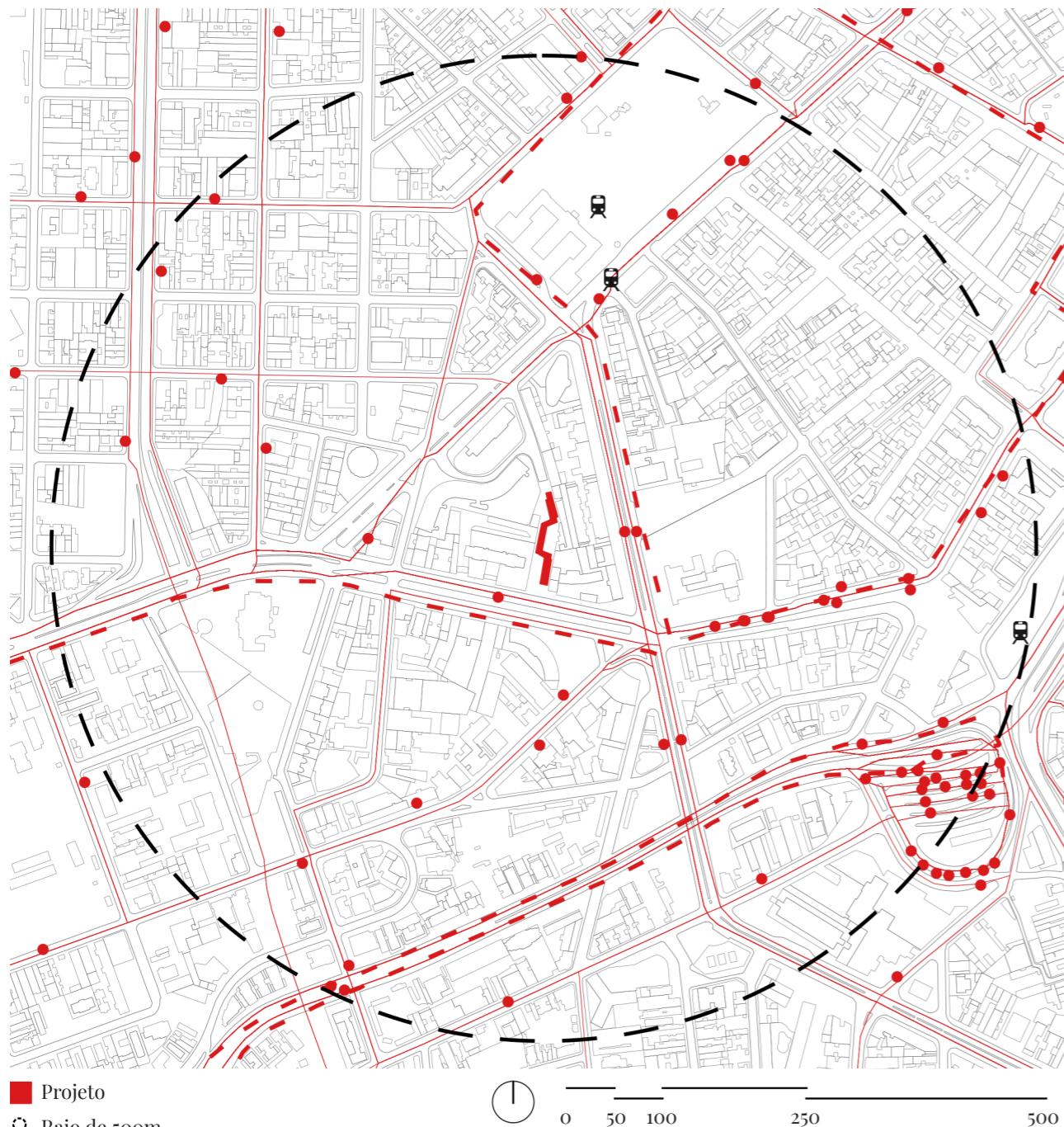
A presença de diversas faculdades próximas ao local de projeto reforça a escolha do programa de habitação estudantil e também pede para que seus moradores sejam alunos dessas diversas instituições, não somente de uma faculdade ou universidade, como é mais comum.

■ Instituições de ensino superior

- 1. Anhanguera
- 2. Escola da Cidade
- 3. Faculdade 28 de Agosto
- 4. Faculdade Cultura Inglesa
- 5. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa
- 6. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo
- 7. Faculdade de São Paulo
- 8. Faculdade Legale
- 9. Faculdade São Bento
- 10. FADISP
- 11. FAU Maranhão
- 12. FMU
- 13. Fundação Getúlio Vargas
- 14. PUC
- 15. Universidade Anhembi Morumbi
- 16. Universidade Brasil
- 17. Universidade Cruzeiro do Sul
- 18. Universidade Municipal de São Caetano do Sul
- 19. Universidade Presbiteriana Mackenzie



REDE DE TRANSPORTE



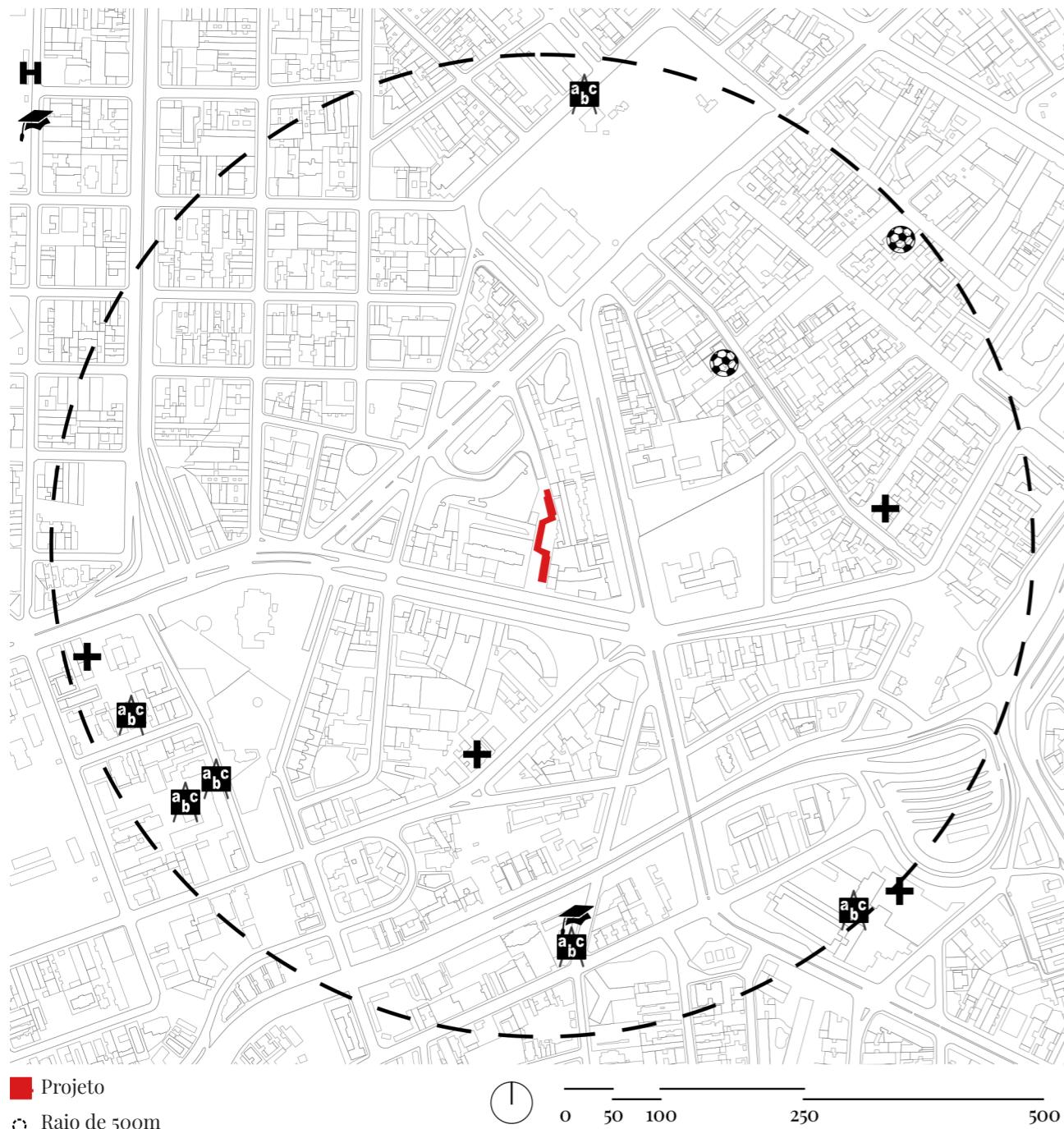
O acesso é fácil aos meios de transporte. Em 500 metros, localizam-se as estações de metrô da República (linhas 4-amarela e 3-vermelha) e do Anhangabaú (linha 3-vermelha) e o terminal de ônibus Bandeira. As linhas de ônibus percorrem todo o entorno e o terreno é servido pelos corredores de ônibus da Rua da Consolação (Corredor Campo Limpo - Rebouças - Centro) e da Avenida São Luís (Corredor Pirituba - Lapa - Centro).

EQUIPAMENTOS DE CULTURA



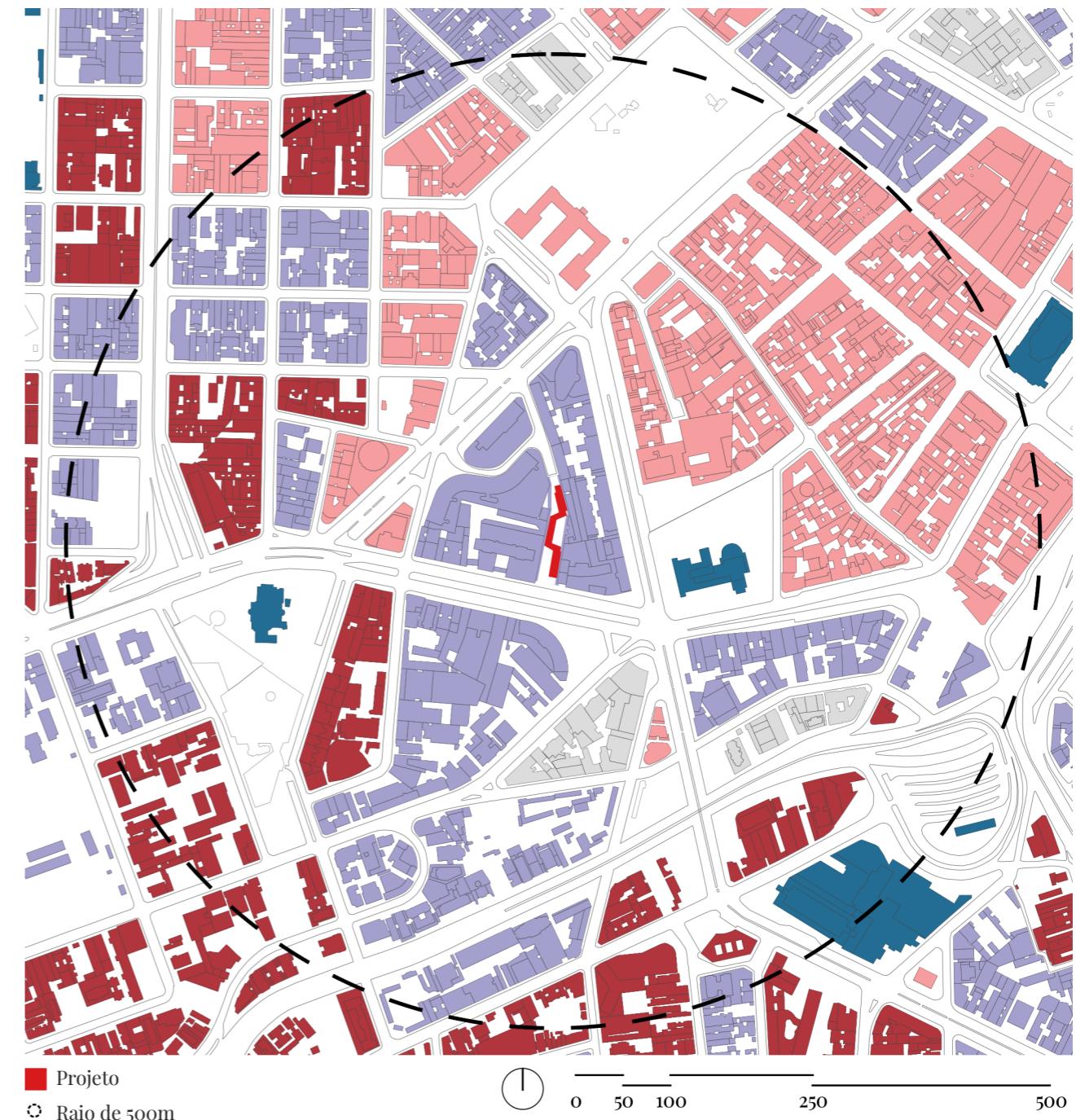
Existem dezenas de equipamentos culturais próximos ao terreno, especialmente teatros e cinemas de rua, com destaque ao Teatro Municipal, ao Teatro Cultura Artística, atualmente em reformas, e às companhias de teatro na Praça Roosevelt. Na quadra ao lado está localizada a Biblioteca Mário de Andrade, principal biblioteca pública da cidade. Estão próximos o Sesc 24 de Maio e Consolação (fora do alcance do mapa).

EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E ESPORTE



Não tão expressivos quanto os equipamentos culturais e instituições de ensino superior são a rede pública e privada de ensino e de equipamentos esportivos (destaque para as unidades do Sesc). Entre os equipamentos de saúde estão a Santa Casa de São Paulo, Ambulatório de Especialidades da Consolação e a Unidade Básica de Saúde da República.

USO PREDOMINANTE DO SOLO



A região da República é caracterizada pela forte presença de comércio e serviços, incluindo diversas galerias comerciais. O comércio também se mantém vivo com as fachadas ativas dos edifícios das quadras de uso misto. A própria quadra em que se insere o terreno possui cinco galerias comerciais, com variadas lojas e restaurantes.

DENSIDADE DEMOGRÁFICA (EM HAB/HA)



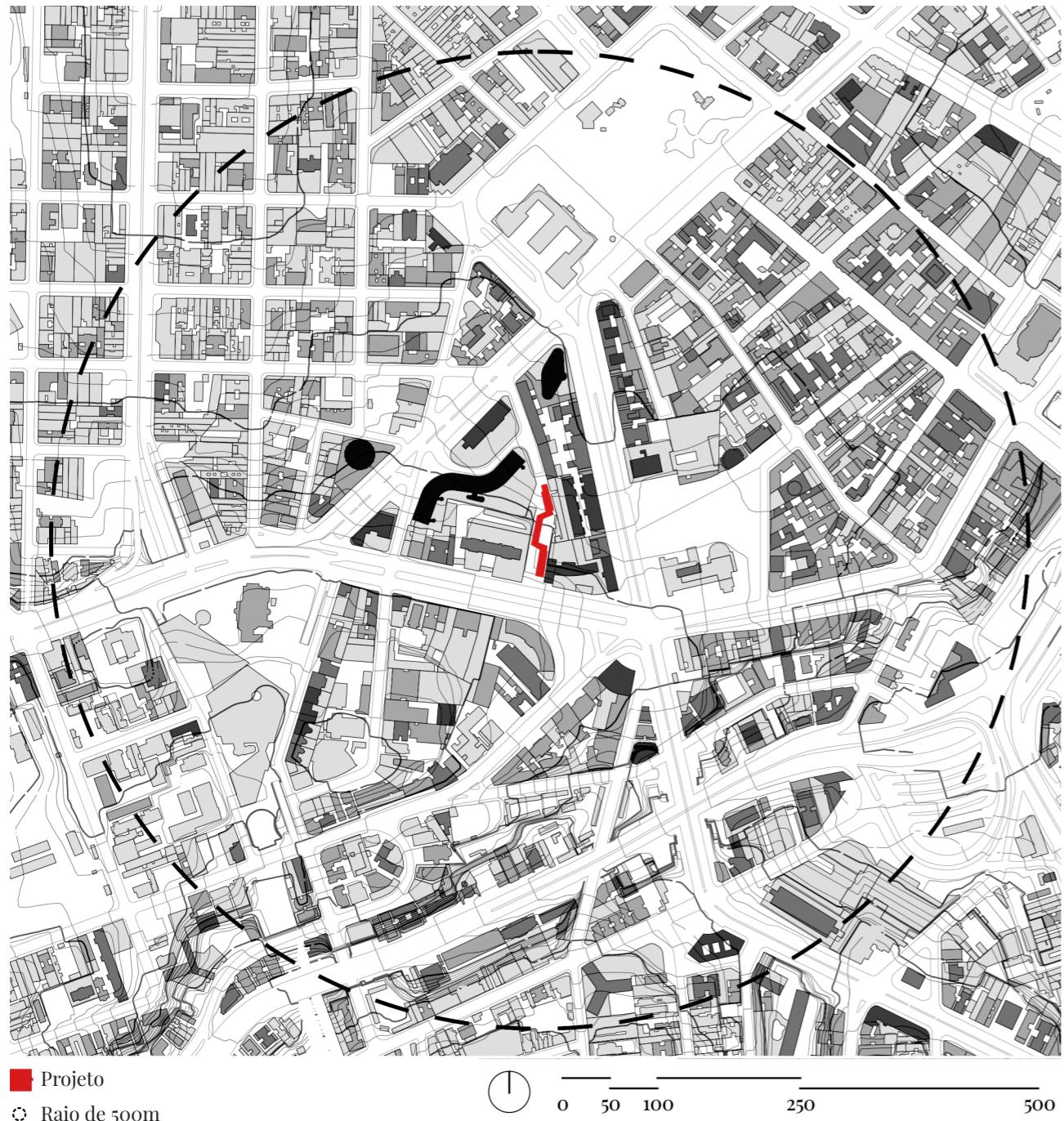
O distrito da República possui uma densidade demográfica média de 247 habitantes/hectare, segundo mais denso da cidade, atrás apenas da Bela Vista. A quadra do projeto, devido à presença do Edifício Copan, do Edifício Louvre e do Condomínio Ambassador, tem uma densidade média de 450 hab/ha e uma população de mais de 2400 pessoas, de acordo com o último Censo.

MAPA DE NOLLI



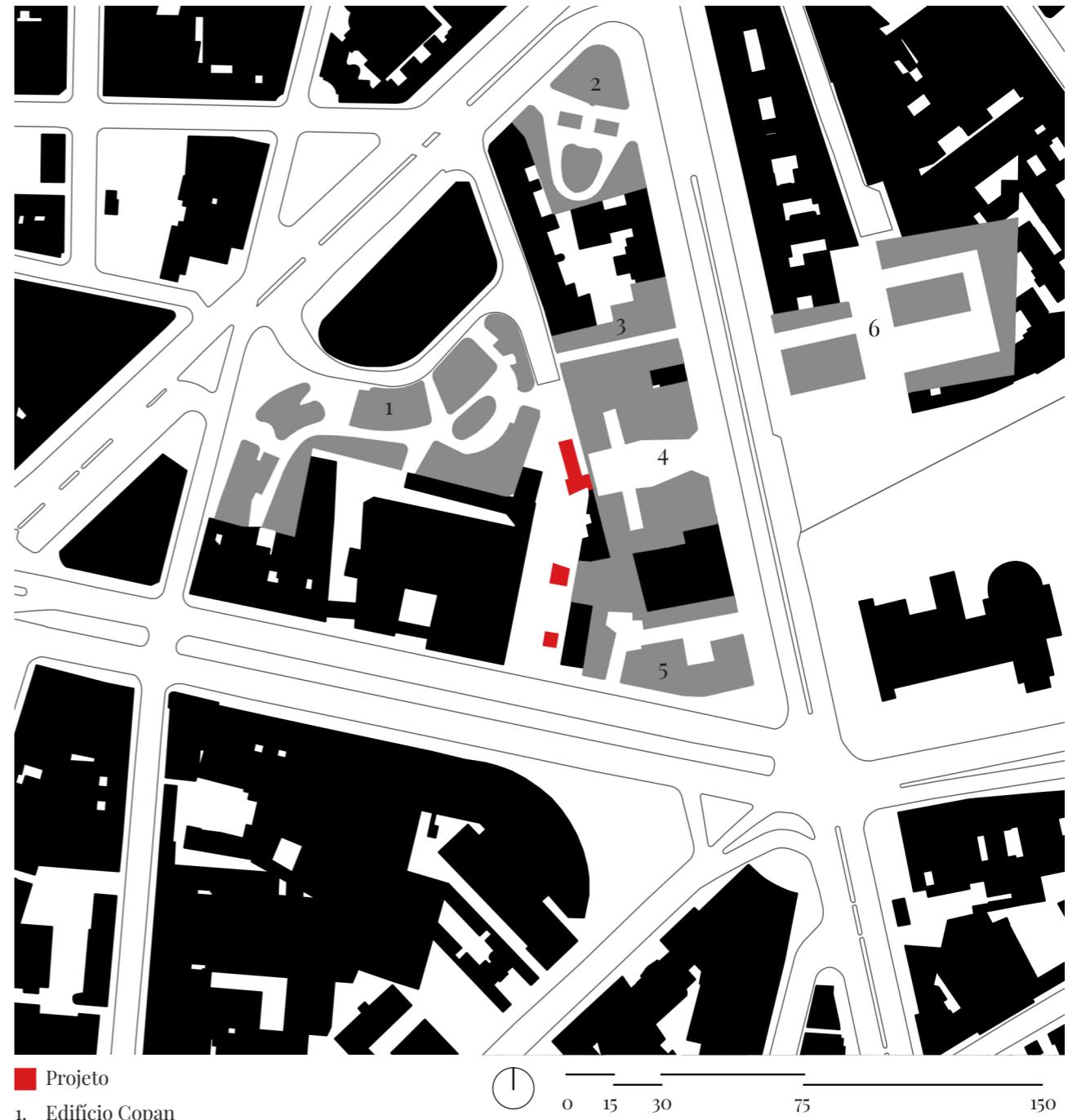
As quadras da região são, em sua maioria, densamente construídas. Praça da República, Praça Dom José Gaspar, Praça Roosevelt e Parque Augusta são notáveis exceções. Outra exceção é o próprio terreno do projeto, que rasga a quadra ao meio, conectando a Rua da Consolação à Rua José Paulo Mantovan Freire.

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES E TOPOGRAFIA



A quadra abriga dois dos edifícios mais altos de São Paulo, Itália e Copan. O terreno é rodeado de edifícios de mais de 70 metros de altura, como o Condomínio Zarvos e Ambassador, Edifício Louvre e Edifício São Luiz Plaza. Entre a Rua da Consolação e a Rua José Paulo Mantovan Freire há um desnível de aproximadamente 6 metros,

GALERIAS COM TÉRREOS PERMEÁVEIS



Em cinza, o mapa apresenta a massa construída dos terreos de galerias comerciais. A quadra é notável por abrigar cinco delas, que não só animam a rua com suas lojas e restaurantes, mas também permitem o atravessamento entre as ruas que circundam a quadra. Em especial, permitem o acesso à Rua José Paulo Mantovan Freire, com restaurantes e bares sempre cheios. Mapa criado com base em Costa, S. 2010.

1. Terreno visto da Rua da Consolação, lado par

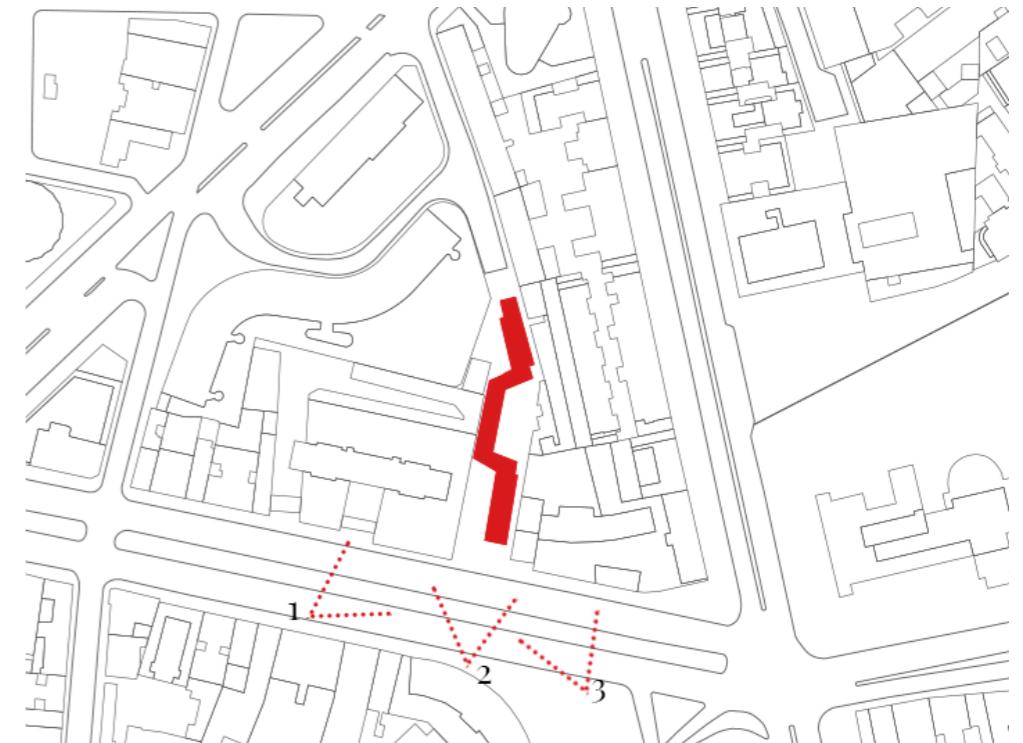
Todas as fotos do autor,
dia 15 de setembro de
2019



2. Terreno visto da Rua da Consolação, lado par



3. Terreno visto da Rua da Consolação, lado par



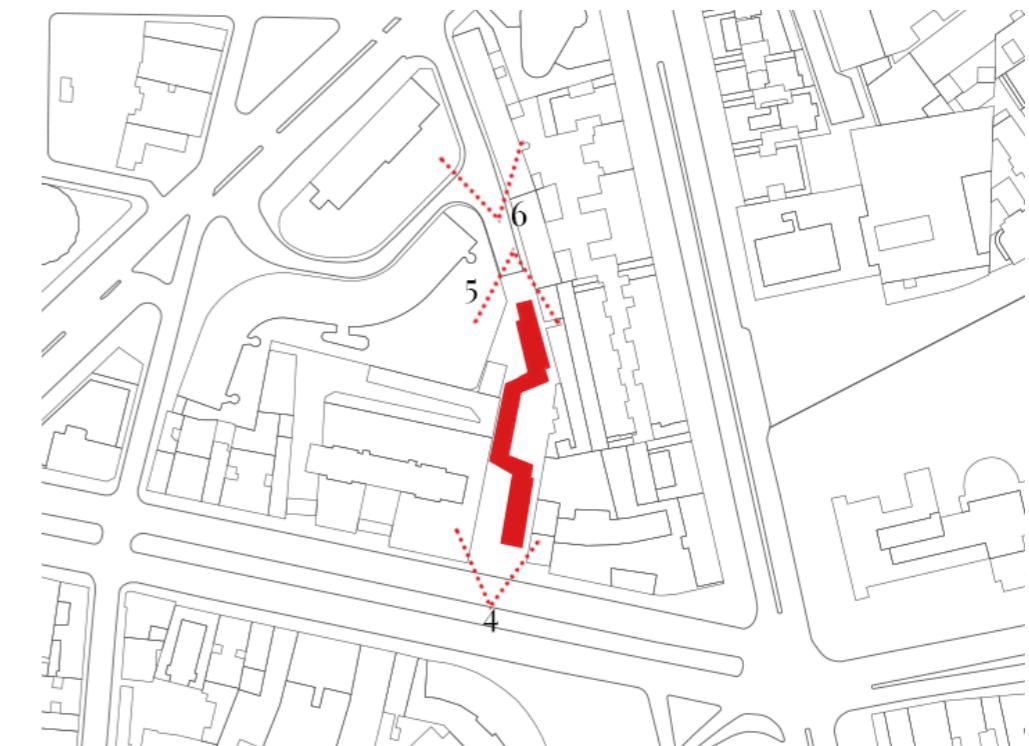
4. Terreno visto da Rua da Consolação, lado ímpar



7. Vista da Rua José Paulo Mantovan Freire



5. Terreno visto da Rua José Paulo Mantovan Freire



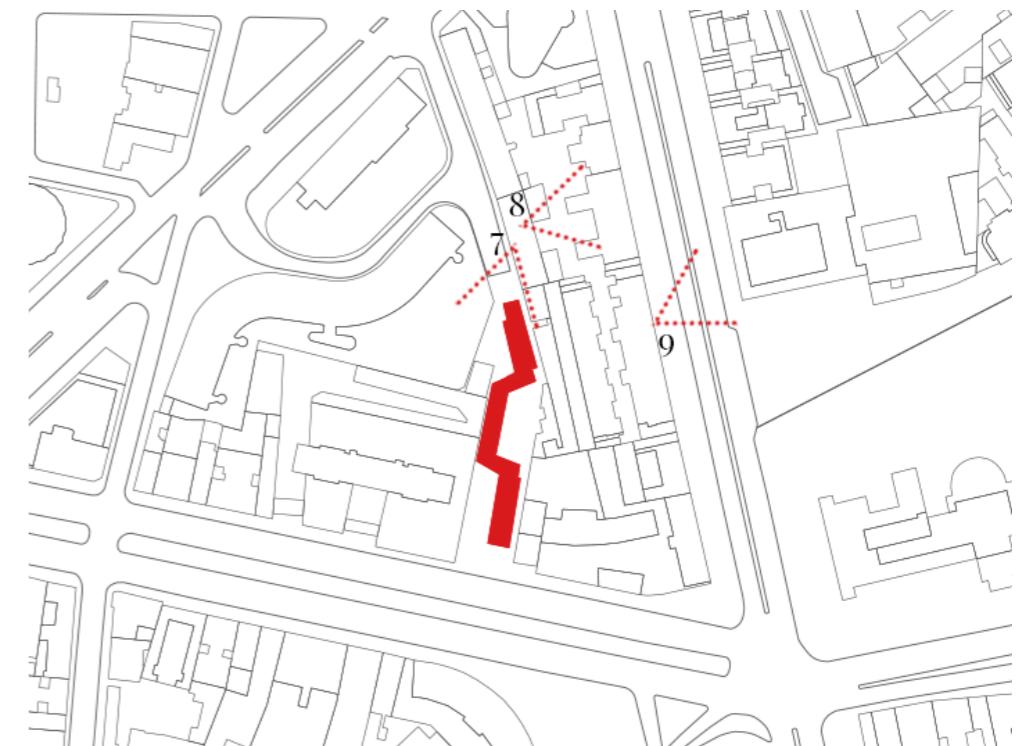
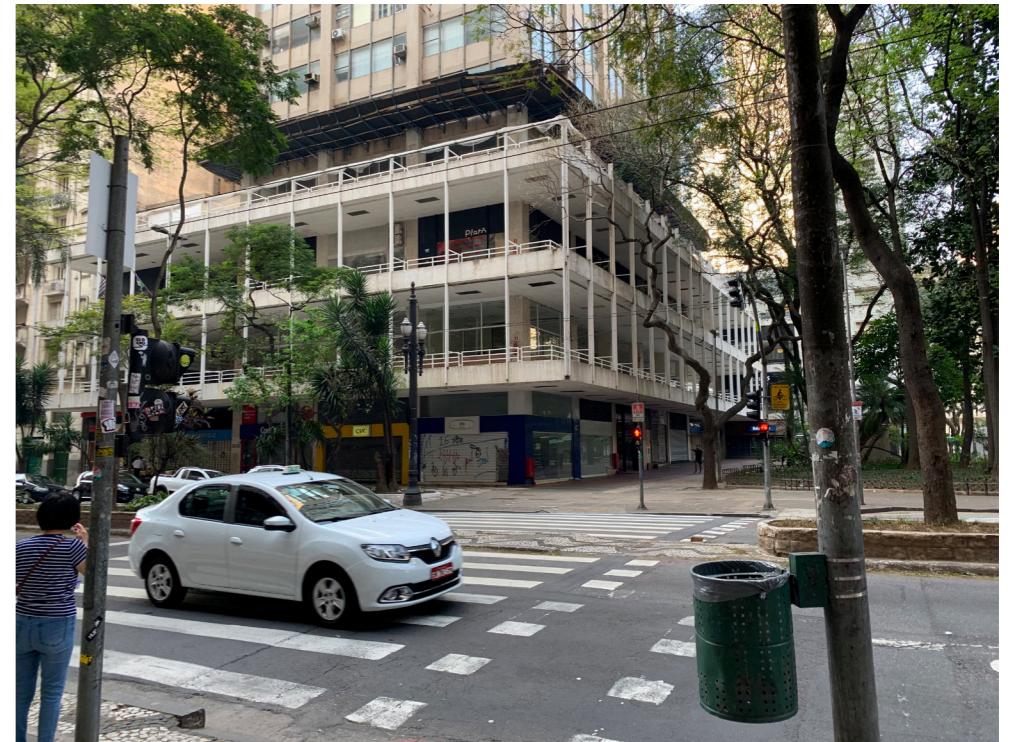
7. Terreno visto da Rua José Paulo Mantovan Freire, logo abaixo da marquise do Edifício Conde Silvio Penteado



8. Galeria do Edifício Conde Silvio Penteado vista da Rua José Paulo Mantovan Freire



9. Galeria Metrópole vista da Avenida São Luís



O PROJETO

O desenho dessa moradia estudantil neste local teve como norte dois pontos principais:

- O desenho dos espaços comuns deve possibilitar e tornar agradável o encontro casual entre os moradores do edifício, em especial nos espaços de estar e de estudo, entendidos como os de uso mais frequente
- O projeto deve permitir a livre conexão entre as ruas da Consolação e José Paulo Mantovan Freire por meio de uma praça que faz o intermédio entre os espaços públicos e privados

O primeiro ponto foi desenvolvido com base no estudo dos textos mencionados no início do trabalho e no estudo do programa e dos projetos do Concurso Nacional de Moradia Estudantil da Unifesp.

Estes estudos não forneceram qualquer tipo de solução pronta para o problema da convivência, dos encontros e das amizades, mas permitiram que os ambientes fossem desenhados com um olhar mais atento a estas questões.

O segundo ponto surgiu naturalmente, quase como uma necessidade imposta pelo terreno e pela quadra em que se localiza, uma quadra que permite ser atravessada em diversos pontos, sempre na presença de lojas, restaurantes e outros serviços, que tornam estas passagens animadas.

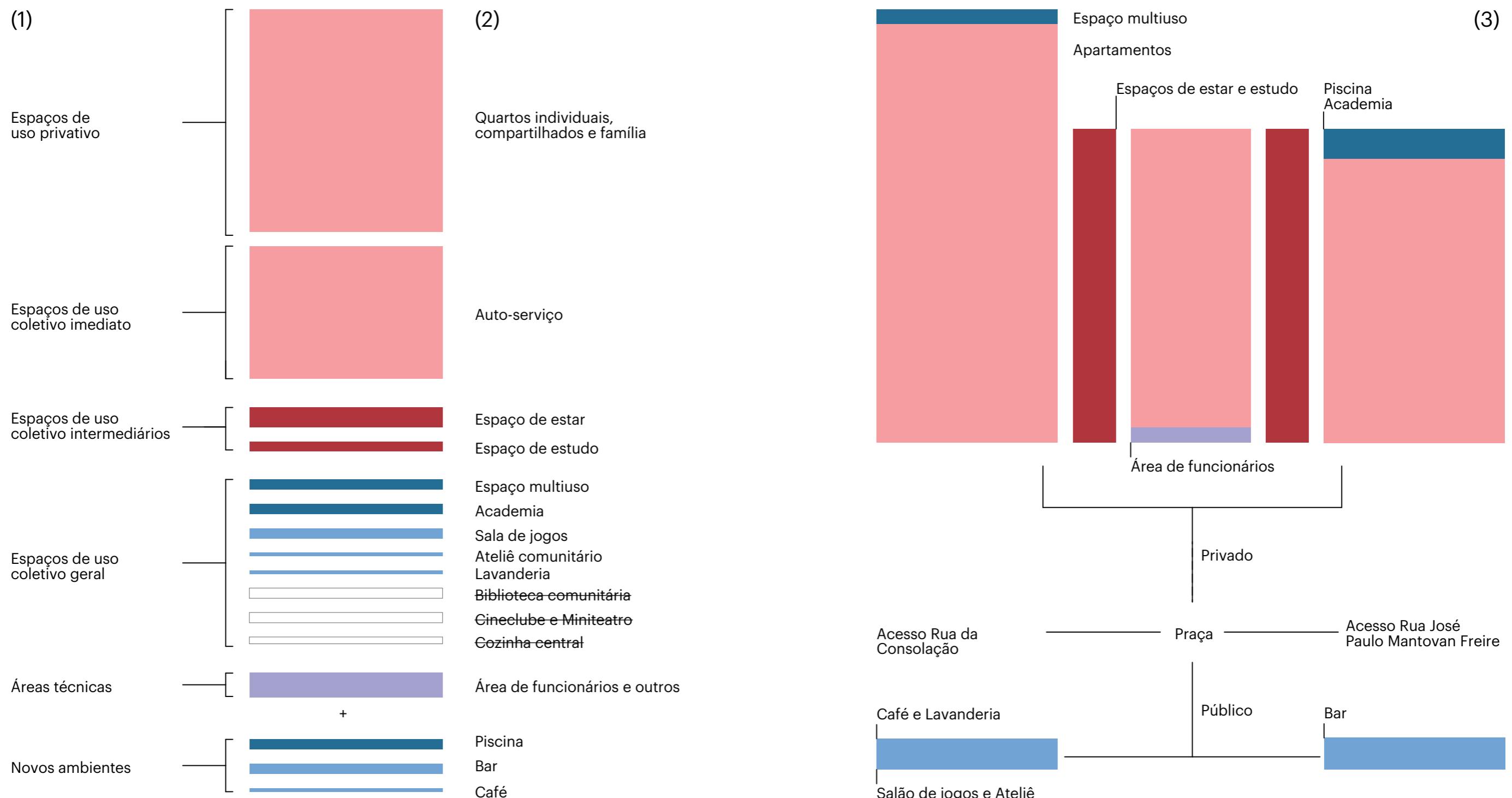
O programa de habitação estudantil, junto do desejo da conexão livre entre as ruas sugere que este seja um projeto de gestão pública, de modo que os estudantes das universidades e faculdades próximas pudessem ter acesso à moradia.

Deste modo, é possível que a faixa do projeto que torna o terreno atravessável seja administrada como uma rua de pedestres pública, aberta dia e noite, permitindo a passagem a qualquer horário e reconhecendo a importância do edifício para a cidade.

O projeto, então, se organizou no desenho de diferentes condições de sociabilidade, indo da mais pública, térreo público, passando por áreas comuns, de encontros e atividades coletivas pelos moradores, até chegar ao desenho das unidades.





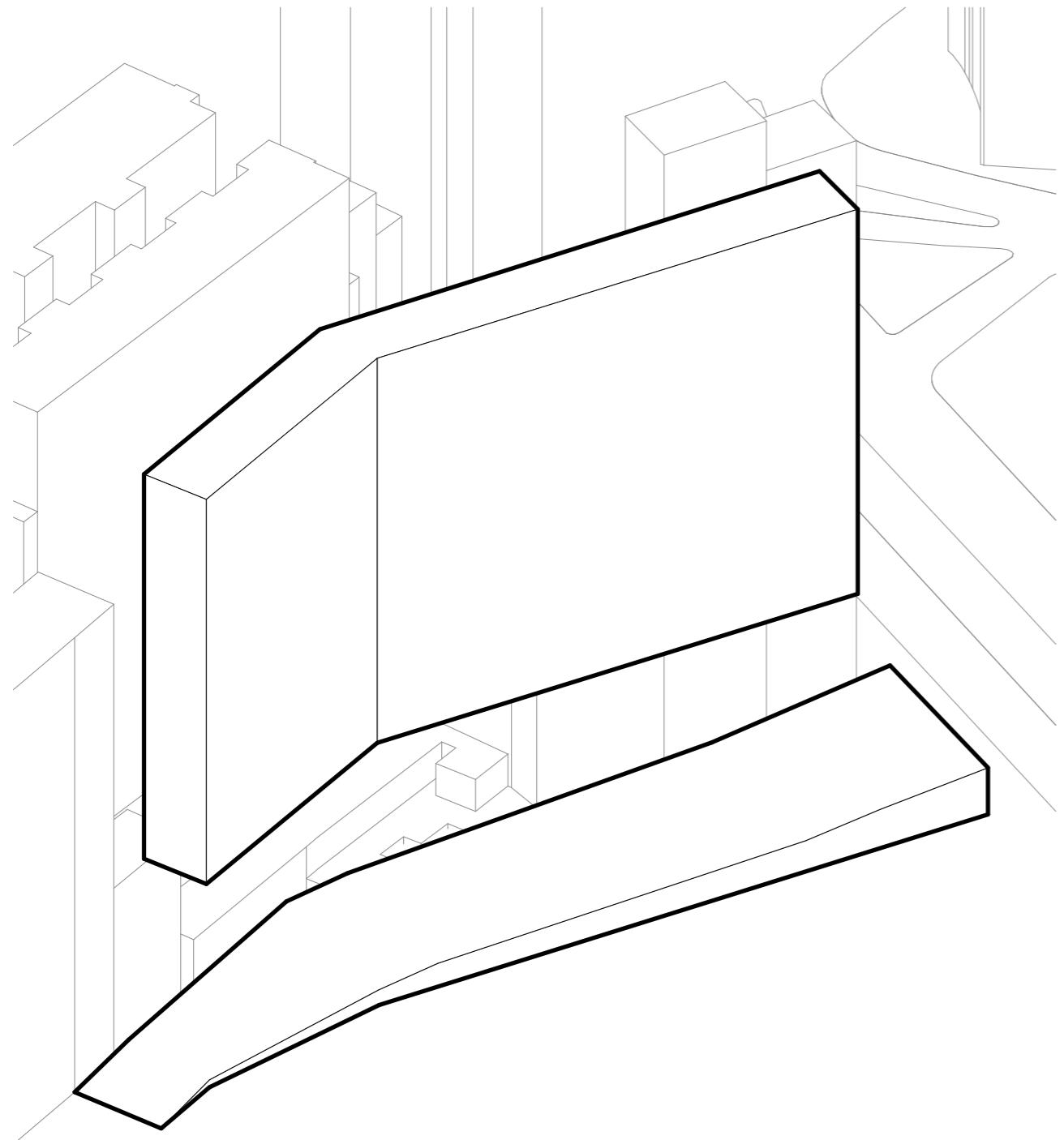


O programa do Concurso Nacional de Moradia Estudantil da Unifesp divide os ambientes em quatro categorias de acordo com o seu grau de coletividade, junto das áreas técnicas (1). No projeto não foram incluídas a biblioteca, o teatro e a cozinha central, devido à proximidade com a Biblioteca Mário de Andrade, à grande quantidade de teatros no entorno e à presença de cozinha dentro dos apartamentos. Foram incluídos uma piscina, um bar junto ao acesso da Rua José Paulo Mantovan Freire e um pequeno café junto à Rua da Consolação.

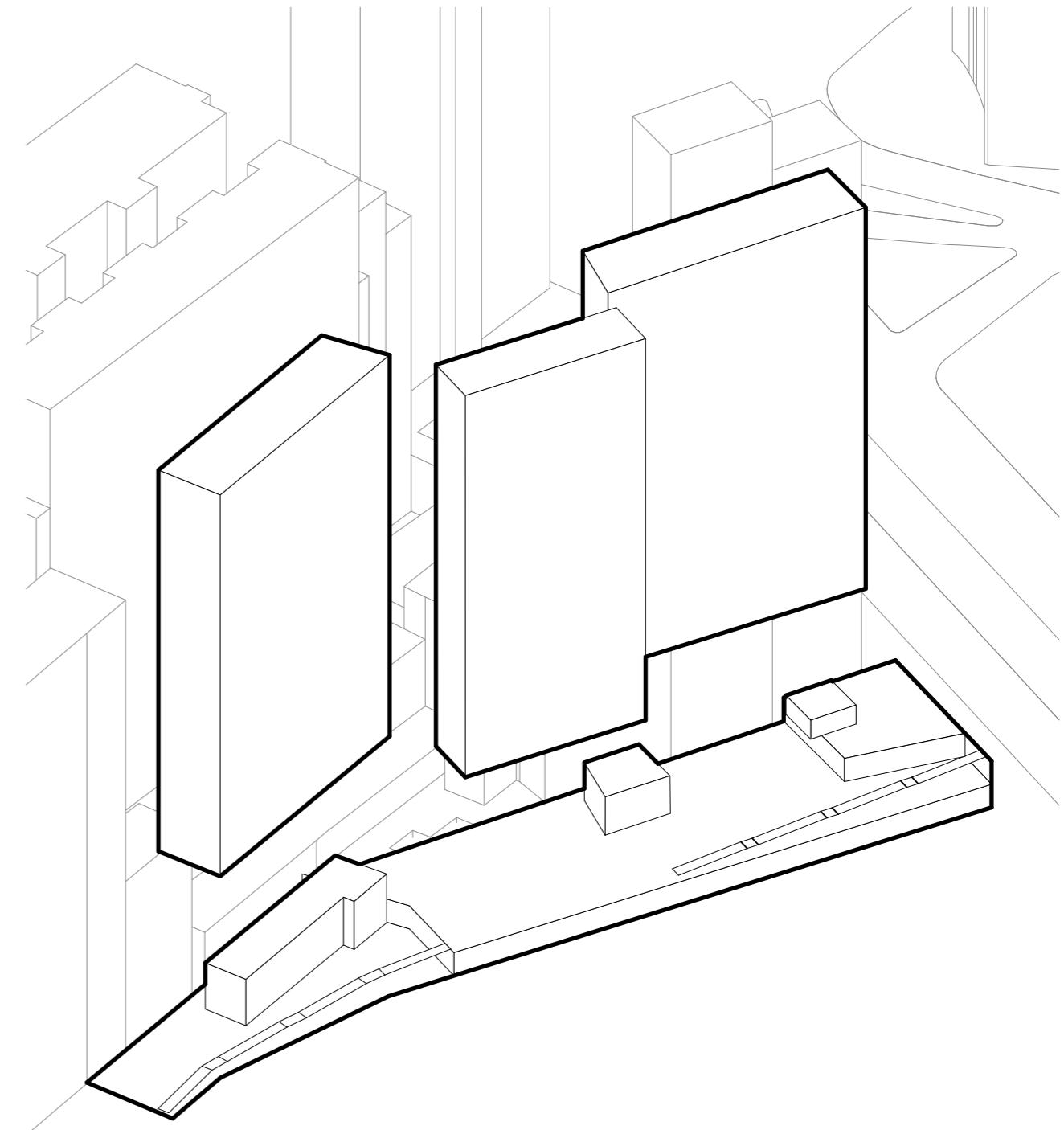
Os espaços foram então reagrupados (2), juntando os espaços de uso privado e de uso coletivo imediato na forma de um apartamento, os espaços de estar e estudo como ambiente

único e dividindo os espaços de uso geral em duas categorias, uma com os de acesso mais público e outra com os de acesso mais reservado.

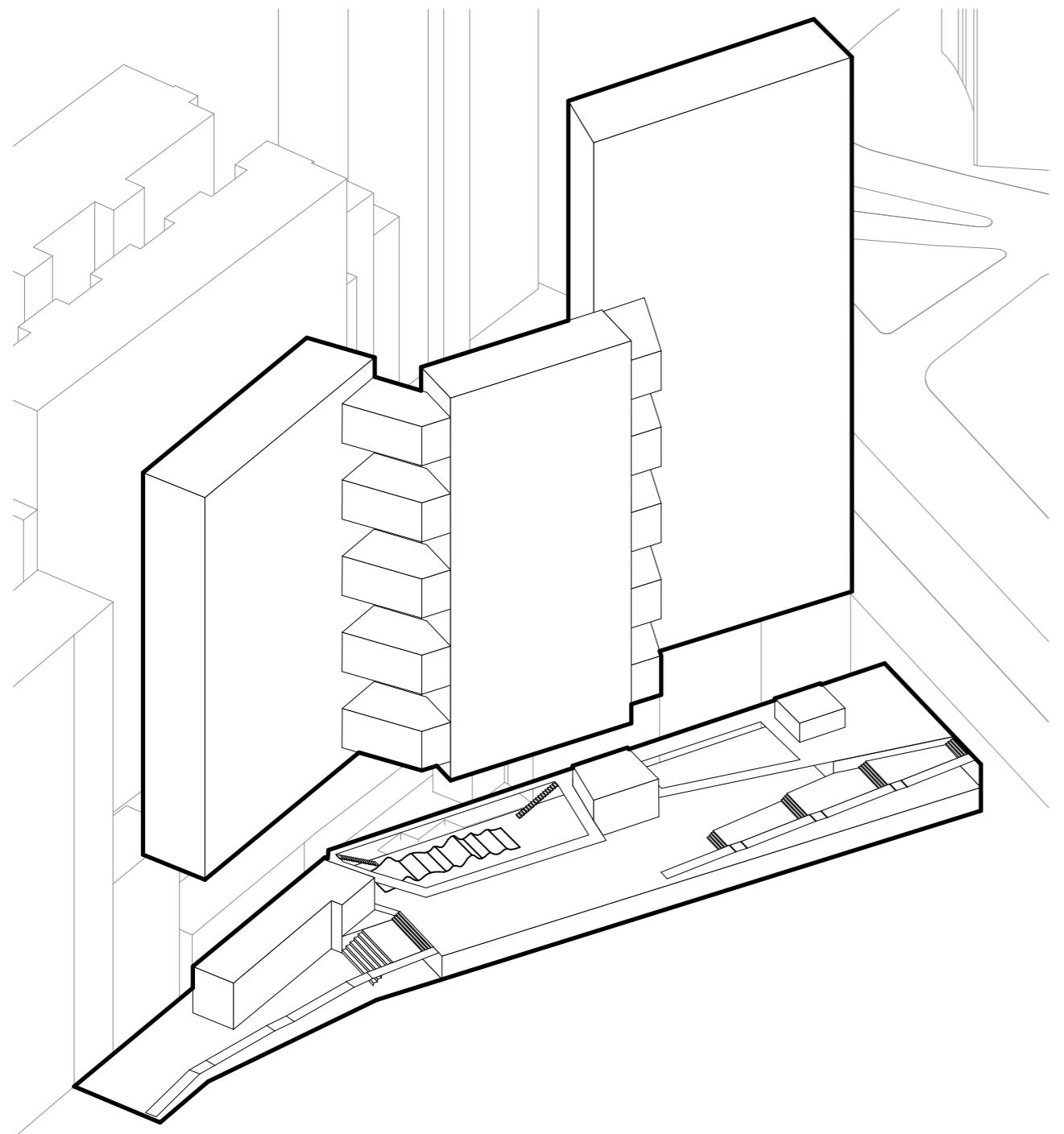
A partir do novo agrupamento, os espaços foram organizados em um corte esquemático (3). Uma praça conecta as duas ruas, dá acesso aos espaços de uso mais público e à circulação vertical da habitação. Os apartamentos se dividem em três torres e se conectam por meio dos espaços de estar e estudo. Os espaços de uso geral reservados aos moradores foram posicionados na cobertura das torres.



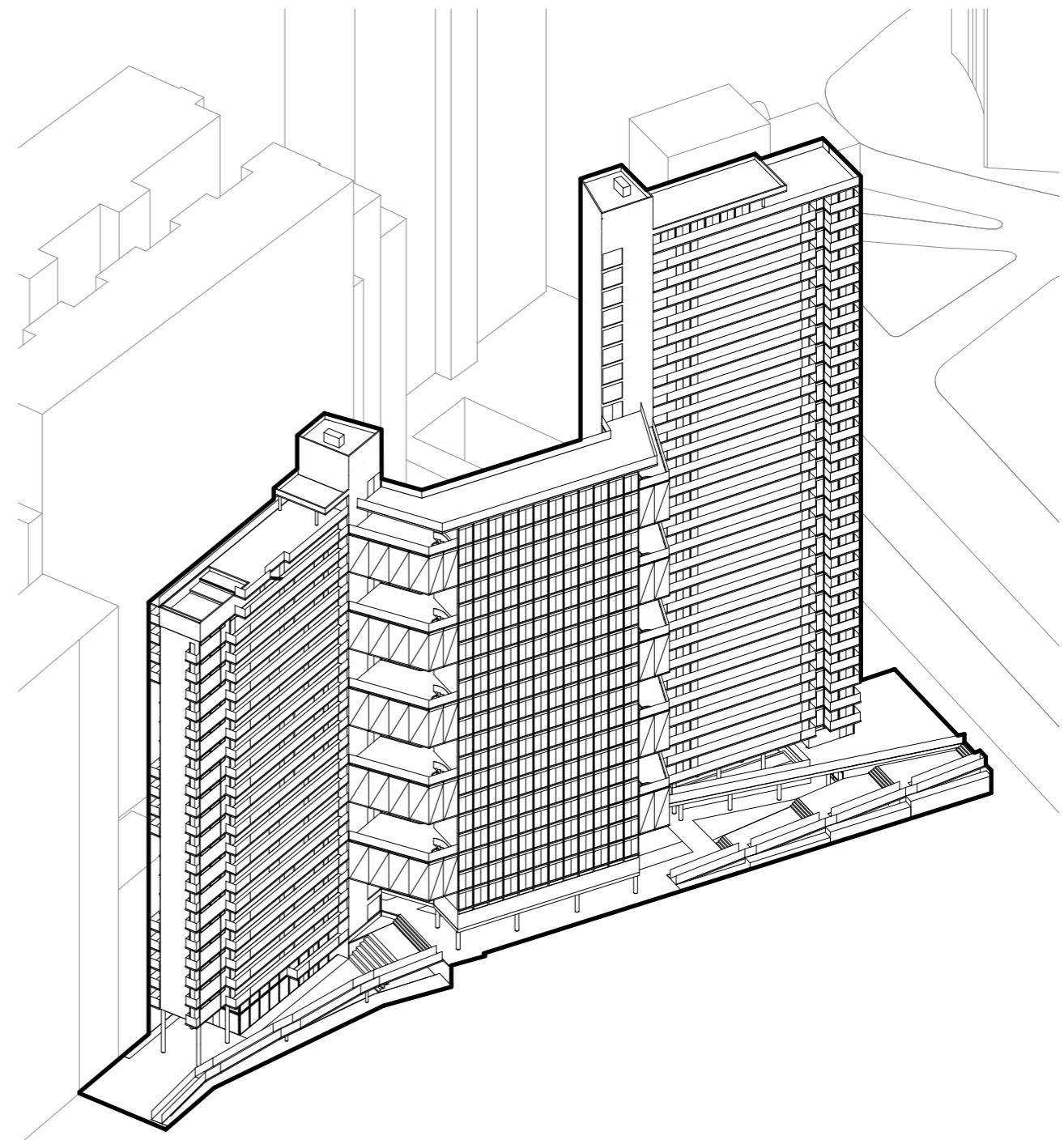
O projeto partiu do reconhecimento do terreno como uma fenda na quadra, um vazio estreito e comprido, aproximadamente 23 x 120 metros, rodeado de edifícios altos, e que conecta a Consolação ao meio da quadra. Portanto, a torre que abrigaria as unidades habitacionais deveria ser tão esbelta quanto possível, recebendo o máximo de luz solar, e o térreo, livre, para liberar a passagem aos pedestres. A esbeltez da torre e o térreo livre evidenciam e valorizam o caráter de fenda do terreno, mostrando aos pedestres o que acontece em seu interior.



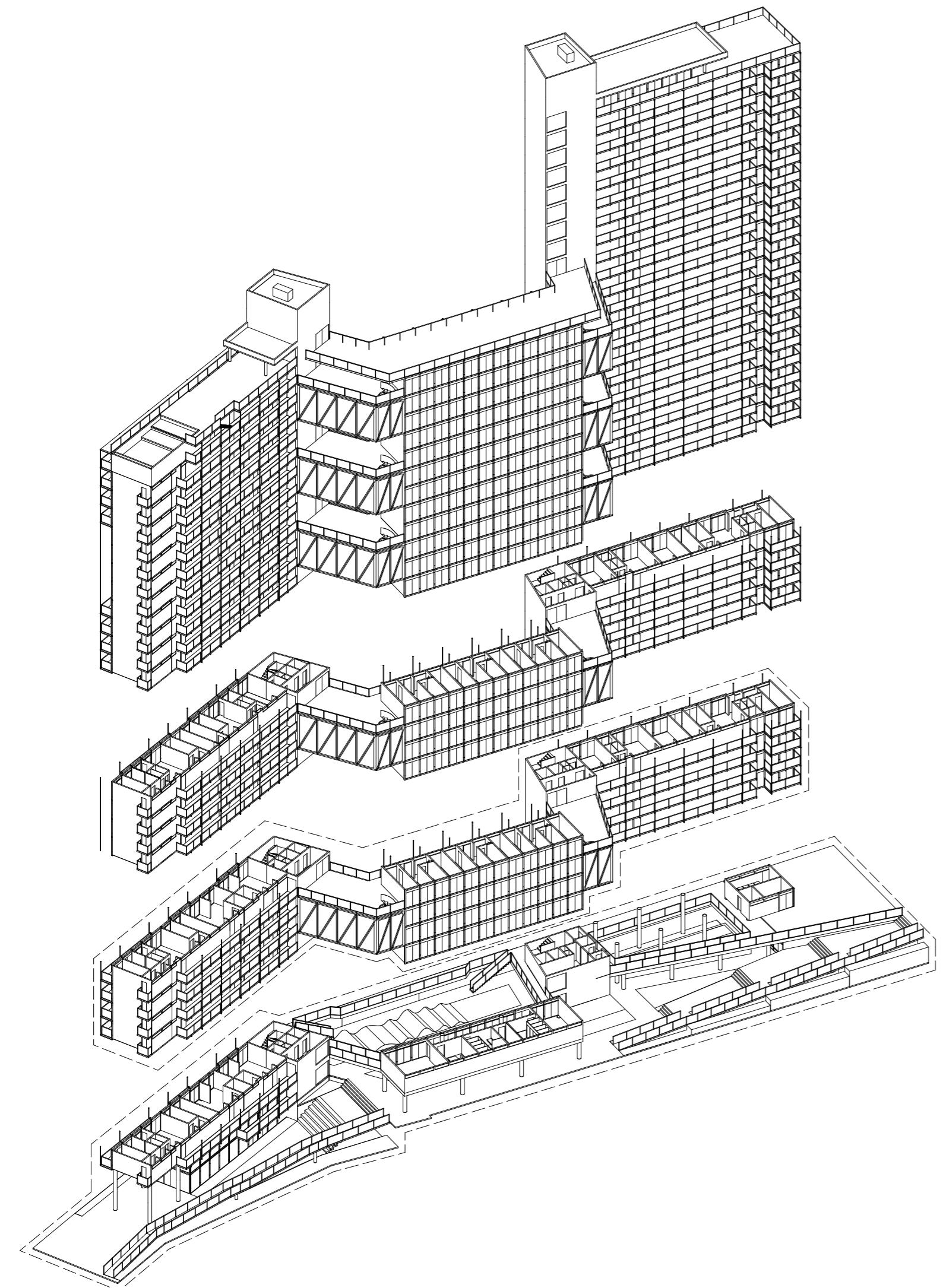
A torre foi dividida em três, evitando que sua grande altura (necessária para conciliar a esbeltez da torre e a quantidade de unidades habitacionais pretendida) se tornasse muito opressiva. O terreno também foi dividido em três níveis. Uma porção do terreno foi dedicada a conexão dos três níveis por meio de rampas, deixando livre a circulação de pedestres entre as duas ruas. Na outra porção foram posicionados os volumes destinados à circulação vertical, café, lavanderia, sala de jogos, ateliê e bar.



Buscando deixar o térreo abaixo da torre central livre para a passagem, fez-se necessário o acesso a suas unidades por meio da circulação horizontal. Foram projetadas passarelas de três pavimentos, que conectam as torres e são os espaços de estar e de estudo, tornando-os facilmente acessíveis a todas as unidades. No térreo, ao lado das rampas, escadas formam patamares e arquibancadas para o andar mais calmo e pausado. No vazio formado no centro do terreno, uma pequena praça é criada.



No topo dos edifícios se localizam a academia, piscina e espaço multiuso. A circulação horizontal avarandada das torres se volta para o interior da quadra. As fachadas opostas à circulação horizontal são cobertas por uma pele de vidro, levando o máximo de luz para dentro dos apartamentos. Todas as varandas se voltam para o oeste, aproveitando o sol da manhã. As passarelas também são cobertas por vidros em três de suas quatro faces, tornando os espaços de estar e estudo um local único no edifício.



Vista da Rua da Consolação, de onde pode-se observar a passagem das pessoas pelas rampas e patamares, pelos corredores de acesso aos apartamentos, a atividade no espaço semiaberto da sala de jogos e ateliê no pavimento abaixo e a movimentação dos moradores dentro das passarelas.

TÉRREO

O projeto do térreo parte da divisão do terreno três níveis - inferior, na Rua José Paulo Mantovan Freire, intermediário e superior, na Rua da Consolação - e duas metades - uma destinada à circulação e outra ao desenvolvimento dos espaços compartilhados.

No nível inferior localiza-se um bar, recuado 20 metros do limite do terreno, estendendo a calçada e permitindo que as mesas ocupem todo esse espaço. O salão coberto do bar localiza-se na projeção da torre.

Rampas e uma escadaria conectam o térreo inferior ao térreo intermediário. As escadas, projetadas como uma arquibancada, são também uma extensão do bar, adicionando mais um espaço para sentar, conversar e, quem sabe, assistir a apresentação de uma banda que anima o bar.

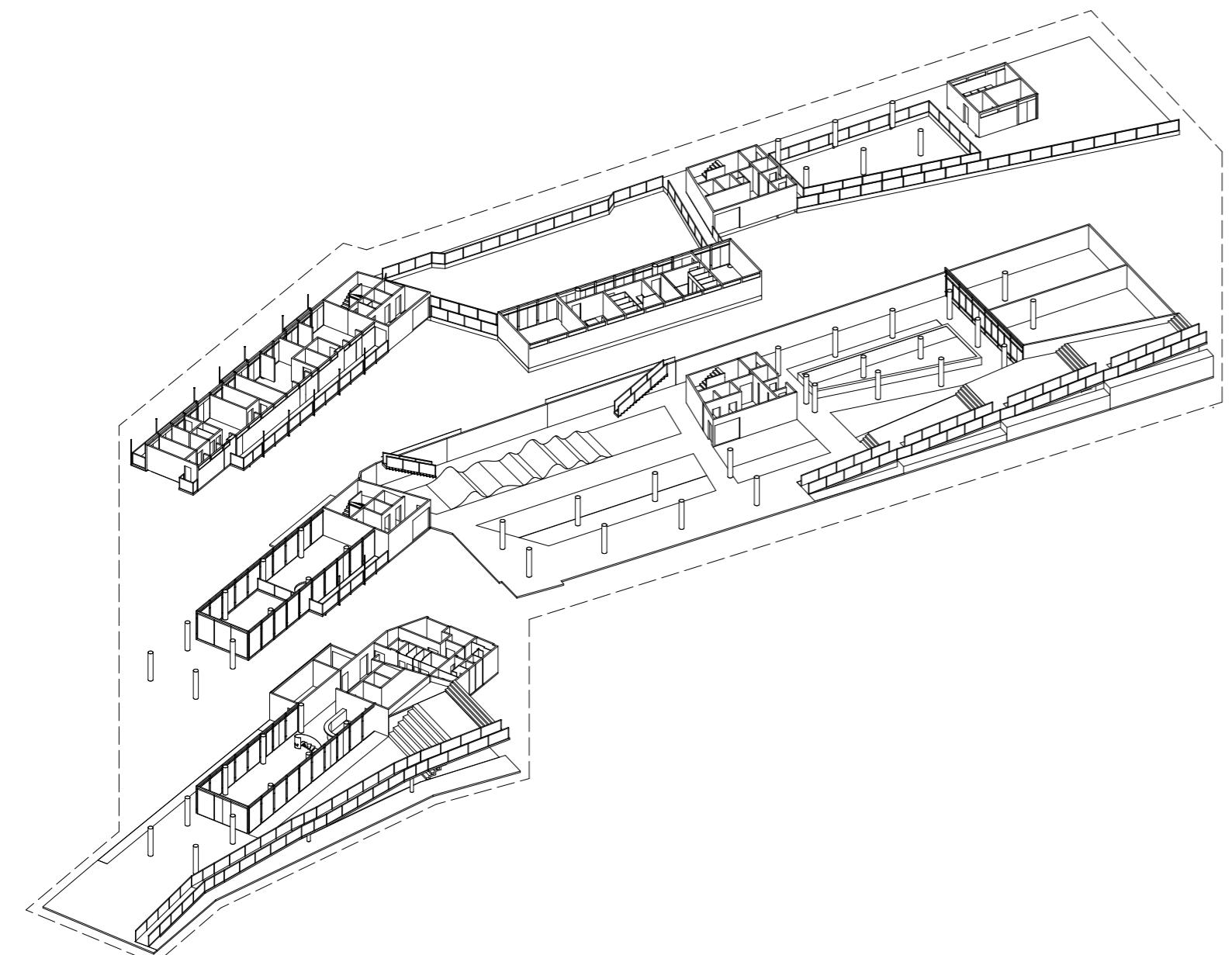
No térreo intermediário se encontram os acessos à circulação vertical. A escolha de posicioná-las no centro do terreno e no mesmo nível se deu não só pela facilidade de ter somente um pavimento como ponto de controle e fechamento do edifício à noite, mas também pela possibilidade de encontro entre moradores, que podem se cruzar no caminho até o acesso ou ao menos reconhecer a presença do outro ou de algum conhecido se dirigindo ao seu apartamento, minimizando a distância física.

Os acessos se voltam para uma praça, na qual se destaca um grande deck ondulado, para sentar, deitar ou brincar. Ao lado da praça há também os acessos ao ateliê compartilhado e à sala de jogos, espaços um pouco mais reservados, ao fundo do terreno, e que compartilham um pequeno espaço semiaberto.

A conexão entre o térreo intermediário e o térreo superior também se dá por meio de rampas e uma escadaria, que se desenvolve em três patamares mais alargados, que possibilitam a permanência.

O café e a lavanderia do térreo superior, assim como o bar, estão recuados, permitindo que os clientes tomem seu café ou leiam um livro enquanto esperam a roupa lavar em mesas espalhadas por essa extensão da calçada. Neste nível também há um caminho que circunda o espaço semiaberto do ateliê e sala de jogos e da praça. Conecta também o restante do edifício com a administração do edifício e a área de funcionários.

Os caminhos, rampas e escadarias foram projetados para que, a partir do andar, os pedestres e moradores possam ter uma vista desimpedida de todas as atividades que ocorrem e das pessoas que frequentam os espaços, para que, talvez, sintam-se convidados a também participar de algumas destas atividades.

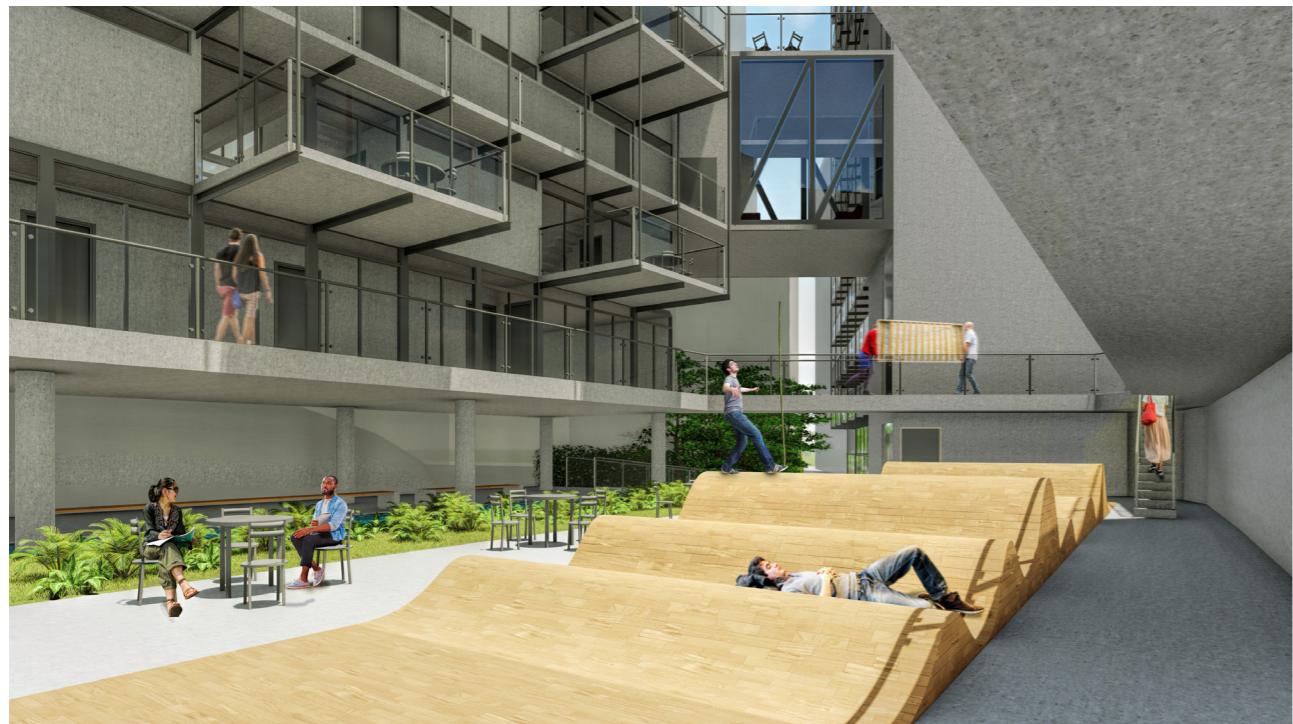
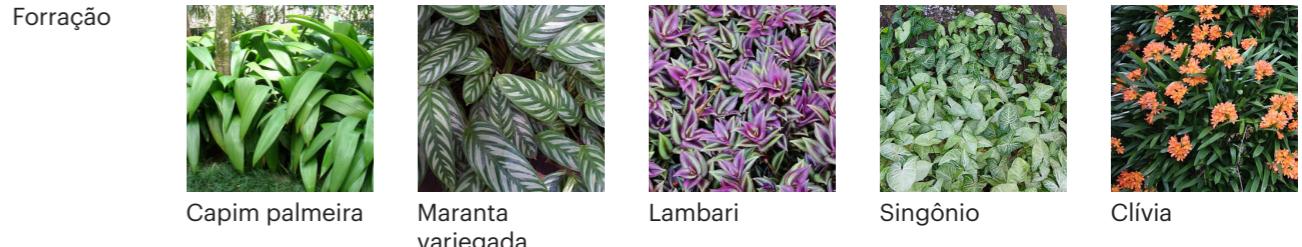
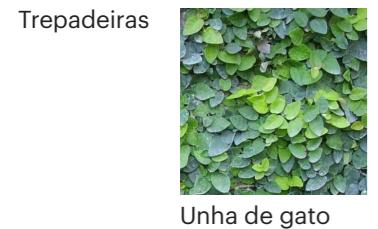




Bar visto da Rua José Paulo Mantovan Freire. O bar com recuos frontais e laterais permite que as mesas e os clientes se espalhem. As laterais do terreno são rodeadas de vegetação, deixando a permanência nesta faixa estreita do terreno mais acolhedora (no encontro do terreno com a rua, sua largura é de 12 metros. Desde o início do terreno é possível observar o térreo intermediário e as passarelas.



O mezanino, à esquerda, é o local mais reservado do bar, de onde é possível acessar uma varanda. A conexão entre os térreos inferior e intermediário é feita pelas rampas e escadarias, que também configuram um espaço de permanência, na forma da arquibancada.



Praça do térreo intermediário, com o grande deck ondulado, lugar para se sentar, deitar e brincar. Os canteiros foram projetados de modo a ajudar a controlar o acesso dos pedestres ao edifício. Na linha dos canteiros foi proposto um portão guilhotina invertido, que fecha o acesso de noite, permitindo somente a entrada dos moradores, por exemplo, por meio de cartões ou biometria. No térreo superior, o fechamento com portões de correr é tal que o acesso às escadas da praça é bloqueado. Os exemplos acima de arbustos e forrações se adaptam bem à sombra. As árvores de menor porte podem ser plantadas mais próximas aos muros, e as de médio porte, mais distantes. É importante pontuar que nas perspectivas não foram utilizadas as espécies acima, somente dão a indicação de onde poderiam ser posicionadas.



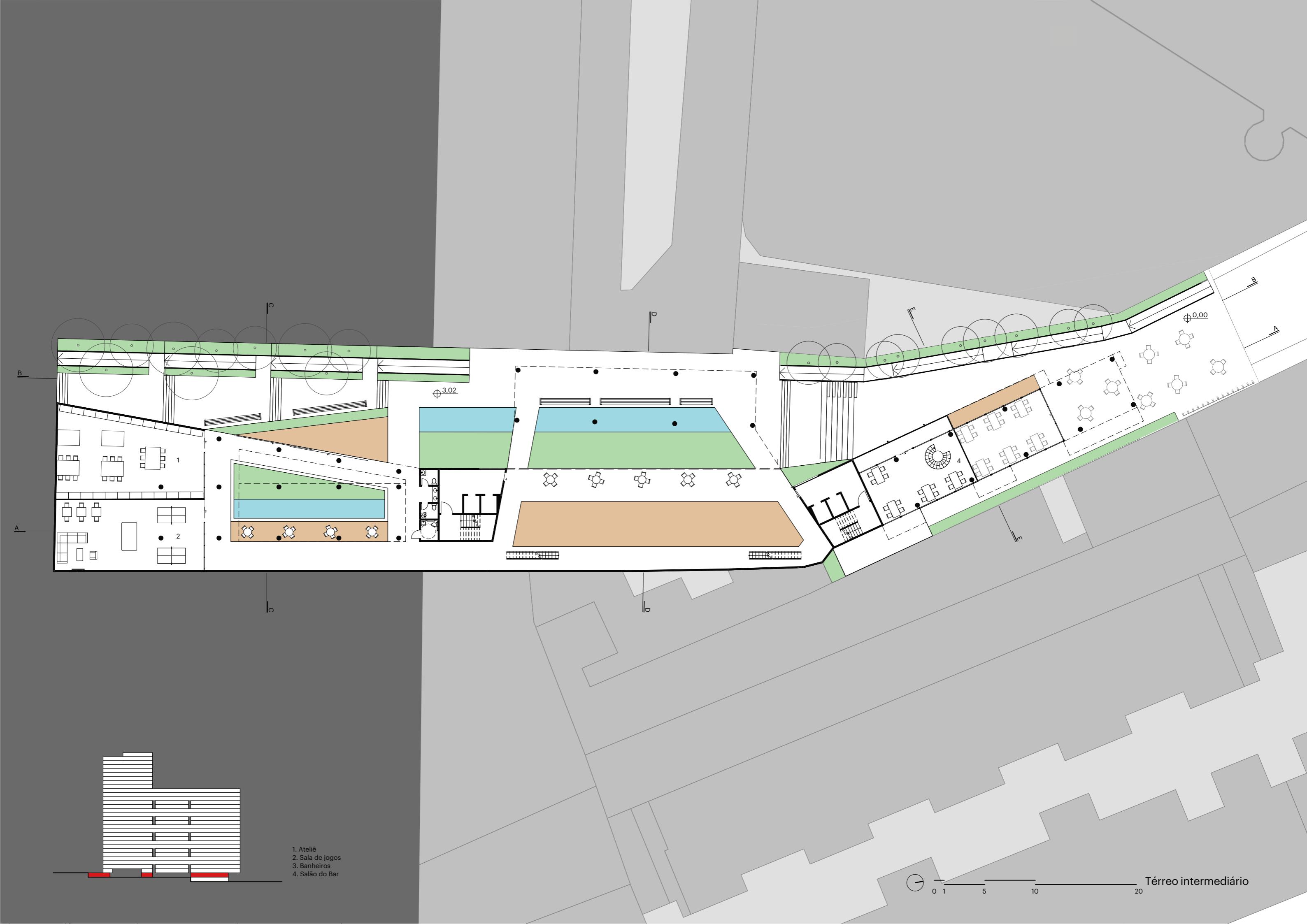
Vista da conexão entre térreo intermediário e térreo superior, por meio de rampas, cujos patamares coincidem com os patamares da escadaria. Nos patamares foram posicionados bancos sem encosto, de modo que possam ser observadas a passagem de pedestres ou da atividade da sala de jogos e ateliê (à esquerda). Na frente desses dois ambientes, há espaço para mesas e um canteiro elevado, com bordas largas, para que possa ser utilizado como banco. O fechamento por meio de portão de correr ocorre nesta área semiaberta, na projeção do caminho que a circunda.



1. Salão do Bar
2. Cozinha
3. Banheiros
4. Estoque
5. Administração

6. Vestiário dos funcionários
7. Armário da limpeza
8. Cabine primária/Depósito de lixo
9. Bicicletário

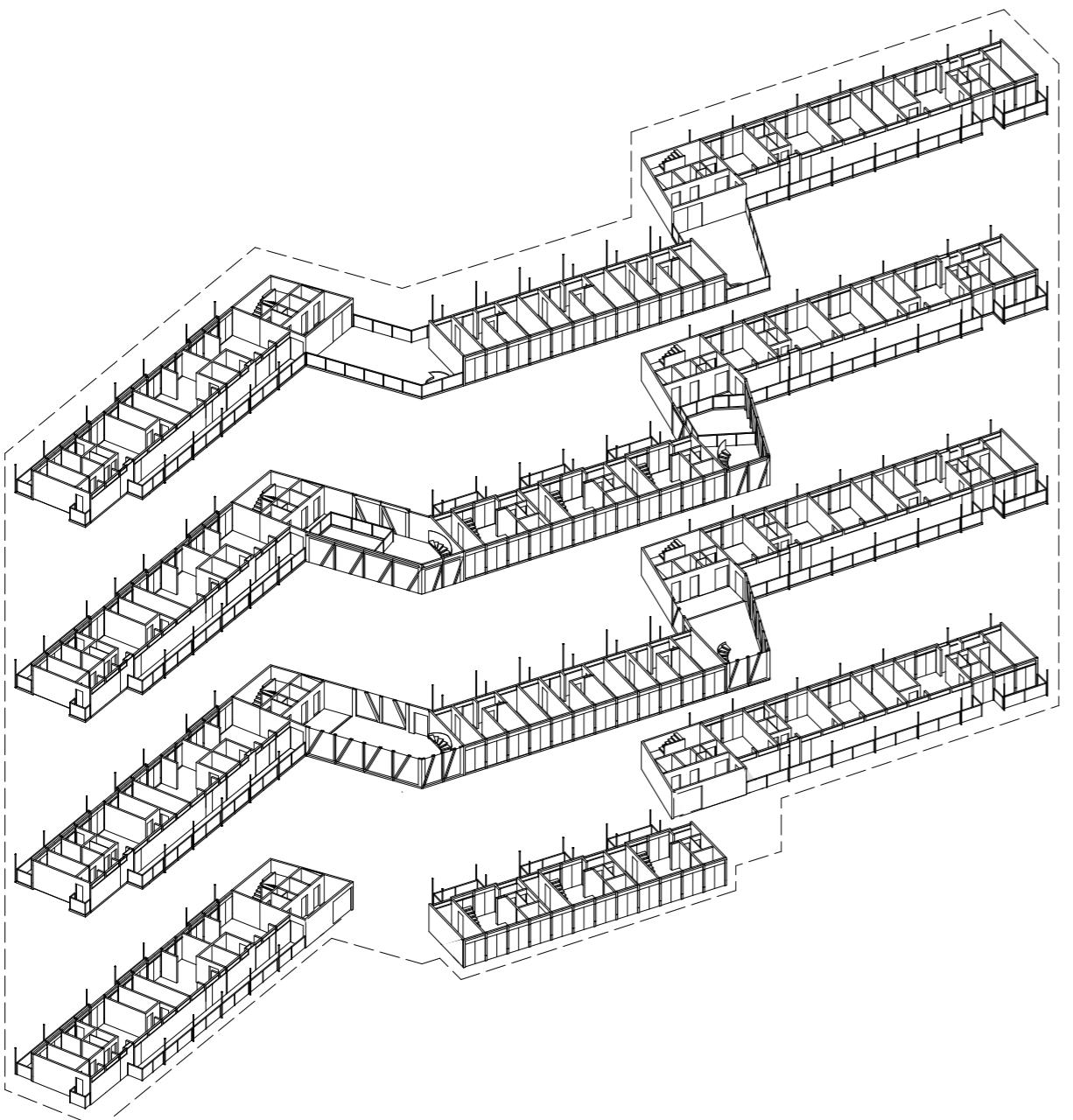






TORRES

As unidades foram desenhadas de modo que as torres fossem o mais esbeltas possível, sem sacrificar a qualidade dos espaços. Cada unidade foi construída a partir de um módulo de 2 x 5,6 metros e os apartamentos regulares são compostos de sete módulos, que abrigam quatro moradores. Os apartamentos acessíveis e duplos são as exceções, pois se desenvolvem em três módulos e meio.



A circulação horizontal é feita por meio de corredores avarandados de 1,5 metros, voltados para o interior da quadra, para que o andar e a permanência fossem agradáveis, com a possibilidade de olhar a atividade do térreo e das passarelas, ou de conversar com o vizinho sem atrapalhar a circulação. Todos os apartamentos possuem varandas voltadas para o oeste, que sempre conectam sala e alguns dos quartos ao exterior.

Para conciliar a premissa de que a circulação horizontal deve se voltar para a quadra e as varandas para oeste, as unidades da torre central são duplex, cujo acesso se dá pelo pavimento superior.

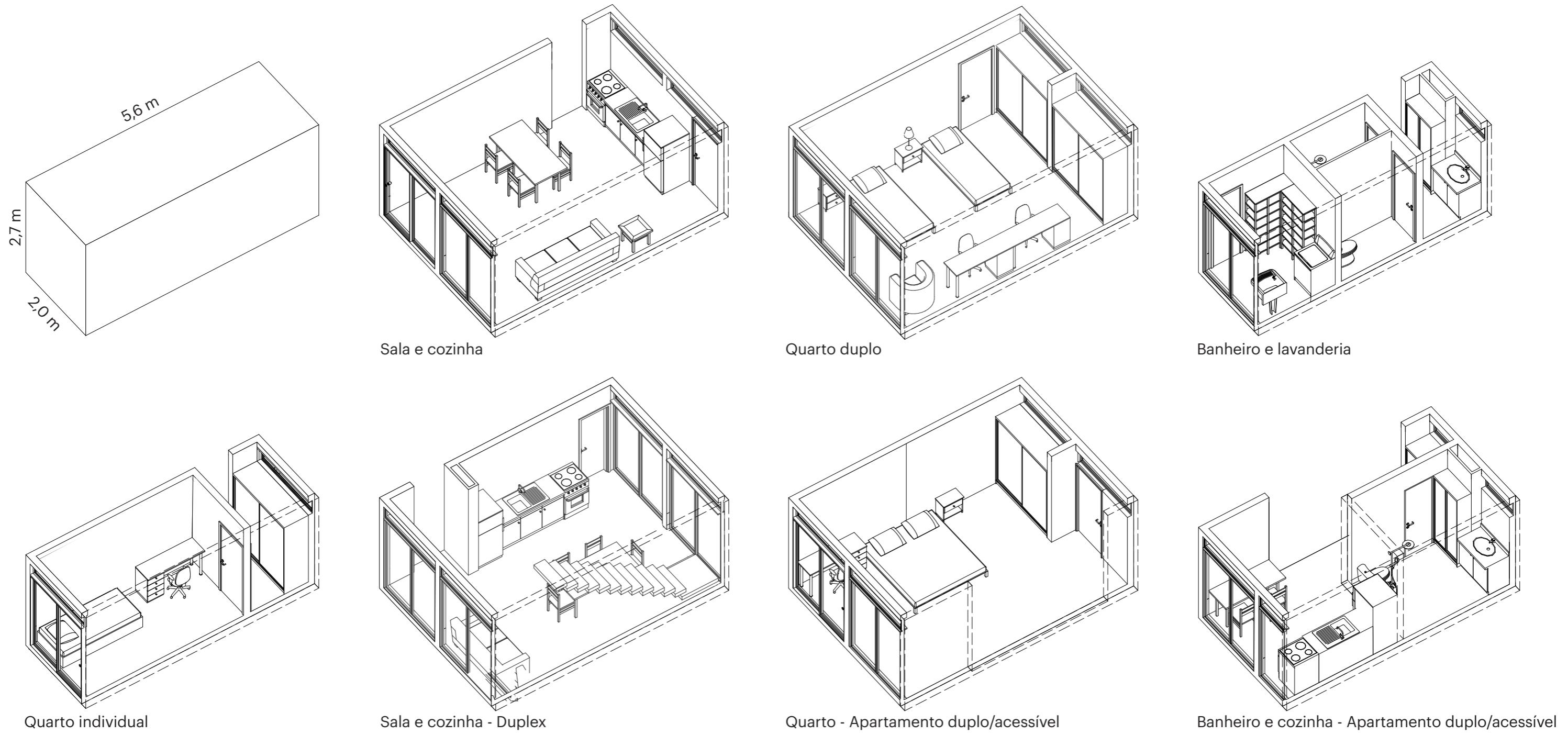
A conexão entre as torres é feita por passarelas de três pavimentos, ao mesmo tempo espaço de estar, de estudo e circulação horizontal. Cada grupo de quatro pavimentos é conectado por duas passarelas.

As passarelas são o ponto central de convivência entre os estudantes. Sua importância e destaque já são sugeridos pela sua forma, que quebra a regularidade das torres e se projeta para fora da malha ortogonal com um grande balanço, e pela sua total transparência, contrastando com as fachadas opacas que se voltam para o meio da quadra.

Seu posicionamento entre as torres, logo na saída da circulação vertical faz com que todos os moradores do edifício passem por algum ponto da passarela ou vejam as atividades que se desenvolvem no seu interior em algum ponto do dia, aumentando sua frequência de uso e animando seus espaços.

O desenho em três níveis permite não só conectar vários apartamentos de diferentes pavimentos, mas também que sejam projetados espaços variados em seu interior: uma pequena copa, espaços de estar com pé-direito duplo ora fechados, ora em varandas, espaços de estudo mais reservados no mezanino, varandas mais reservadas ainda e espaços ao ar livre.

As diferentes passarelas são distribuídas ao longo do edifício, atraindo diferentes tipos de pessoas para seus ambientes, permitindo que elas escolham qual das passarelas mais as agradam no momento, incentivando também que os moradores passem pelo edifício e que mais encontros ocorram.

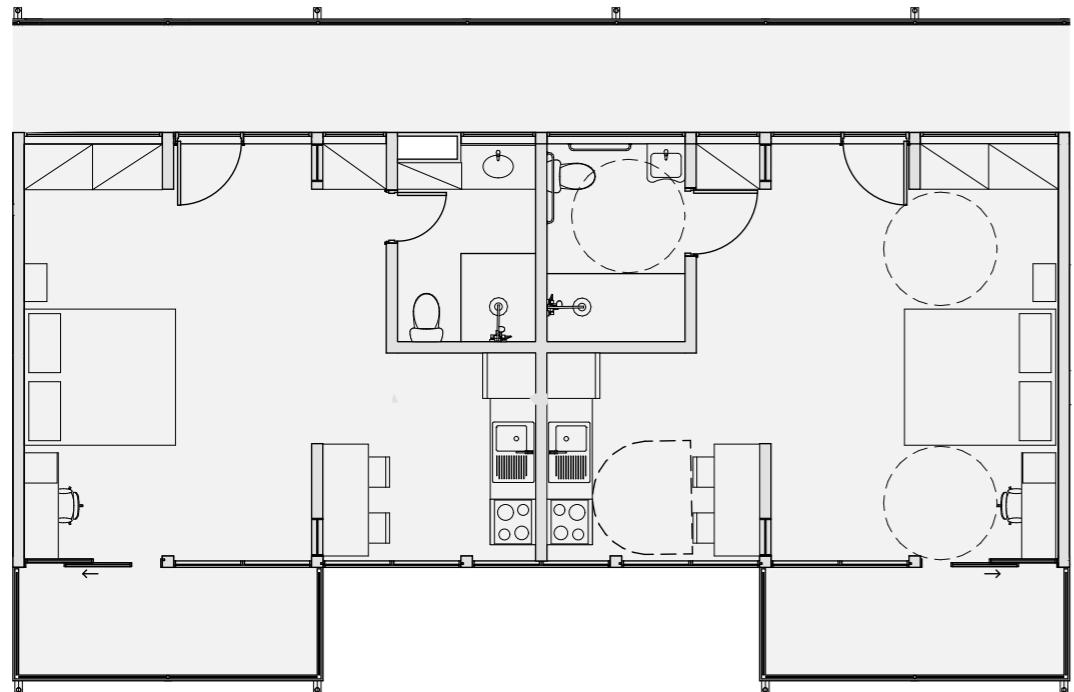


As unidades habitacionais foram criadas a partir de um módulo de 2,0 x 5,6 m. O módulo obedece à regra de sempre possuir janelas nos lados opostos: ora uma pequena janela mais próxima ao teto, ora uma grande janela do chão ao teto. A primeira sempre se volta para a circulação horizontal, de modo que a ventilação e iluminação sejam garantidas sem interferir na privacidade dos ambientes. A segunda se volta para as áreas livres de circulação horizontal.

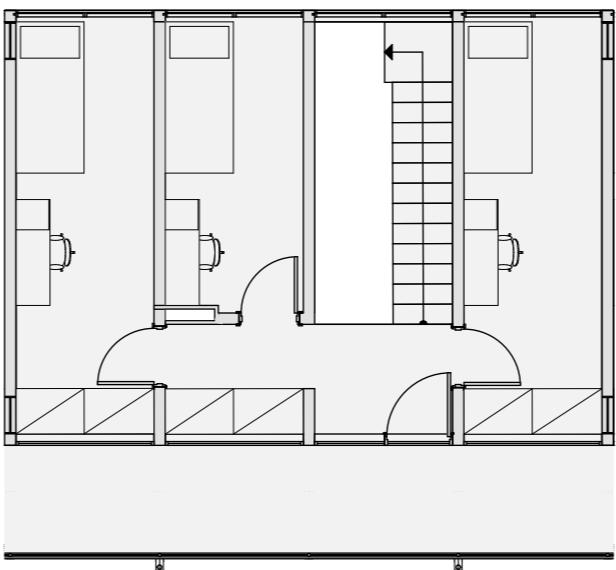
A partir do projeto do módulo do quarto individual, composto do quarto, corredor e nicho para armários, foram desenvolvidos os outros. Salas e os quartos duplos são compostos de dois módulos. Na sala, os armários dão lugar à fogão, pia e geladeira. A sala do apartamento

duplex, exceção, não possui os nichos em uma das faces, dando lugar a mais uma janela do chão ao teto.

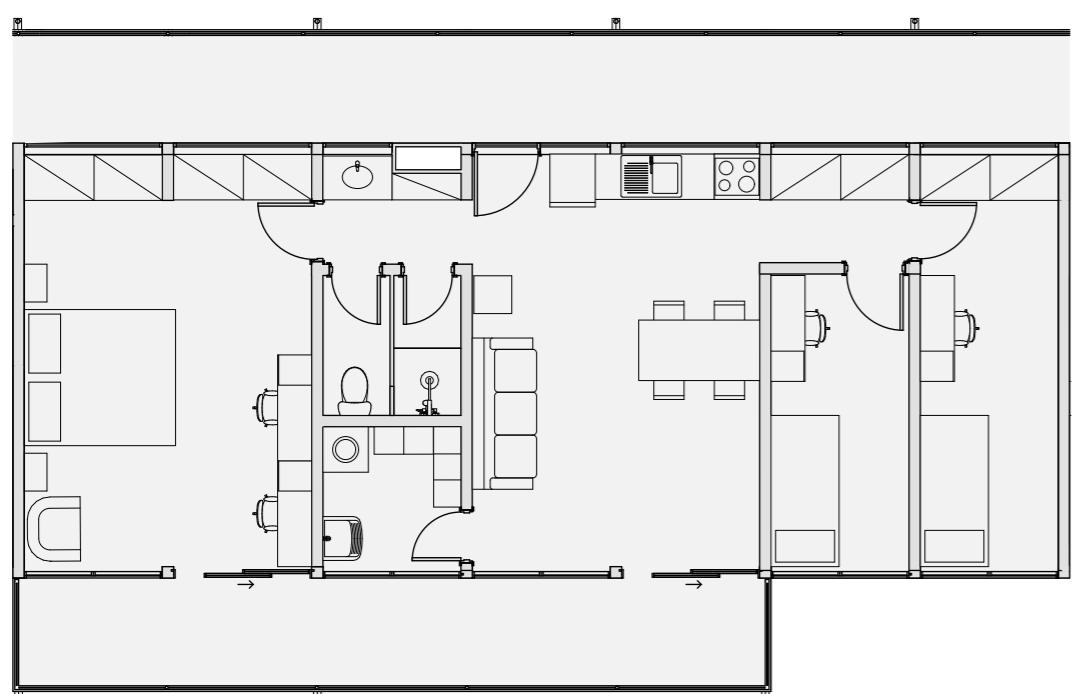
No módulo de banheiro e lavanderia, o nicho é reservado ao *shaft* e à pia. Vaso sanitário e chuveiro são separados, permitindo o uso simultâneo dos dois mesmo quando os banheiros de quarto não possuem tanta intimidade. A lavanderia se volta para a grande janela. O módulo do banheiro e cozinha, utilizado somente nos apartamentos duplos/acessíveis, é composto de um módulo e meio. O dos apartamentos duplex não se localiza no nicho, mas próximo à cozinha, para não diminuir o espaço reservado aos armários dos quartos



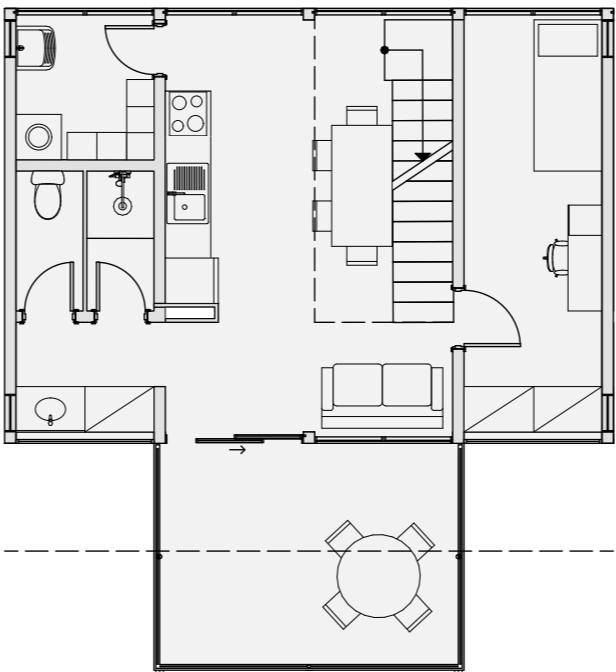
Apartamentos duplo e acessível



Duplex - pavimento superior



Apartamento três quartos



Duplex - pavimento inferior

0 1 2 5

A partir dos módulos foram criados seis tipos de unidades: quatro quartos, três quartos, dois quartos, duplo, duplo acessível e duplex. As seis foram construídas de modo que em sete módulos viveriam quatro pessoas (o duplex é formado de sete módulos mais o vazio da escada).

Enquanto as três últimas unidades mantêm-se constantes por todo o projeto, as três primeiras sofrem pequenas alterações dependendo da torre e do seu posicionamento no pavimento, na extremidade ou próxima à circulação vertical.

Por exemplo, os quartos localizados nas extremidades da torre próxima à Rua da Consolação são rotacionados em 180°, de modo que os janelões se voltam para o interior da quadra, evitando a vista para a empêna cega ao lado. Já nos extremos da torre da Rua José Paulo Mantovan Freire, os quartos não estão rotacionados e foi aberta uma pequena varanda no fim do corredor.

Para garantir máximos pé-direito livre e iluminação, a laje foi pensada como pretendida, eliminando a necessidade de vigas. Os pilares metálicos, localizados nas extremidades da unidade, suportam a carga do edifício ocupando uma área muito menor do que a de um pilar de concreto armado, permitindo que sejam posicionados entre as paredes e liberando mais espaço dentro da unidade, que já tem área bastante reduzida. Os módulos das unidades foram organizados para que os pilares coincidissem com as paredes, evitando que fosse tomada a área da sala e da cozinha.

A variação das plantas - das unidades, passarelas e posição das varandas - ocorre a cada quatro pavimentos. Foram criados então dois conjuntos de unidades e passarelas, que se repetem cinco vezes ao longo do edifício.

No topo desses vinte andares, na torre junto à Rua José Paulo Mantovan Freire, as duas unidades finais dão lugar à academia e à piscina. Na torre da Rua da Consolação são adicionados mais oito andares de apartamentos. Na sua cobertura foi projetado o espaço multiuso, entendido como um lugar mais apropriado para festas, reuniões e confraternizações entre os moradores. É composto de três espaços, um aberto, outro coberto-aberto e outro fechado, no qual se localiza a estrutura fixa, composta somente dos banheiros e de um balcão com equipamentos de cozinha. Essa estrutura está concentrada junto à circulação vertical, liberando o espaço restante para ser organizado da melhor maneira para o evento.



Interior de uma passarela. No nível inferior, na área de pé direito duplo foram posicionados os sofás, para conversas mais informais. Ao fundo, próxima à escada, uma pequena copa, para que as passarelas sejam também lugar para compartilhar refeições. Neste nível ocorre o acesso aos apartamentos da torre central, tornando a passarela um local de circulação. No mezanino há mais mesas, destinadas ao estudo, em local mais reservado, já que não é um local de circulação tão frequente como o nível inferior.

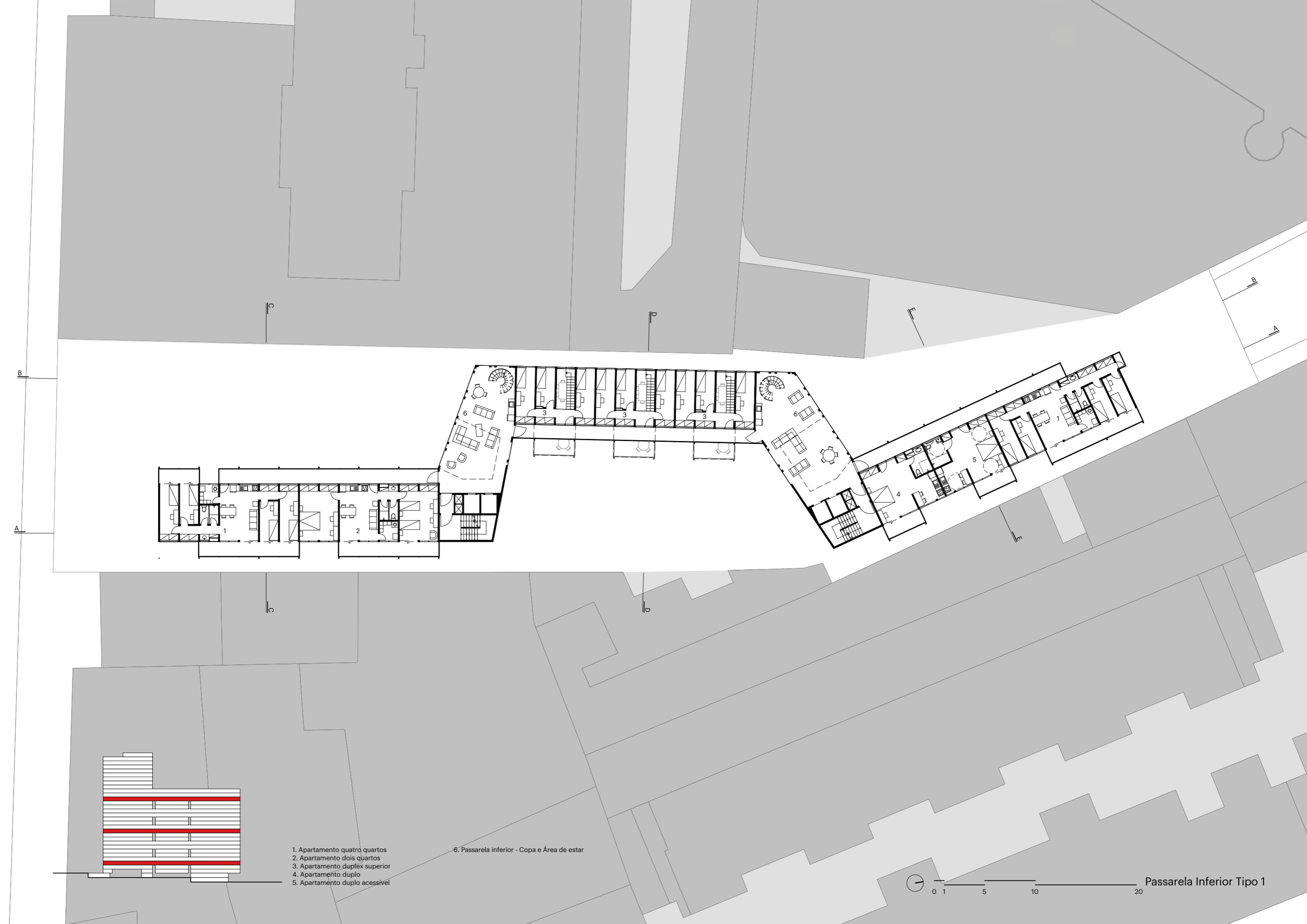


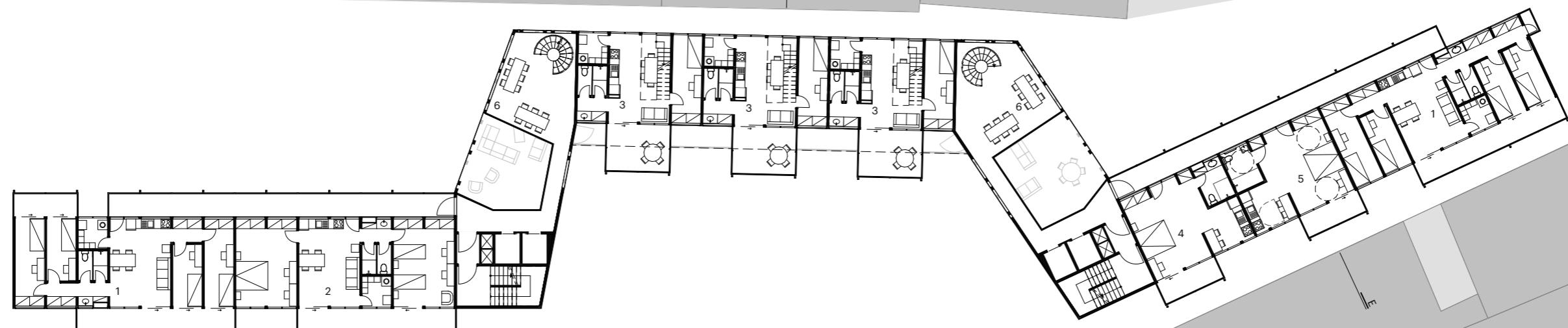
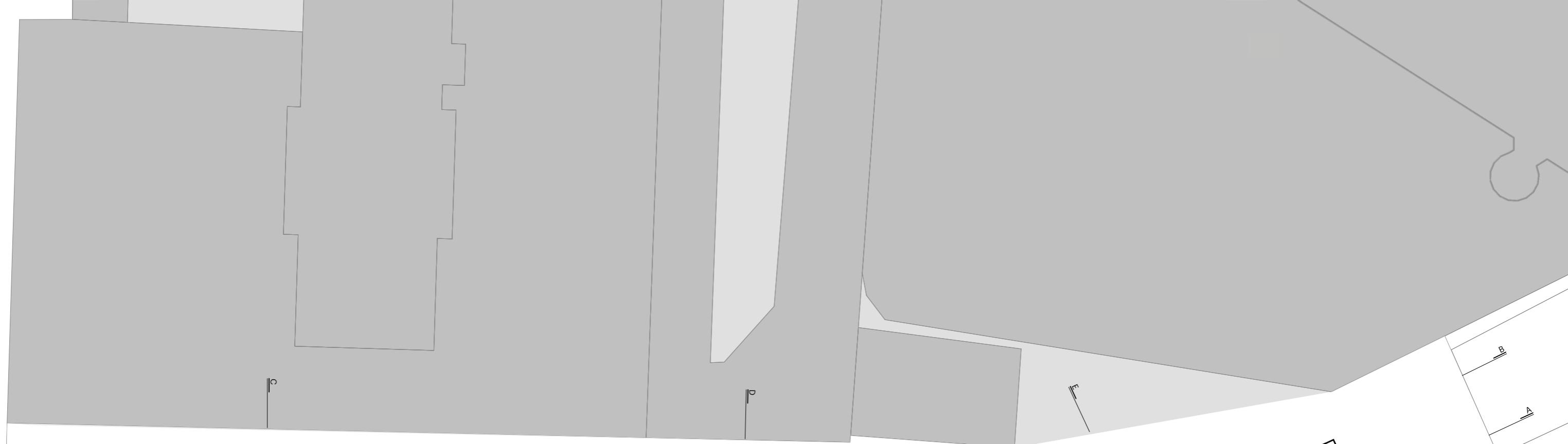
Logo ao sair dos apartamentos é possível observar quais atividades ocorrem e quem está dentro das passarelas, mesmo que por acaso, pois são totalmente envidraçadas. Neste nível superior das passarelas, é feita a conexão com os apartamentos da torre central. Foram projetados bancos fixos e colocadas cadeiras dobráveis, para que este nível também seja um lugar de permanência, desta vez ao ar livre. O revestimento com vidro permite a vista de dentro para a cidade, para o próprio edifício e vice-versa.



1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex inferior
4. Apartamento duplo
5. Apartamento duplo acessível

Apartamentos Tipo 1





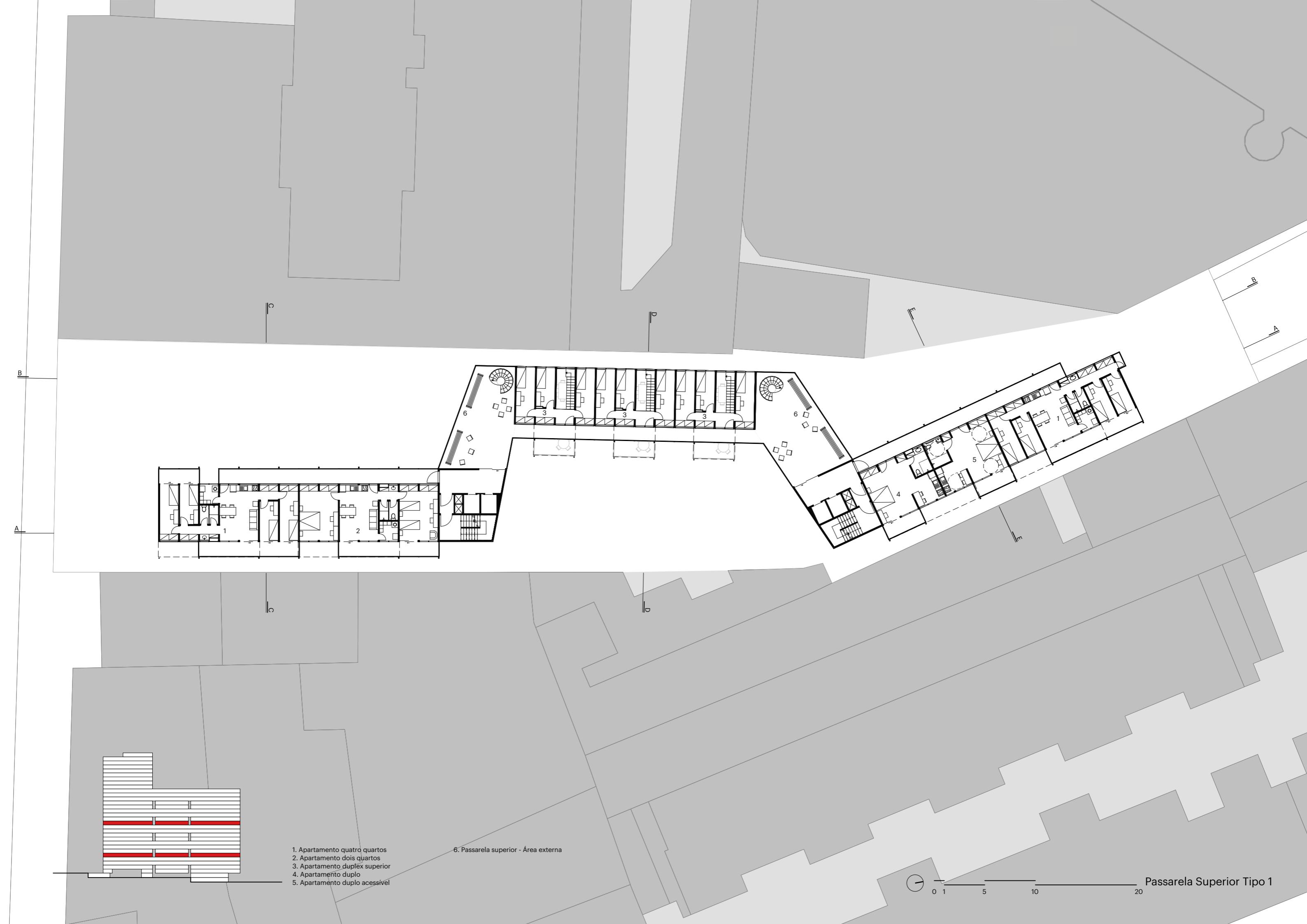
- 1. Apartamento quatro quartos
- 2. Apartamento dois quartos
- 3. Apartamento duplex inferior
- 4. Apartamento duplo
- 5. Apartamento duplo acessível

6. Passarela intermediária - Área de estudo



0 1 5 10 20

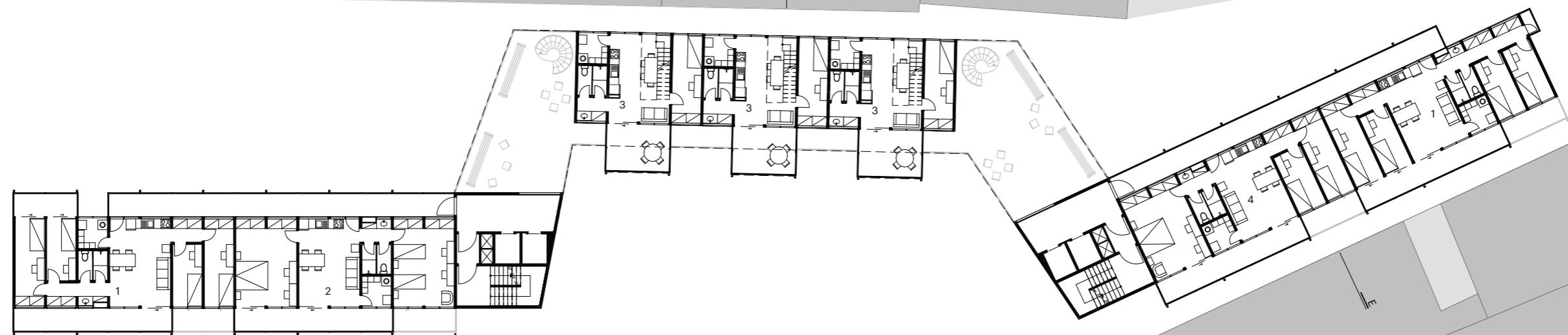
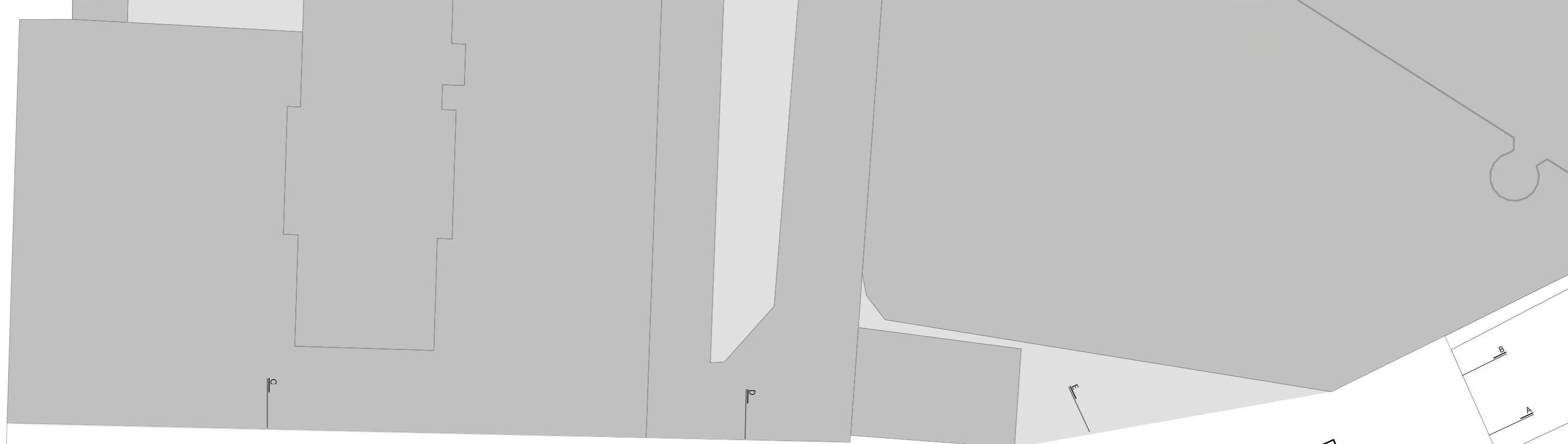
Passarela Intermediária Tipo 1



1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex superior
4. Apartamento duplo
5. Apartamento duplo acessível

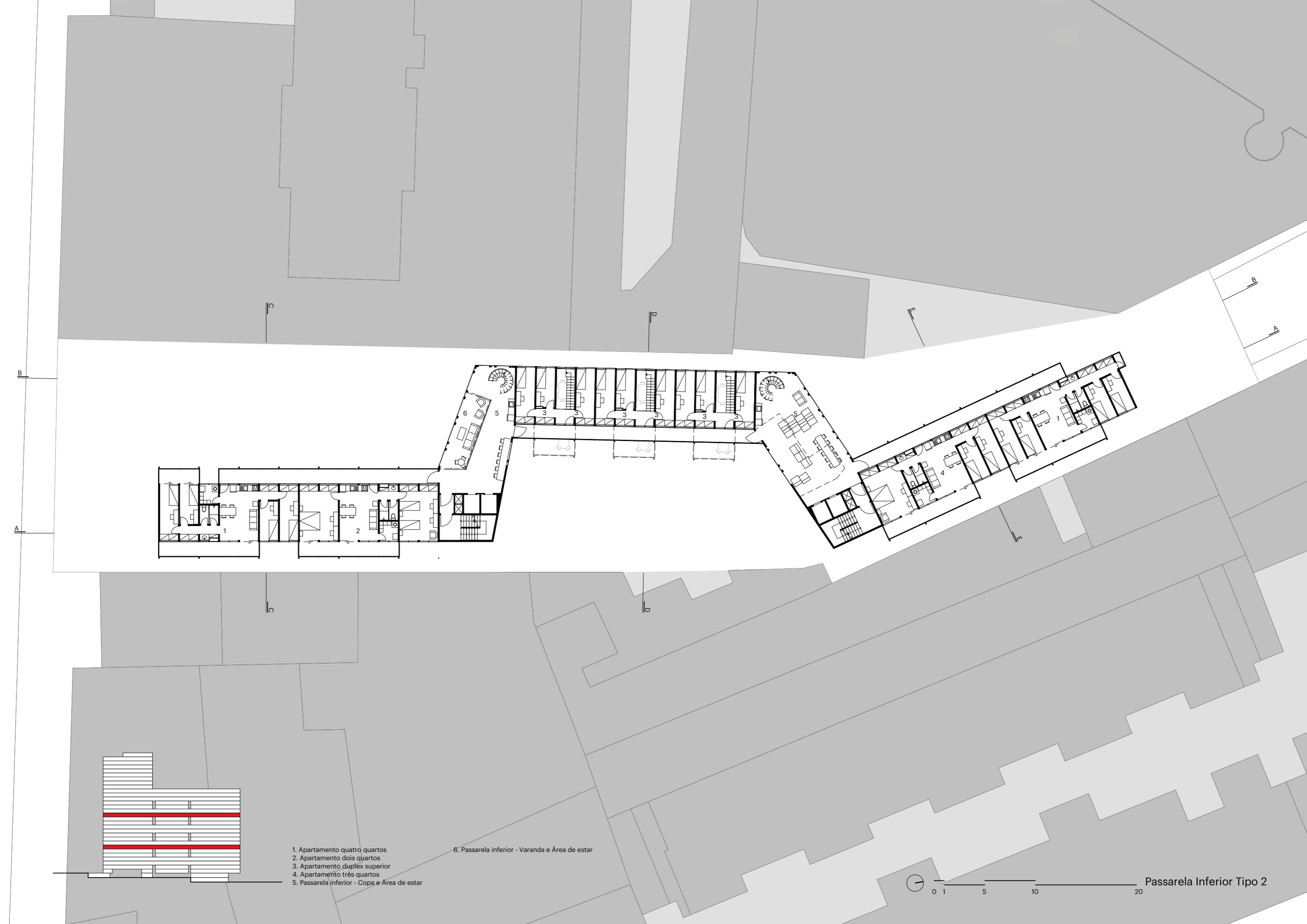
6. Passarela superior - Área externa

Passarela Superior Tipo 1



1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex inferior
4. Apartamento três quartos

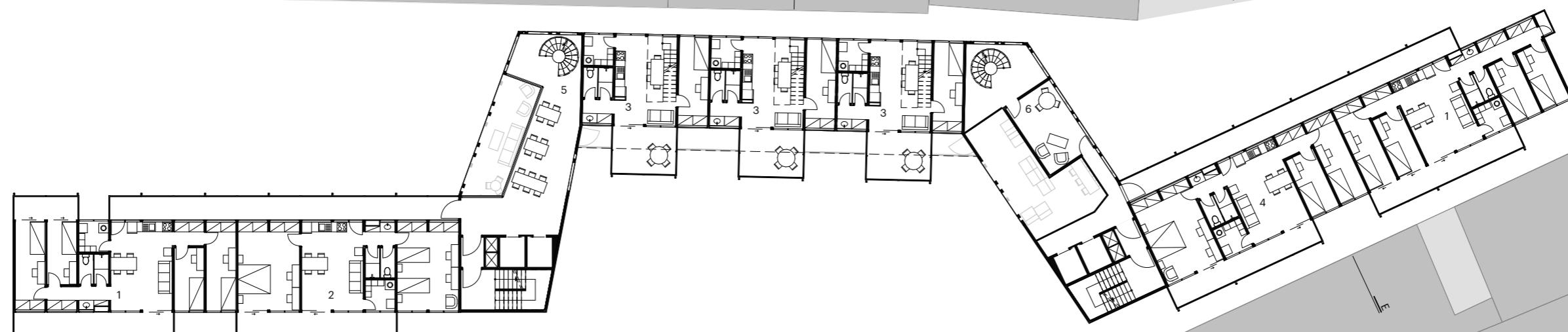
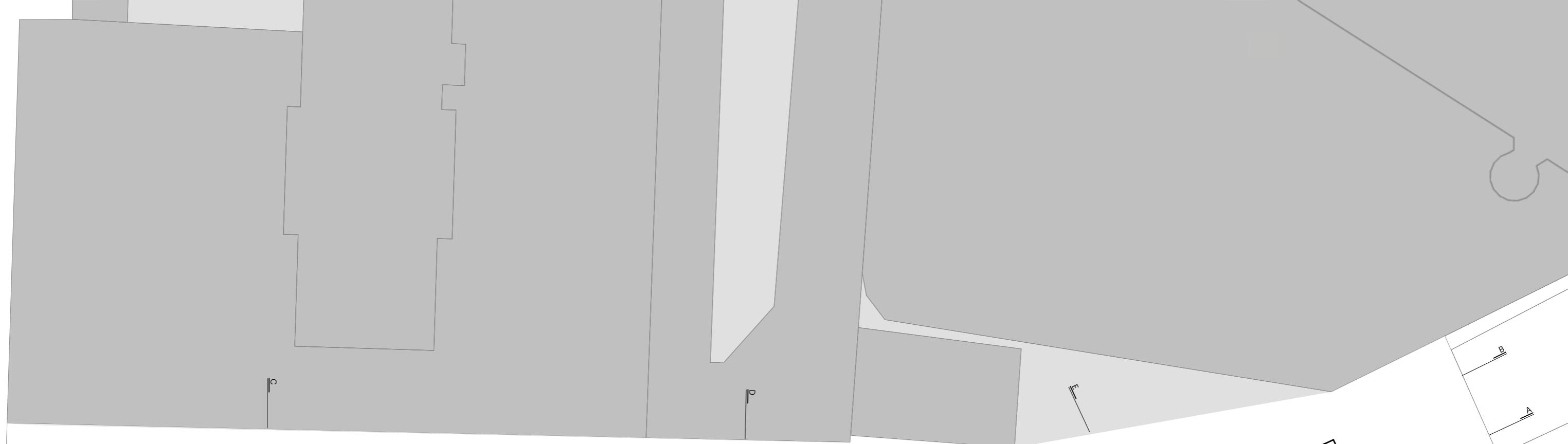
Apartamentos Tipo 2



1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex superior
4. Apartamento três quartos
5. Passarela inferior - Copa e Área de estar

6. Passarela inferior - Varanda e Área de estar

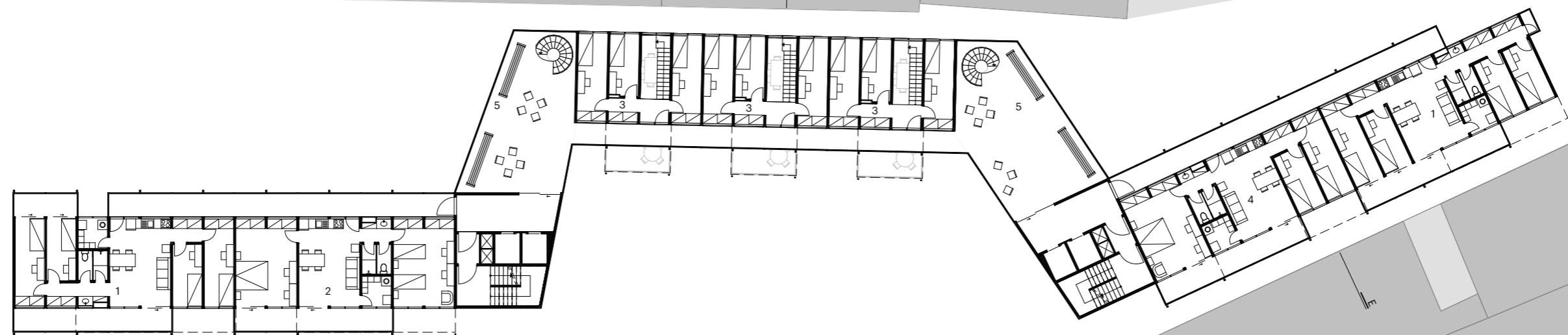
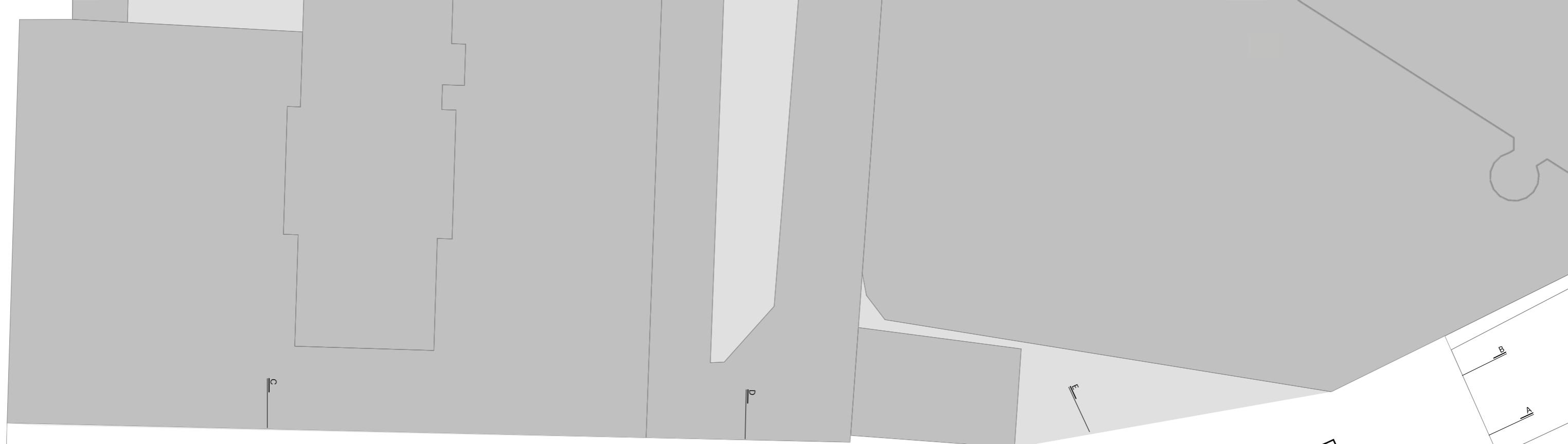
0 1 5 10 20
Passarela Inferior Tipo 2



1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex inferior
4. Apartamento três quartos
5. Passarela intermediária - Área de estudo

6. Passarela intermediária - Varanda e Área de estar

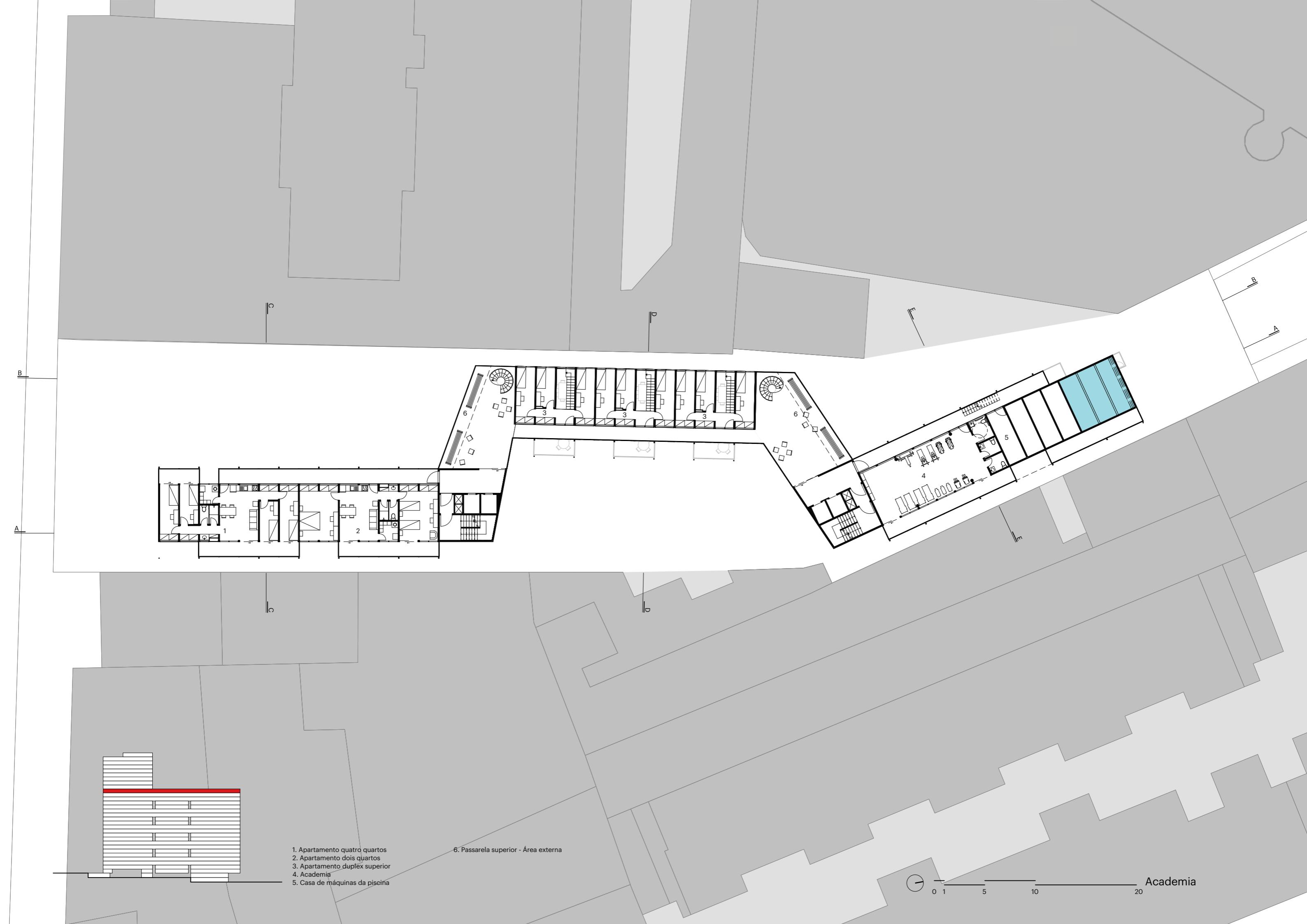
Passarela Intermediária Tipo 2

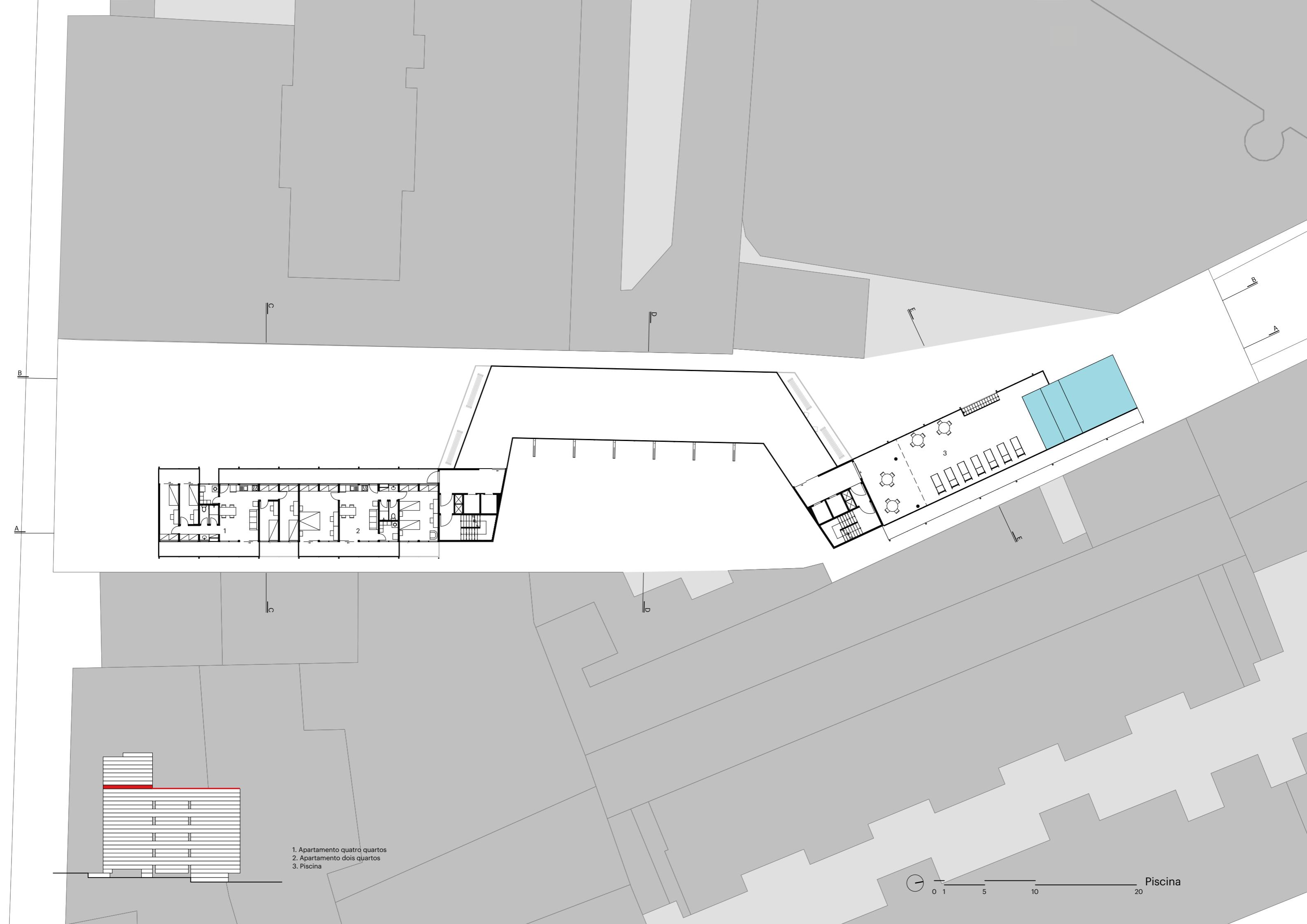


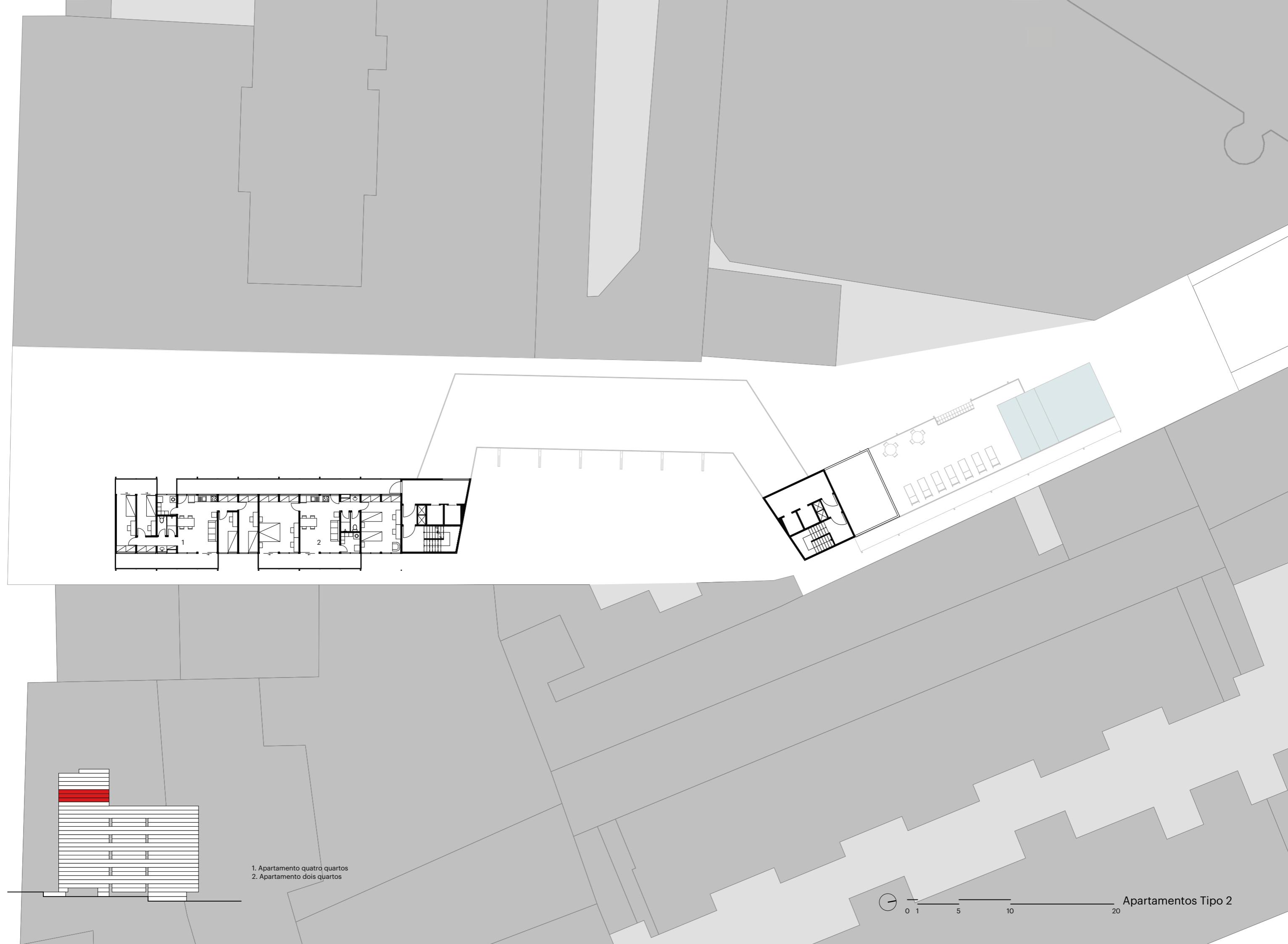
1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos
3. Apartamento duplex superior
4. Apartamento três quartos
5. Passarela superior - Área externa

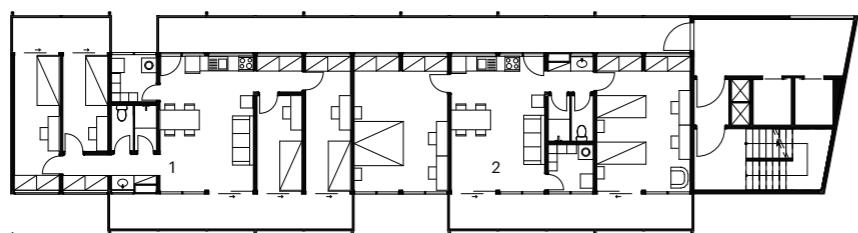


Passarela Superior Tipo 2

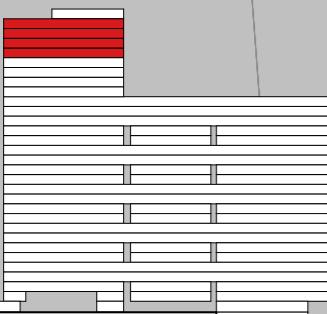








1. Apartamento quatro quartos
2. Apartamento dois quartos



Apartamentos Tipo 1



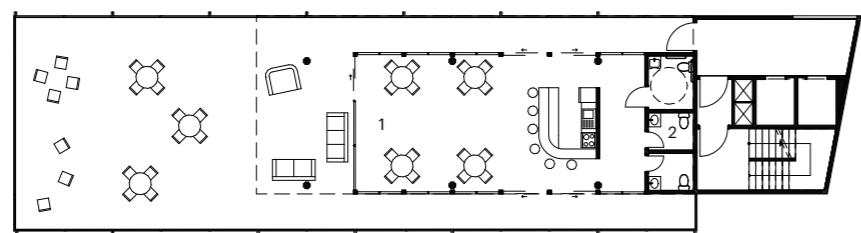
0

1

5

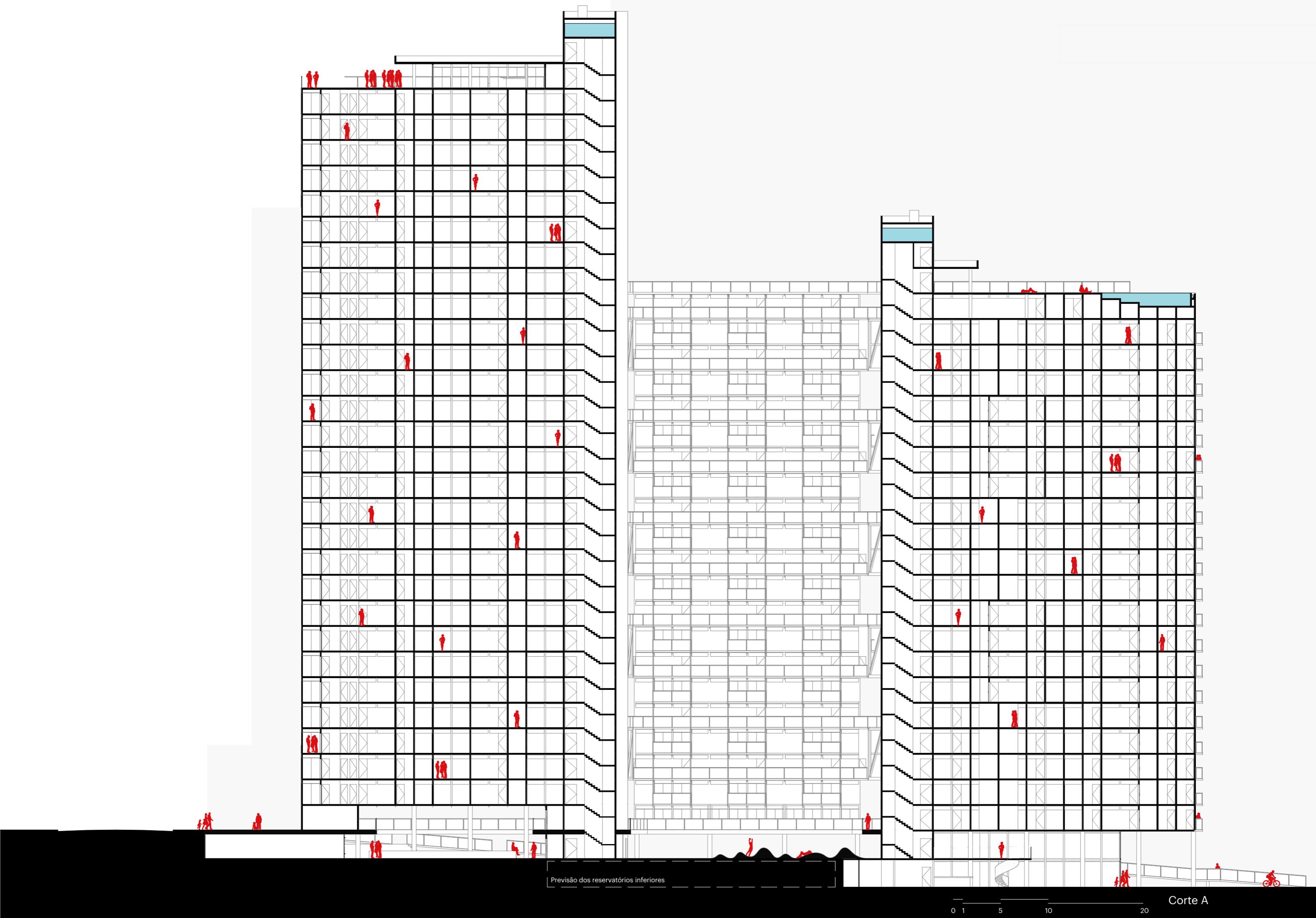
10

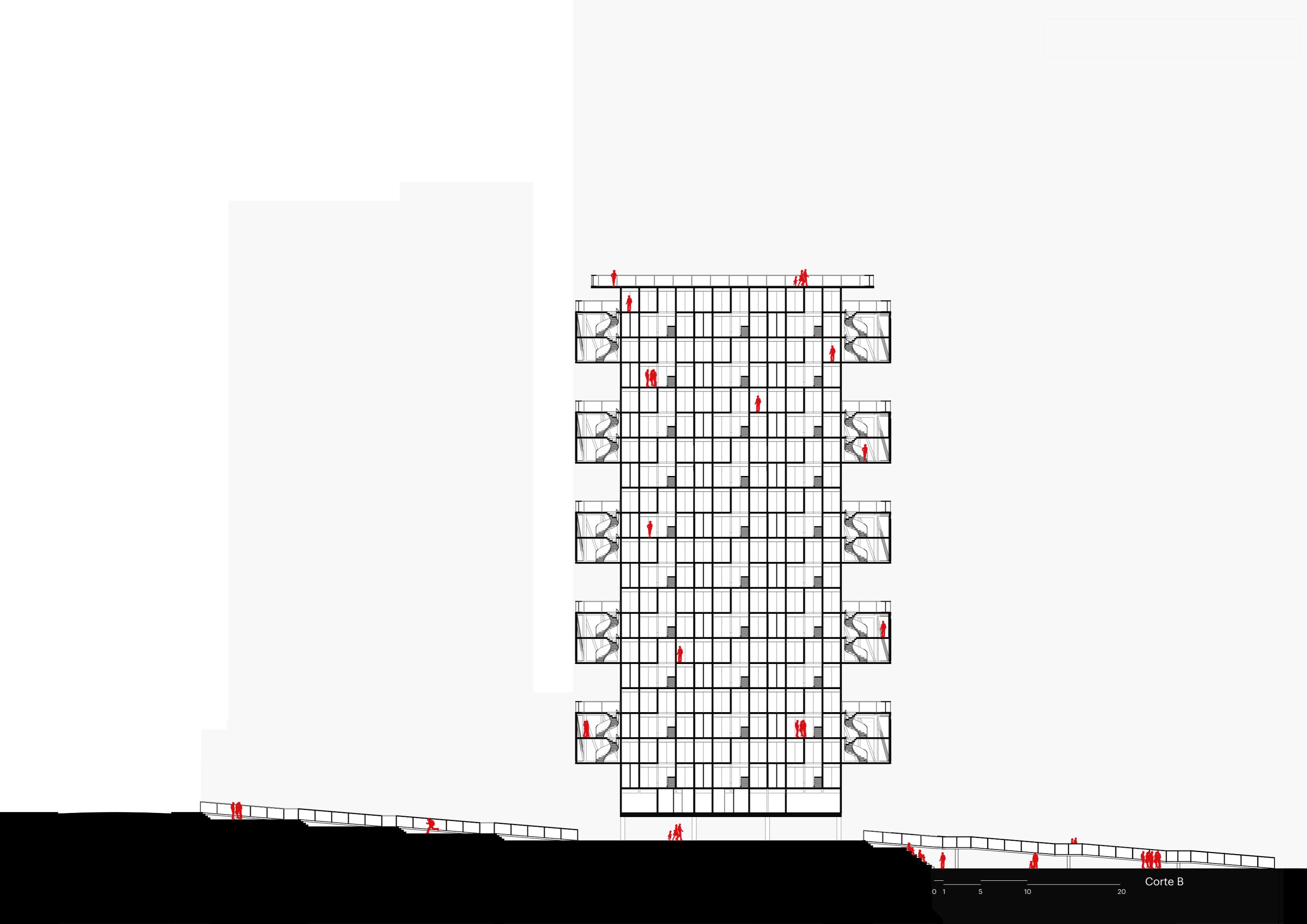
20



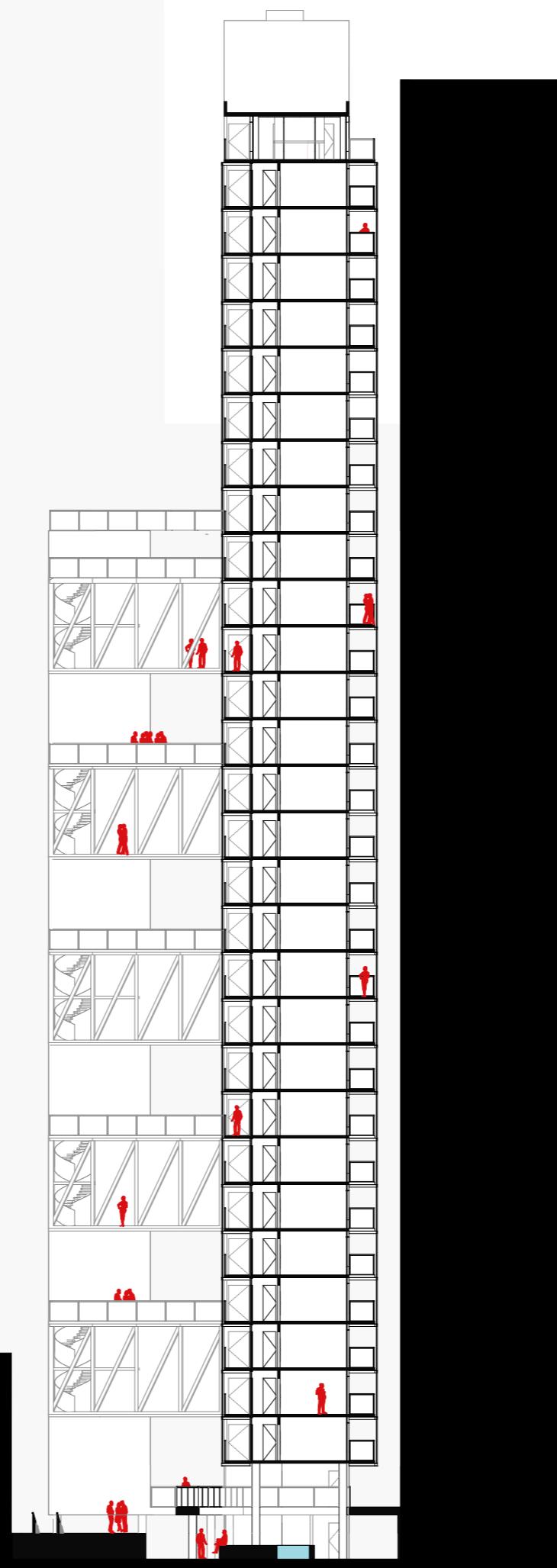
1. Espaço multiuso
2. Banheiros

Cobertura
0 1 5 10 20



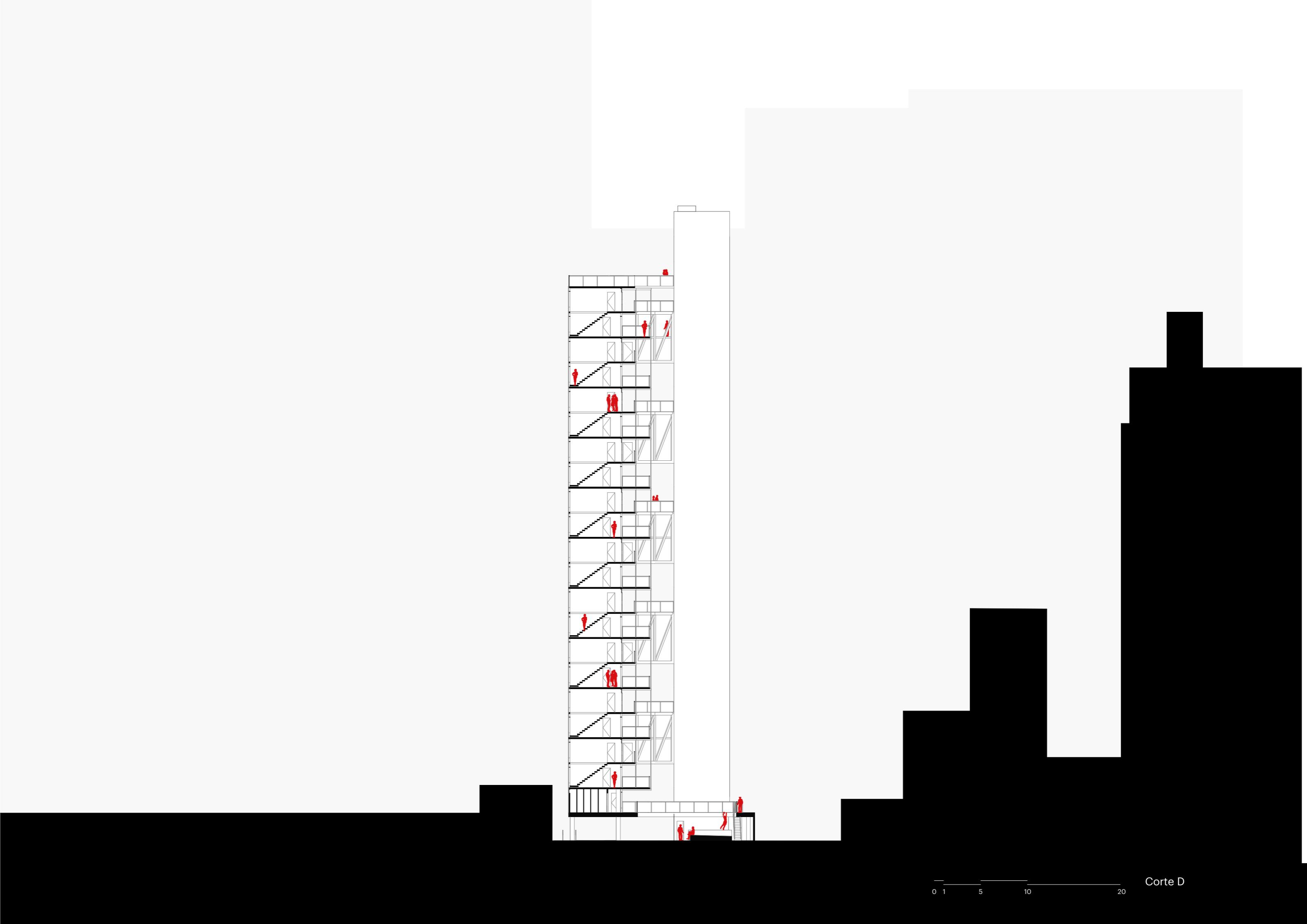


Corte B

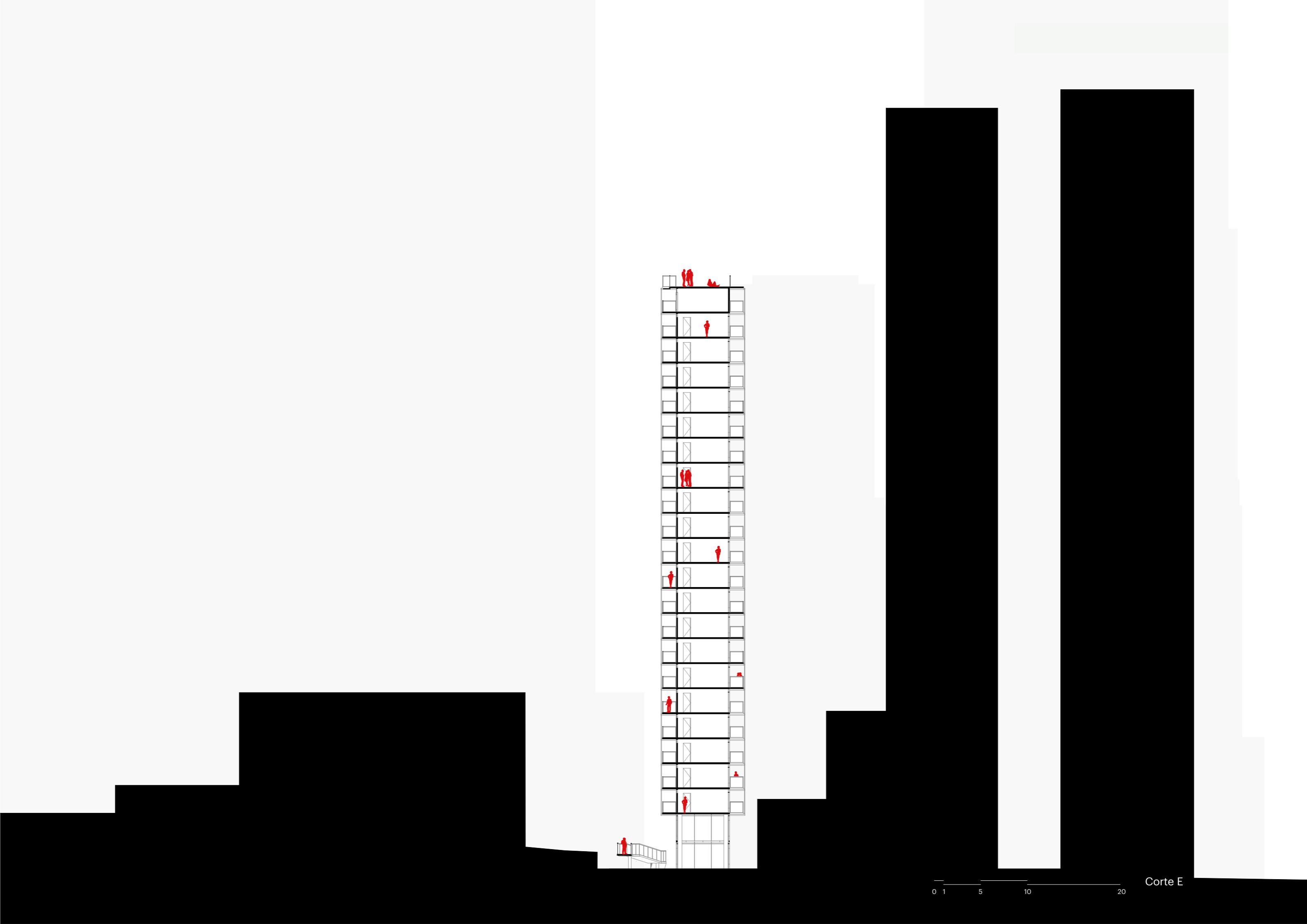


Corte C

0 1 5 10 20



Corte D



0 1 5 10 20

Corte E



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado do trabalho, mais do que a pesquisa e o próprio projeto, foi a experiência de projetar com um novo olhar.

Um olhar mais atento às relações humanas, mais atento às inúmeras possibilidades de encontros casuais, atento ao que o morador observa logo quando sai do elevador ou quando sai de seu apartamento

A atenção a estes detalhes durante o processo de projeto pode fazer do lugar onde moramos um local para a criação de amizades. Não só do lugar onde moramos, mas também onde trabalhamos, onde estudamos, onde passamos nossas horas de lazer.

Agora, para mim, depois desse percurso, é possível afirmar que sim, a arquitetura pode ajudar a criar espaços que favorecem os encontros, que tornem a convivência mais agradável, que respeitem a desejada solidão e que permitem que falemos com estranhos em casa.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

Alter, A. (7 de Junho de 2013). How to Build a Collaborative Office Space Like Pixar and Google. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em 99u: <https://99u.adobe.com/articles/16408/how-to-build-a-collaborative-office-space-like-pixar-and-google>

Beck, J. (22 de Outubro de 2015). How Friendships Change in Adulthood. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em The Atlantic: <https://www.theatlantic.com/health/archive/2015/10/how-friendships-change-over-time-in-adulthood/41466/>

Bond, M. (6 de Junho de 2017). The hidden ways that architecture affects how you feel. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em BBC: <http://www.bbc.com/future/story/20170605-the-psychology-behind-your-citys-design>

Costa, S. S. (2010). Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no Centro de São Paulo. Arquitetura e Cidade (1938/1960). São Paulo, São Paulo, Brasil. Acesso em 16 de Novembro de 2019, disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11012011-161418/publico/tese_SA-BRINAFONTENELE.pdf

Festinger, L., Schachter, S., & Back, K. (1950). Social pressures in informal groups; a study of human factors in housing. Stanford, California, EUA: Stanford University Press. Acesso em 16 de Novembro de 2019, disponível em <https://archive.org/details/socialpressuresioofest/>

Holt-Lunstad, J., Smith, T., Baker, M., Harris, T., & Stephenson, D. (10 de Março de 2015). Loneliness and social isolation as risk factors for mortality: a meta-analytic review. Perspectives on psychological science: a journal of the Association for Psychological Science, pp. 227-237.

Jong, T. (6 de outubro de 2016). Loneliness Is The Global Epidemic Of Our Times. Acesso em 1 de setembro de 2019, disponível em: https://www.huffingtonpost.com.au/tania-de-jong/loneliness-is-the-global-epidemic-of-our-times_a_21544979/

Kelly, J.-F. (2012). Social Cities. Grattan Institute, Melbourne, Australia. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em https://grattan.edu.au/wp-content/uploads/2014/04/137_report_social_cities_web.pdf

Kim, G. (2006). Designing the Cohousing Common House. Seattle, Washington, EUA: University of Washington. Acesso em 8 de Setembro de 2019, disponível em Cohousing Common House Design: https://issuu.com/schemaworkshop/docs/cohousing_common_house_design

Kim, G. (Abril de 2017). How cohousing can make us happier (and live longer). Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em TED: https://www.ted.com/talks/grace_kim_how_cohousing_can_make_us_happier_and_live_longer

Lima, J. D. (12 de Setembro de 2016). Como falar com estranhos. E por que a prática pode fazer bem. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em Nexo: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/12/Como-falar-com-estranhos.-E-por-que-a-pratrica-pode-fazer-bem>

Lima, J. D. (15 de Dezembro de 2018). Como a arquitetura urbana pode combater a solidão. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em Nexo: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/12/15/Como-a-arquitetura-urbana-pode-combater-a-solidao>

Rawlins, W. (1994). Being there and growing apart: Sustaining friendships during adulthood. Acesso em 28 de junho de 2020, disponível em Research Gate: https://www.researchgate.net/publication/245582791_Being_there_and_growing_apart_Sustaining_friendships_during_adulthood

Roberts, D. (27 de Dezembro de 2018). How our housing choices make adult friendships more difficult. Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em Vox: <https://www.vox.com/2015/10/28/9622920/housing-adult-friendship>

Simmel, G. (1903). As grandes cidades e a vida do espírito. Mana, v. 11, p. 577-591. Acesso em 19 de Novembro de 2019, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010#back1

Williams, A. (13 de Julho de 2012). Why Is It Hard to Make Friends Over 30? Acesso em 1 de Setembro de 2019, disponível em The New York Times: <https://www.nytimes.com/2012/07/15/fashion/the-challenge-of-making-friends-as-an-adult.htm>

PROJETOS

Arquitetos Associados. Redesenho Entorno Praça Liberdade. Belo Horizonte, MG, Brasil. Projeto: 2008. Conclusão: 2013

Arquitetos Associados. Moradia estudantil UNIFESP. São José dos Campos, SP, Brasil. Concurso. 2015

Atelier Kempe Thill. Zilverzijde. Haia, Países Baixos. Conclusão: 2014

Benedito Abbud. Praça São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Conclusão: 2015

CF Møller. Moradia Estudantil. Odense, Dinamarca. Conclusão: 2015

Dal Pian. Moradia estudantil UNIFESP. São José dos Campos, SP, Brasil. Concurso. 2015

Diller Scofidio + Renfro. Roy and Diana Vagelos Education Center. Nova York, EUA. Conclusão: 2016

gru.a. Caracol Bar. São Paulo, SP, Brasil. Conclusão: 2018

Grupo Garoa + Cura + Costa e Macedo Arquitetos. Moradia estudantil UNIFESP. Osasco, São Paulo. Concurso. 2015

Grupo SP. Moradia estudantil UNIFESP. Osasco, SP, Brasil. Concurso. 2015

H+F. Moradia estudantil UNIFESP. Osasco, SP, Brasil. Concurso. 2015

Kwong Von Glinow. The Table Top Walk-Up, Super Block and Tower. Nova York, EUA. Não construído. 2017

MMBB. Biblioteca Central de Rosário. Rosário, Argentina. Concurso. 2010

MVRDV. WoZoCo. Amsterdã, Países Baixos. Conclusão: 1997

Roger Stirk Harbour + Partners (arquitetura) e Gillespies (paisagismo). Riverlight. Londres, Reino Unido. Projeto: 2009. Conclusão: 2016

Roger Stirk Harbour + Partners. Merano. Londres, Reino Unido. Projeto: 2011. Conclusão: 2018

SANAA. Gifu Kitagata Apartment Building. Gifu, Japão. Projeto: 1994. Conclusão: 2000

Skidmore, Owings & Merrill. The New School University Center. Nova York, EUA. Conclusão: 2014

Sou Fujimoto Architects + Nicolas Laisné + OXO architects + Dimitri Roussel. L'Arbre Blanc Residential Tower. Montpellier, França. Conclusão: 2019

spbr. Residência de estudantes no Ourcq-Jaurès. Paris, França. Conclusão: 2015

Studio Boscardin.Corsi Arquitetura. The Coffee Pinheiros. São Paulo, SP, Brasil. Conclusão, 2019

Studio MK27. Livraria Cultura. São Paulo, SP, Brasil. Conclusão: 2012

Studio MK27. Casa Canal. Miami, EUA. Conclusão: 2017

Townshend Landscape Architects. Pancras Square, King's Cross. Londres. Conclusão: 2015

